

Joel Carlos de Souza Andrade

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

*Os Filhos da Lua: Poéticas Sebastianistas na Ilha dos  
Lençóis-MA*

Dissertação de Mestrado apresentada como  
requisito básico para obtenção do título de  
mestre em História Social, sob a orientação do  
Prof. Dr. Antônio Eurípedes Funes.

Fortaleza-CE

Novembro de 2002

*Os Filhos da Lua: Poéticas Sebastianistas na Ilha dos  
Lençóis-MA*

Dissertação apresentada por: Joel Carlos de Souza Andrade

Aprovada em: 13 de dezembro 2002

Banca Examinadora

  
Dr. Euripedes Antônio Funes (orientador)

  
Dra. Jacqueline Hermann (UFRJ)

  
Dr. Frank Pierre Ribard (UFC)

A565f

Andrade, Joel Carlos de Souza.

Os Filhos da Lua: Poéticas Sebastianistas na Ilha dos Lençóis -  
MA / Joel Carlos de Souza Andrade. \_ Fortaleza, 2002.  
165p.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará  
Orientador: Eurípedes Antônio Funes

1. Sebastianismo 2. Ilha dos Lençóis, MA – Memória 3. Ilha dos  
Lençóis, MA – Crença I. Funes, Eurípedes Antônio II. Título

*Os Filhos da Lua: Poéticas Sebastianistas na Ilha dos  
Lençóis-MA*

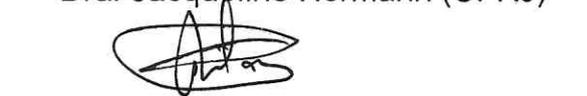
Dissertação apresentada por: Joel Carlos de Souza Andrade

Aprovada em: 13 de dezembro 2002

Banca Examinadora

  
Dr. Euripedes Antônio Funes (orientador)

  
Dra. Jacqueline Hermann (UFRJ)

  
Dr. Frank Pierre Ribard (UFC)

## DEDICATÓRIAS

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que acreditaram em mim e neste projeto. Em especial, à minha família, minha mãe Albertina, meu pai João, à comunidade dos Lençóis, à professora Auricélia com quem muito aprendi e sem a qual este não teria sido iniciado, ao professor Eurípedes por acreditar, estimular e compartilhar comigo esta experiência e à Juciene, companheira inseparável, mesmo à distância, dos sonhos e desafios que enfrentei.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter sempre colocado pessoas magníficas no meu caminho e dado forças para superar com otimismo todos os desafios que se apresentaram no decorrer da pesquisa e confecção do trabalho final.

Este trabalho é um sonho, um sonho dedicado aos infinitos apoios recebidos em todos os níveis: sejam afetivos, sejam financeiros. Do árduo caminho ao presente sem essas inúmeras figuras, em cada momento particular, este não teria sido concluído.

A minha mãe Albertina e ao meu pai João Vitorino, as irmãs Ana e Josivane e a Romerino, o caçula, no Sítio Catolé de Queimadas, interior da Paraíba; aos tios Raimundo, José e Margarida no *Sul Maravilha*; a tia Rita e família em Campina Grande; ao senhor Félix, dona Marilene, Fabrícia, Isabelle, Lidiene, Jefferson e Chico;

Nesta caminhada por terras desconhecidas encontrei figuras que fizeram com que eu não me sentisse um estrangeiro, seja no Ceará, seja no Maranhão:

Agradeço à comunidade de Lençóis, em especial: Senhor Macieira, Senhor Chico, Dona Neusa, Senhor José Mário, Dona Helena, Dona Telma, Senhor Evilásio, Dona Maria Tereza, D. Maria Bernarda, Senhor Biu, Senhor Simeão, Dona Laura e Senhor Mário;

A Tácito Borralho, teatrólogo, uma pessoa muito sensível, pelo apoio à pesquisa no Maranhão que foi de fundamental importância. Também no Maranhão, à Fundação de Cultura pelo incentivo financeiro que me possibilitou a realização de dois trabalhos de campo; ao pai-de-santo Carlos do Portinho, da Casa São Sebastião pela contribuição na minha compreensão sobre o universo da pajelança e do culto da mina na região de Cururupu; a Mariano Pinzón cujo apoio em Cururupu foi fundamental;

Ao estimado amigo Rameres Régis e sua companheira Mazé cujo apoio sempre foi uma constante;

Ao amigo Edmilson Maia e família, companheiro de músicas, conversas e apoios nunca ausentes;

A Sebastião Gonçalves pelas inúmeras contribuições a este trabalho desde o momento de sua gestão até a reta final. Grande Sebastião!

A Luís César, uma doce alma, mais que um amigo, um irmão;  
Ao "Mestre Antônio" pelo incentivo constante;  
A Eriosvaldo Barbosa, companheiro das primeiras caminhadas pelas terras alencarinhas;  
A Marcelo Wagner, outro paraibano em terras cearenses, pelo incentivo e amizade;  
A Napoleão Rangel que com paciência, profissionalismo e amizade compartilhou esta reta final do trabalho;  
A Régia Agostinho, pelo apoio e grande amizade que construímos;  
Ana Lúcia Rosa, companheira de luta pela sobrevivência e permanência em Fortaleza frente os desafios apresentados;  
A Ana Rita, pelo acolhimento numa terra que poderia ser estranha para mim;  
A amigo Manoel Carlos Fonseca, o grande poeta e amigo e sua família;  
A Manoel Coelho, companheiro na orientação;  
Ao professor Agileu pela oportunidade de trabalhar no projeto Magister/UECE;  
Aos outros companheiros do mestrado: Ana Maria Braga, Allysson Bruno e Xirsley;  
Aos funcionários do Departamento de História, em especial Regina, Constantino e Augusto;  
A Washington Rodrigues, cartógrafo do IBGE que me auxiliou na confecção do mapa do arquipélago de Maiaú com a colaboração de Ângelo Demetrius;  
Aos amigos mais recentes: Daniela, Vânia, Iza, Fabiano, Nuno, Ana Carla, Alúcio, Isaíde e Diocleciana;  
Ao professor Frank Ribard e ao professor Ismael Pordeus Jr. que participaram da banca de qualificação dando-me importantes sugestões;  
A professora Jacqueline Hermann pelas sugestões e atenção nunca dispensadas;  
A amiga-professora Socorro Rangel por sempre acreditar em mim;  
Aos professores Luciano Mendonça, Durval Muniz, Celso Gestemeier, Antônio Clarindo, Eronildes Câmara, Fábio Gutemberg e Alarcon Agra da UFCG pelo incentivo;  
Aos antigos amigos da ex-UFPB Campus II: Carlos, Tatiana, Sérgio, Wellington, Gustavo, Glayds, Raquel, Karine, Élder, Alekssandra, Fabiana, Zizo e Ezilda;

Aos colegas professores, em especial Olivenor, e alunos da FAFIDAM;

A minha eterna amiga-irmã Kyara;

A Auricélia Lopes, orientadora de elaboração do projeto de mestrado e incentivo;

Ao meu orientador Eurípedes Funes: um professor, um pai, um amigo;

A Juciene que encantou-me com as poesias de Vinicius e deu um outro significado a minha vida.

*(...) como diz o próprio Rei Dom Sebastião quando vem aos terreiros ajudar aqueles que precisam da sua ajuda espiritual, ele sempre diz que ninguém não está sujeito a se ferir nos agudos espinhos aqui dentro dessa terra(...)*

**Carlos do Portinho, pai-de-santo**

13

13

136

144

154

156

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	12
<b>Capítulo I: Geografia de uma religião: tráficos/tráfegos do crer e a reatualização da crença sebastianista no Maranhão</b> .....	24
1.1 Sebastianismo: uma tradição em tráfico.....	26
1.2 Um Rei “Encoberto” ou um Rei morto/vivo.....	30
1.3 Nas trilhas do Rei: caminhos perdidos, caminhos reencontrados.....	35
1.4 Imagens e impressões: tecendo olhares.....	39
1.5 Entre encantos e possessões: o sebastianismo se reatualiza no Maranhão.....	53
<b>Capítulo II: <i>E assim se encontrou a vontade e o desejo</i> na ilha do encantado Rei Dom Sebastião</b> .....	64
2.1 <i>A Cidade de Riba</i> : o cenário e os narradores de uma história.....	68
2.2 <i>A Cidade do Fundo</i> : no Reino Encantado de Rei Dom Sebastião.....	84
2.3 Da Lenda do Touro Encantado aos Filhos da Lua: poéticas sebastianistas na Ilha dos Lençóis.....	96
<b>Capítulo III: As Práticas Sebastianistas na Ilha dos Lençóis</b> .....	106
3.1 A crença no Rei Dom Sebastião dos Lençóis.....	107
3.2 O Rei e a cura: manifestações sebastianistas na pajelança.....	116
3.3 Espaços onde o Rei ganha vida: a mina.....	123
<b>Capítulo IV: Os Contos e Cantos da Memória</b> .....	133
4.1 Narradores do sagrado: os contos da memória.....	136
4.2 Vozes que clamam: os cantos da memória.....	144
<b>Considerações finais</b> .....	154
<b>Fontes e Bibliografia</b> .....	156

## INDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Vista parcial do povoado.....	65
Figura 2: Dona Neusa.....	79
Figura 3: Vista parcial da <i>cidade de riba</i> .....	83
Figura 4: Senhor Macieira sob as dunas.....	97
Figura 5: Senhor Chico Rabelo.....	115
Figura 6: Ritual da Mina em Lençóis.....	131
Figura 7: Telma Maria.....	145

### Mapas

Mapa 1: Mapa do Arquipélago de Maiaú.....	72b
---	-----

## RESUMO

### Os Filhos Da Lua: Poéticas Sebastianistas Na Ilha Dos Lençóis - MA

O sebastianismo representa uma tradição, de origem portuguesa, que emergiu com o desaparecimento do Rei Dom Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, norte da África em 1578. Tal acontecimento foi visto como um forte dispositivo para construção de uma tradição pela sociedade portuguesa, letrados e populares, que a expandiram para as colônias. No Brasil, várias experiências reatualizaram a tradição desde o período colonial aos movimentos sebastianistas do século XIX. Este trabalho visa, justamente, repensar os lugares dado ao sebastianismo a partir de uma análise da crença sebastianista vivenciada pela comunidade de Lençóis, litoral do Maranhão. Ali, construiu-se um imaginário que legitima cotidianamente a presença do Rei Dom Sebastião, reverenciado nos rituais da pajelança e da mina, visibilizado nas imagens e nas narrativas que constituem práticas e fragmentos de uma memória. Dom Sebastião é o dono da ilha que está dividida em dois mundos: o de *cima* e o de *baixo*. Da relação entre esses dois se construiu o sebastianismo de Lençóis. No presente texto discute-se os significados históricos da apropriação da figura de Rei Dom Sebastião, que leituras fazem os habitantes, que laços de identificação são construídos e quais os espaços onde o Rei ganha vida. Portanto, o Rei Dom Sebastião em Lençóis não é mais o monarca que voltará para Portugal, mas uma entidade que está ligada aos rituais da pajelança e aos terreiros de mina e que possibilita a construção de uma memória histórica.

Palavras-chave: sebastianismo, memória, Ilha dos Lençóis

## ABSTRACT

### Sons Of The Moon: Sebastianist Poetics On Lençóis Island, Maranhão State

The sebastianism constitutes a Portuguese tradition which appeared when the King Sebastian disappeared on Alcacer Kibir battle in 1578. Such event was seen as a strong device to a tradition construction by the different Portuguese society, erudite and popular, who expanded it to the colonies. In Brazil, several experiences took place reviving the tradition since the colonial period through the Nineteenth. This work aspire exactly to think more about the view pointed to the sebastianism based on the analyze of the its belief vivified by Lençóis Island community, Maranhão State coastland. There was built an imaginary which legitimated Don Sebastian presence daily who is revered on the *pajelança* and *mina* rituals and manifested by images and narratives which constitutes practices and memory fragments. The King Sebastian's Island is divided into two worlds: the upper one and the down one. From the relation between them the sebastianism in Lençóis Island was formed. So this text discuss the historical meanings from the Don Sebastian appropriation, which lectures are made by people and what links of identification are built and in what spaces the King became alive. Therefore, Don Sebastian from Lençóis Island is not the monarch who will return to Portugal but an identity connected to the *pajelança* and *terreiro de mina* what possibilitated a formation of a historical memory.

Key-words: sebastianism, memory, Lençóis Island

## INTRODUÇÃO

*Tínhamos apreciado esses entrecruzamentos de experiências e vozes, esses relatos de momentos e lugares, esses gestos que vinham de tão longe, fragmentos de vida cujos segredos e astúcias poéticas teciam o pano de um tempo logo perdido, efêmeras invenções dos "heróis obscuros" do ordinário, "artes de fazer" que compõem sem palavras uma "arte de viver".<sup>1</sup>*

Luce Giard

A escolha de uma certa temática como objeto de estudo pode ter relações bastante próximas com a visão de mundo que se constrói durante a vida.

Desde a infância, os contatos com os livretos de contos de fadas e as leituras de folhetos de cordel tiveram um papel fundamental no meu interesse pelo mundo da leitura: os primeiros me estimularam a viajar pelo mundo dos sonhos e nele acreditar, tentando construir um lugar onde o sonhar significasse um campo aberto de possibilidades; já o cordel possibilitou-me um contato mais intenso com a escrita poética.

Lógico que não se pode resumir a escolha de uma temática e nem medir o grau de envolvimento com essas duas colocações. Entram interações, contatos e fluxos que possibilitaram um amadurecimento em torno da escolha e dos diálogos que foram se construindo a partir de uma experiência acadêmica.

O Rei Dom Sebastião apareceu para mim como uma figura emblemática: destacado por Luís de Camões e Fernando Pessoa no campo literário, em épocas diferentes, também está presente na historiografia portuguesa, principalmente do século XIX. Desses contatos começaram os meus primeiros passos no encontro com este Rei, numa relação entre a história e a literatura, procurando perceber como esses dois campos de saber produziram olhares diferenciados, que ao mesmo tempo se entrecruzavam,

<sup>1</sup> GIARD, Luce. Apresentação. In: CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – 2 Morar, Cozinhar*. 3ª edição, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996. p. 29.

sobre o Rei Dom Sebastião. Ler sobre este personagem era algo que me fascinava. Ora visto como o grande rei, ora como o *louco*, o *ousado*, enfim, um personagem multifacetado.<sup>2</sup>

Foram desses contatos iniciais que surgiu a possibilidade de articular uma proposta de pesquisa para o Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará. Partindo das leituras iniciais, a idéia se consolidou quando tomei conhecimento de uma comunidade que, no litoral noroeste do Maranhão, convivia com a presença de Rei Dom Sebastião.

A Ilha dos Lençóis apareceu-me como uma comunidade marcada por algumas singularidades construídas historicamente. Por um lado, belezas naturais como praias, lagoas de águas cristalinas, dunas que encobrem grande parte do território, fartura de camarão e peixes, durante todo o ano, mas também um lugar de um povo *estranho*, *sufrido*, marcado pelo albinismo e a crença no Rei Dom Sebastião.

Estas foram as primeiras imagens que tive sobre a comunidade de Lençóis, através da reportagem "*Os Filhos da Lua*", produzida pela TV Mirante de São Luís do Maranhão.<sup>3</sup> Como albinos, alguns habitantes da ilha sofriam com problemas de pele e com o preconceito.

A matéria produzida no ano de 1998, pelo repórter Sidney Pereira, enfatiza o alto índice de albinismo historicamente presente na comunidade. E a ilha é mostrada como um lugar isolado onde vivem pessoas presas a um mundo mágico, relacionando-se única e exclusivamente com o Rei Dom Sebastião, o *Mestre*. Tal imagem causou-me inquietação e ao mesmo tempo curiosidade.

Aguçado por um espírito aventureiro, queria conhecer aquelas pessoas e com elas dialogar, percorrer aquele mundo de sonhos. Mundo de um povo que, diferente da maioria dos humanos, foge do sol e vive intensamente à noite. Que povo seria este? Seriam os *cimerianos* aos quais se refere Homero na

---

<sup>2</sup> ANDRADE, Joel Carlos de Souza. *Sonhos De Um Homem; Projetos De Um Herói: A Construção do Mito de Rei Dom Sebastião* foi apresentado na forma de comunicação livre no II Encontro Nacional de História e Informática, realizado em Uberlândia-MG, aos 05 de maio de 1999 e depois redefinido para um projeto de monografia de conclusão de graduação *Nas Trilhas da Vida e nos Ecos da Esperança: A Lenda de Dom Sebastião na Ilha de Lençóis*. Campina Grande, PB, UFPB, março de 2000. (mimeo.)

<sup>3</sup> TV Mirante, São Luís, Maranhão, 1999.

*Odisséia*? Aqueles que habitam no *limite do mundo* e não vêem o sol, estando na eterna noite “*sempre estendida sobre aqueles desventurados mortais.*”<sup>4</sup>

Não são. Admitir a semelhança com os seres *cimerianos* é cair na mesma teia que enclausura as diferenças. Eles não estão em uma outra esfera, os habitantes de Lençóis estão nesse mundo e compartilham experiências comuns a todos os sujeitos que vivem em sociedade. Suas lutas, sonhos e esperanças os impulsionam a viver diferentemente dos *cimerianos*. Portanto, não podia me acomodar à visão passada pela reportagem da TV Mirante.

Caminhando por terrenos desconhecidos, saí com um olhar de inquietação, construído a partir dessas imagens e das leituras sobre o referencial da crença sebastianista portuguesa. Entendendo que os modelos não se encaixam e que toda experiência é singular, o início da pesquisa foi marcado por todo um estranhamento que me levou a uma redefinição do olhar sobre o sebastianismo.

Em Lençóis, o sebastianismo está vinculado aos rituais da pajelança e aos terreiros de Mina, embora não sejam os únicos espaços. Cada ritual tem suas singularidades em termos de historicidade e de apropriação pela comunidade na sua relação com o Rei Dom Sebastião. Todavia, ao mesmo tempo em que se diferem, aproximam-se e se juntam no momento da “*performance ritualística*”. Nesse momento, o Rei não é apenas *espera*, ele é *presença* e sua relação com os sujeitos, moradores de Lençóis, institui práticas.

O Rei Dom Sebastião está vivo em Lençóis. Este estudo é, portanto, uma oportunidade de trabalhar com uma experiência viva, pulsante. Saber como este Rei tem sido apropriado pela comunidade e quais os significados dessa apropriação e como a crença, em termos históricos, é vivenciada e parte constituinte de uma memória são questões que orientaram a minha trajetória de pesquisa.

Sabe-se que o sebastianismo se constituiu numa tradição que perpassou a metrópole e expandiu-se por todas as colônias portuguesas ganhando

<sup>4</sup> HOMERO. Livro XI. In: *A Odisséia*. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint, s/d. “*Chegamos, afinal, à profunda corrente do Oceano, que é o limite do mundo. Ali fica a cidade do povo cimeriano, envolta pela névoa pelas nuvens. O ardente Hélios jamais a olha de cima com seus raios, nem quando se eleva ao constelado firmamento, nem quando regressa do céu à Terra: abominável noite está sempre estendida sobre aqueles desventurados mortais. Ali pusemos os pés e caminhamos ao longo da praia até encontrarmos o lugar que Ciria havia descrito.*” p. 163.

múltiplos significados. Por este caminho, trabalhar com o sebastianismo de Lençóis implica analisar suas especificidades históricas e culturais.

Novas questões foram emergindo, levando-me a realizar outras leituras e aprofundar temáticas antes desconhecidas que meu olhar de iniciante não deixava perceber.

Uma primeira reflexão começou com o livro *No Reino do Desejado* de Jacqueline Hermann<sup>5</sup>, um excelente estudo sobre a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII. Esta leitura possibilitou um conhecimento melhor do referencial português sobre o sebastianismo. Todavia, ao analisar as singularidades da experiência de Lençóis tornou-se necessário uma ampliação do campo de abordagem pelo próprio espaço historiográfico no qual está inserida a minha temática. Assim, ao mesmo tempo em que ampliei o diálogo, precisei, também, fazer recortes e escolhas.

A emergência da História Social nas últimas décadas possibilitou ao historiador todo um repensar sobre o saber-fazer de sua disciplina. Esse novo campo de discussão é marcado por um forte diálogo com as demais ciências sociais, abrindo-se para novas abordagens e análises sobre os sujeitos históricos e suas experiências nas diferentes dimensões do social.

Enfatiza-se o papel da cultura como construtora de uma dada visão de mundo, possibilitando o recorte do nosso objeto a partir da ampliação do campo de análise que se estende para além de uma idéia fechada e tradicional de história e de documento que acabam por não dar conta de questões mais amplas que perpassam as relações sociais.

Os escritos sobre Lençóis geralmente tendem a *folclorizar* a experiência da comunidade. Tanto os folcloristas<sup>6</sup> quanto os jornalistas<sup>7</sup> exacerbam esse lugar do estranho e misterioso, construindo a imagem de um lugar com pessoas “*não desse mundo*”, e que não compartilham as mesmas expectativas que todos seres humanos têm da vida. Enfatiza-se também uma

<sup>5</sup> HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

<sup>6</sup> Utilizo o conceito *folclorização* me referindo à construção de uma imagem edênica, estranha e estaticizada da crença sebastianista de Lençóis. Fiz um levantamento de alguns textos que constroem essas imagens: CARNEIRO, Alberico & NASCIMENTO, Jorge. *Lençóis: Um Paraíso Perdido*. São Luís: SIOGE, 1986 ; FERNANDES, José Silvestre. *Lençóis: Um Reino Encantado* (1ª publicação em 1942). São Luís: SIOGE, 1986; SILVA, Edmundo. *Um Éden em Cururupu*. São Luís: SIOGE, 1986.

<sup>7</sup> Os Filhos da Lua na Ilha dos Lençóis. Rio de Janeiro: *Revista Manchete*. 24/05/1980.

estaticidade das práticas culturais como se o tempo fosse inerte e as vivências não se resignificassem nesse tecido esgarçado e sempre a mercê das mudanças, como afirmou Georges Duby.<sup>8</sup>

Entretanto, acredito, como afirma Thompson, que todo esse material é importante e não deve ser negligenciado pelo historiador, consistindo em “*interpretações alternativas*”. Ou seja, a preocupação do historiador, apoiado pela antropologia, não deve ser com a construção de novos modelos, mas com o questionamento, com a localização de novos problemas a partir de um novo olhar.<sup>9</sup>

Por isso, nossa questão passa pela idéia de experiência viva, de entender como os moradores de Lençóis se relacionam com o Rei Dom Sebastião. Neste diálogo, nossa proposta é escutar suas vozes e analisar suas práticas cotidianas e o que isto constitui em termos de historicidade, em termos de memória. Assim, os textos de folcloristas e de literatos aparecerão como informações e dados complementares, pois a ênfase recairá nas falas dos atores que entram em cena como sujeitos e não como meros figurantes.<sup>10</sup>

Dessa forma, o historiador não pode encarar as experiências com um olhar fechado como em determinadas abordagens que utilizam categorias como *devaneio*, *superstição*, *misticismo*, *folclorização* ou outras para nomear práticas *menores*, e que em minha concepção de história simplificam e não dão conta da complexidade das experiências vivenciadas por sujeitos históricos num determinado tempo e espaço.<sup>11</sup>

Ao afastar-me dessa postura fechada e determinista, abro-me para um diálogo com os diversos campos do saber, para deles tirar aquilo que me possibilitou um aprofundamento das questões que emergiram no decorrer do trabalho, já que ele se constitui num processo sempre em construção, nunca acabado e nunca esgotado.

Assim, ter a crença sebastianista de Lençóis como objeto de estudo apontou para diálogos com algumas categorias de análise que precisam ser

<sup>8</sup> DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ UFRJ, 1993. p.74.

<sup>9</sup> THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia y História Social. In: *Historia Social y Antropologia*. México: Cuadernos Secuencia, 1994. p. 56.

<sup>10</sup> THOMPSON, E. P. *Op. Cit.* p. 61.

<sup>11</sup> Sobre esta abordagem ver: VALENTE, Waldemar. *Misticismo e Região*. Recife, PE: FUNDAJ, 1963 VALENSI, Luccette. *Fábulas da Memória.- A Gloriosa Batalha dos Três Reis*. Lisboa: ASA, 1996. p. 206.

pontuadas. Partimos da idéia de que todas as questões históricas não têm respostas prontas, nem necessariamente um único canal de explicação. As respostas partem das nossas relações com o objeto, da nossa leitura de documento e das nossas escolhas.

A abordagem do nosso objeto de estudo está ligada à noção de crença. E por *crença* entendo não o objeto do crer (um dogma, um programa, um axioma etc.), mas o investimento das pessoas nesse objeto e o ato de enunciá-la sentindo-a verdadeira. Enfim a relação dos sujeitos com o objeto crido ou, ainda, como chama a atenção Michel de Certeau, a crença deve ser pensada como *uma modalidade e não (a partir) do seu conteúdo*.<sup>12</sup>

Crença, nesta perspectiva, é uma experiência viva, vibrante, não consistindo num conteúdo pronto e acabado, é um investimento de vidas e de sonhos. Uma capitalização de desejos pululantes, uma poética, onde sujeitos históricos inventam e fabricam um mundo como afirma Certeau.

Mas fabricar esse mundo implica também num “tráfico do crer”, pois numa dada realidade as pessoas subvertem a ordem imposta construindo micro-espacos de liberdade e de resistência que desautorizam silenciosamente uma lógica imposta, seja pelos homens ou pela natureza. Portanto, ao se apropriarem de uma dada tradição esses sujeitos inventariam formas e modos de usá-la a partir de suas inquietações e interesses.

Neste sentido, foi inspiradora a leitura do livro *O Dossel Sagrado*, do sociólogo Peter Berger, que possibilitou a análise da crença sebastianista numa perspectiva histórica à medida em que concebe a importância da religião na construção de uma certa visão de mundo a partir de três conceitos: a *exteriorização* como a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, tanto na atividade física quanto mental; a *objetivação* como conquista dos produtos dessas atividades (física e mental) de uma realidade que se defronta com os “seus produtores originais como facticidade exterior” e distinta desses últimos; e a *interiorização* como a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos

---

<sup>12</sup> CERTEAU, Michel de. Uma Arqueologia – Tráfico do Crer. In: *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 281-286.

homens, transformando-a “novamente em estruturas da consciência subjetiva”.<sup>13</sup>

Também tive a inspiração do trabalho do antropólogo Edward Evans-Pritchard, em *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, que resgata a experiência do povo Zande, no interior da África Central, no início do século XX. A obra mostra como a noção de *bruxaria* tem um significado importante para a comunidade, permeando todas as ações vivenciadas pelos indivíduos no cotidiano e instaurando regras políticas, jurídicas e sociais. “O conceito de *bruxaria* fornece aos Azande uma filosofia natural, por meio do qual explicam as relações entre os homens e o infortúnio, e um meio rápido e estereotipado de reação aos eventos funestos”.<sup>14</sup>

No campo historiográfico, um passo importante nessa direção foi dado por Mircea Eliade em meados da década de 1950. Se por um lado, a história das religiões enfatizava o estudo das *grandes doutrinas* como o cristianismo, o budismo, o induísmo e o islamismo, por outro, relegava determinadas práticas consideradas “menores”, possibilitando assim a pesquisa de etnógrafos, sociólogos e psicólogos. Só a partir do momento em que a nossa disciplina se abre para dialogar com esses campos de saber é que se apresenta a possibilidade de uma análise no sentido de compreender como determinados grupos sociais vivenciam suas práticas, imprimindo-lhes significados próprios. Afirma Eliade que a história das religiões pode ser escrita à medida que os feitos religiosos são estudados num plano específico de manifestação, que por sua vez, sempre é histórico: são visões, pedras, árvores etc. que ganham significados no plano religioso e estão intrinsecamente ligados à história.<sup>15</sup>

Também, nesta perspectiva, não há possibilidade de se encontrar no mundo ou na história um fenômeno religioso *puro* e perfeitamente *originário*. Sempre há modificações, recriações, esquecimentos ou empobrecimentos das concepções religiosas, das criações mitológicas, dos ritos e das técnicas de êxtases. Por isso, reforça Eliade, mesmo incluindo uma leitura estruturalista:

<sup>13</sup> BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado – Elementos Para Uma Teoria Sociológica da Religião*. 3ª edição, São Paulo: Paulus, 1985 p. 15.

<sup>14</sup> EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 56.

<sup>15</sup> ELIADE, Mircea. *El Chamanismo y las Tecnicas Arcaicas del Extasis*. 5ª edição. México: Fondo de la Cultura Economica, 1994. p. 14.

Ninguna religión es enteramente *nueva*, ningún mensaje religioso puede abolir enteramente lo pasado, se trata más bien de refundición, de renovación, de revalorización y de integración de los elementos – desde luego, de los más esenciales! – de una tradición religiosa inmemorial<sup>16</sup>

Portanto, uma concepção religiosa é marcada por mudanças e reelaborações. As práticas religiosas têm, na verdade, um papel integrador para a comunidade, sendo um dos elementos construtores de uma memória. As práticas xamânicas, através de suas várias manifestações vivenciadas em grupo (sonhos, rituais e músicas), constituem um lugar de criação poética, um lugar onde se fabrica uma tradição.

A tradição sebastianista produzida pela historiografia portuguesa e brasileira foi demarcada por uma polaridade em torno de suas apropriações: de um lado, significava a volta do soberano português para a Pátria, tirando seus filhos da ruína; por outro, seu uso por populares e figuras marginalizadas - seja em Portugal ou no Brasil - é interpretado como *aberrações* de um movimento maior.<sup>17</sup> São leituras que restringem as abordagens. Há portanto a necessidade de um trabalho que trate das múltiplas experiências a partir dos seus interlocutores, explorando suas concepções de mundo e seus laços de identificação.

Constrói-se em cada experiência sebastianista uma identidade baseada em uma memória histórica nutrida a partir de lembranças de um passado glorioso ou do sofrimento compartilhado pelos sujeitos. Na Ilha dos Lençóis, a experiência é exteriorizada nas várias nos rituais, narrativas e cantos, através de uma *vocalidade* que está dispersa e se une num único momento, o da *performance*. De acordo com Paul Zumthor:

As vozes cotidianas dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalham o real; a voz poética os reúne num instante único – o da performance-, tão cedo desvanecido que se cala; ao menos, produz-se essa maravilha de uma presença fugidia, mas *total*.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> ELIADE, Mircea. *Op. Cit.* p. 28.

<sup>17</sup> Semelhante abordagem é realizada por autores como: João Lúcio de Azevedo, em *A Evolução do Sebastianismo* e Waldemar Valente, em *Misticismo e Região*.

<sup>18</sup> ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. Esta discussão sobre o conceito de *performance* também é trabalhada por AUSTIN, J. L. *Quand dire, c'est faire. Editions du Seuil, 1962*. Nesta obra o autor justifica o seu método: escolheu a linguagem ordinária para analisar o real por entender que ela não é banal, propondo que a idéia da

Para se analisar os diversos espaços que dão suporte ao sebastianismo vivenciado pela comunidade de Lençóis, seja nos terreiros, nas pajelanças ou nas diversas narrativas, percebi a necessidade de realizar este diálogo com Paul Zumthor. Sua abordagem enfoca como determinados sujeitos históricos se apropriam de uma dada tradição, reinventando-a, dando-lhe um outro significado. No momento da *performance* se constrói uma poética, fabrica-se uma outra visão de mundo cujos significados para o historiador atento possibilitam a compreensão do movimento cotidiano dos sujeitos e os elementos constitutivos de uma memória e sua historicidade.

Metodologicamente, o trabalho de um historiador se opera pelas escolhas que faz através da aproximação de determinadas teorias e da leitura de suas fontes. Por isso, trabalhar com os espaços e narrativas que dão inteligibilidade à crença no Rei Dom Sebastião, em Lençóis, nos obrigou a realizar um diálogo com memórias através da análise de fontes orais entendidas como um documento carregado de interesses e significações.

O uso da história oral nasce a partir das críticas aos historiadores documentalistas tradicionais. Mas não podemos entendê-la apenas como mais uma fonte para "*descobrir o que realmente aconteceu*". Ao considerar outros aspectos, o historiador poderá entender

(...) as razões que levaram os indivíduos a construírem suas memórias de determinada maneira, e (...) como o processo de relembrar pode ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual.<sup>19</sup>

Entendo-se a fonte oral como um documento, pode-se fazer uma aproximação com a seguinte de Jacques Le Goff :

O documento não é inócuo. É antes de tudo, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas

---

"verdade ou falsidade de uma afirmação não depende apenas da significação das palavras, mas das circunstâncias precisas em que o ato é efetuado." p.20. (Tradução minha).

<sup>19</sup> THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael & HAMILTON, Paulo. *Os Debates Sobre Memória: Alguns Aspectos Internacionais*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos & Abusos da História Oral (org.)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998. p. 66.

durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio.<sup>20</sup>

O documento resulta, na concepção de Le Goff, do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro, voluntária ou involuntariamente, uma determinada imagem de si próprios. Neste sentido, trabalharemos com as narrativas dos moradores da Ilha dos Lençóis, escolhidos a partir do grau de envolvimento desses sujeitos na construção da crença sebastianista e da leitura de uma memória histórica.

É chegada a hora, então, de seguir pelas trilhas do Rei Dom Sebastião e viajar pelo imaginário da Ilha dos Lençóis. Eis o percurso:

**Capítulo I: Geografia de uma Religião: Tráficos/tráfegos do Crer e a Reatualização da Crença Sebastianista no Maranhão.** Os caminhos do sebastianismo são múltiplos. As experiências multifacetadas. Incorporado nos mais diversos lugares, o Rei Dom Sebastião, desaparecido em Marrocos, continuou vivo nos mais diferentes domínios portugueses. Este capítulo, todavia, não tenta dar conta de todas as experiências e nem se propõe a fazer uma análise ampla do sebastianismo no Brasil, mas realçar alguns pontos importantes que possam localizar a discussão. Em **O Sebastianismo: Uma Tradição em Tráfico** a ênfase recai sobre a construção do mito sebastianista, seu tráfico para as colônias e sua apropriação assim como o lugar dado às visões e sonhos em detrimento de narrativas que buscavam uma resposta plausível para o desfecho da batalha de Alcácer Quibir; já **Um Rei “Encoberto” ou um Rei morto/vivo?** trabalha-se com a incerteza e expectativas criadas em torno da morte ou não do Rei Dom Sebastião influenciada pela discussão da leitura profética das *Trovas* de Bandarra; **Nas Trilhas do Rei: Caminhos Perdidos, Caminhos Reencontrados** aborda-se a apropriação da figura do Rei Dom Sebastião em alguns lugares do Brasil e o cruzamento de visões e cosmogonias durante o Brasil Colônia; em **Imagens e Impressões: Tecendo Olhares** apresenta-se como viajantes e cronistas construíram determinados olhares sobre a experiência sebastianista em diversas partes do Brasil Também resgata-se a literatura entendida como um

<sup>20</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

lugar de reatualização de uma memória através de obras que fazem uma leitura dos episódios da Serra do Rodeador, da Pedra do Reino e de Canudos; e por fim, **Entre Encantos e Possessões: O Sebastianismo se Reatualiza no Maranhão** explora-se os rituais da pajelança e dos terreiros de mina como espaços onde o Rei Dom Sebastião ganha vida, emergindo como uma figura emblemática para a comunidade de Lençóis.

**Capítulo II: *E assim se encontrou a vontade e o desejo na Ilha do encantado Rei Dom Sebastião.*** Enfatizará como se uma espacialidade a partir do contato de dois mundos. Em **A Cidade de Riba: o Cenário e os Narradores de uma História** preocupa-se em reconstruir o cenário onde se forjou a crença sebastianista na Ilha dos Lençóis, elegendo os diversos sujeitos historicamente envolvidos nessa trama; **A cidade do Fundo: no Reino Encantado de Dom Sebastião** enfatiza como uma série de contatos, indícios e visões legitimam um imaginário marcado pelo mistério, ganhando visibilidade através de inúmeras narrativas que ao mesmo tempo reforçam um credo e reconstroem uma memória; **Da Lenda do Touro Encantado aos Filhos da Lua: Poéticas Sebastianistas na Ilha dos Lençóis** enfoca o deslocamento de uma visão construída sobre Lençóis como a ilha do touro encantado, nos primeiros momentos de sua história, para sua representação como o mundo dos *filhos da lua*; enfim, dois referenciais que demarcam na ilha um conjunto de produções acerca da presença do Rei Dom Sebastião.

**Capítulo III: As Práticas Sebastianistas na Ilha dos Lençóis.** A abordagem estará concentrada nos diversos espaços e práticas que dão visibilidade a experiência sebastianista de Lençóis acentuando a sua singularidade. **A crença no Rei Dom Sebastião de Lençóis** é trabalhada no sentido de compreender como se processa a relação dos ilhéus com o Rei e que questões possibilitam um investimento de fé no objeto crido através das diversas práticas; em **O Rei e a Cura: Manifestações Sebastianistas na Pajelança** será abordada a pajelança cujas práticas instauram uma presença viva de um rei desaparecido há séculos; em **Espaços onde o Rei ganha vida: a Mina** as diversas entidades ganham vida no tambor de Mina como um referencial para formalização e transmissão da crença e da própria idéia de pertença a um Rei que confere proteção e projeta esperanças.

**Capítulo IV: Os Contos e Cantos da Memória.** A memória em torno da crença sebastianista de Lençóis se configura por um caminho multifacetado e representativo cujos dispositivos e lugares estão dispersos nos **contos** e **cantos** sobre a experiência sebastianista. Em **Narradores do Sagrado: Os Contos da Memória** uma arte de narrar envolve sujeitos numa trama marcada pela relação estabelecida pelos depositários de uma memória numa produção poética compartilhada com os demais membros da comunidade de Lençóis; **Vozes que clamam: Os Cantos da Memória** constituem também um momento privilegiado onde a invocação das diversas entidades e, principalmente do soberano da ilha, o Rei Dom Sebastião, fortalecem os laços de identificação com uma memória.

São com esses argumentos que serão analisadas as *poéticas* (do grego *poiein* criar, inventar, gerar) sebastianistas da Ilha dos Lençóis; das leituras às falas, o sebastianismo foi e continua a ser apropriado, praticado e vivido.

## Capítulo I: Geografia de uma religião: tráficos/tráfegos do crer e a reatualização da crença sebastianista no Maranhão

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião, e  
erguendo, como um nome, alto o pendão  
do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol aziago  
Erma, e entre choros de ânsia e de  
pressago Mistério. Não voltou mais.  
A que ilha indescoberta aportou?  
**A última nau- Fernando Pessoa<sup>21</sup>**

O sebastianismo teve como palco fundador as areias desérticas do Saara africano com a morte/desaparecimento de Rei Dom Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, em 1578. Personagem reverenciado por toda nação portuguesa num período de crises econômica e política quando Portugal já começara a perder seus domínios territoriais na Ásia e a sentir a ameaça de Felipe II, o Rei de Castela herdeiro legítimo do trono português em caso de morte do Rei Dom Sebastião. Personagem exacerbado pela historiografia e pela literatura portuguesas, Dom Sebastião se tornou um *corpo escrito*, que suscita desejos e apropriações identificadas em diferentes tempos e espaços.<sup>22</sup>

Em torno do Rei desaparecido criou-se um imaginário religioso cuja biografia possibilita a compreensão de traços e influências que ajudaram na construção de um personagem com a finalidade de se tornar um grande rei, o rei da consolidação do império português.<sup>23</sup>

Desaparecido no dia 04 de agosto de 1578, aos 24 anos de idade, o Rei Dom Sebastião tinha recebido uma educação muito rígida, tanto no sentido

<sup>21</sup> PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1998. p.49.

<sup>22</sup> Sobre o lugar que ocupa Rei Dom Sebastião na literatura portuguesa há uma vasta bibliografia; citamos então alguns: *Os Lusíadas* de Luís de Camões e *Mensagem* de Fernando Pessoa. Em relação à historiografia portuguesa ver: MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa, 1879; SÉRGIO, Antônio. Interpretação não Romântica do Sebastianismo In: *Ensaíos*. Porto, 1920.

<sup>23</sup> FRANCO, Antônio Cândido. *Vidas de Sebastião* (coleção Biografias). Nem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1993. Esta obra traz informações importantes sobre a formação sócio-cultural do Rei Dom Sebastião, principalmente nos capítulos: "O Menino" e "Teoria da Tragédia". Ver também HERMANN, Jacqueline. O "Grande Castelo" de Sebastião. In: *No Reino do Desejado*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. pp. 73-124.

político quanto no religioso. O historiador Armando Castro levantou um interessante documento que retrata bem a formação do Rei:

Punha-se antes delRei vir tomar lição um bofete de pau-preto todo marchetado de marfim, e nele tinteiro, penas e papel, e uma palmatória pequena de marfim sem azorragues, com um relógio de areia; de uma parte uma cadeira de espaldas em que elRei se assentava, e de outra uma [cadeira] rasa para o padre Luiz Gonçalves da Câmara seu mestre; a uma das partes punha-se de joelhos Amador Rebelo, Padre também da companhia [de Jesus] que dava a matéria a elRei e o ia ensinando a tomar a pena e a formar a letra...<sup>24</sup>

A influência desses padres na formação do Rei Dom Sebastião contribuiu para seu paulatino afastamento em relação à rainha Catarina, sua avó. Assim os dois irmãos Luís Gonçalves da Câmara e Martim Gonçalves da Câmara foram influenciando no sonho/projeto de ampliar os domínios do reino português:

...os dois irmãos ficaram absolutamente apoderados de tudo, e começaram as matérias e traslados que davam a elRei a tratar das conquistas de África, e da Índia, ajuntando persuasões de que elRei se deixava levar, com uma inclinação natural, de que depois se seguiram as desventuras que vimos.<sup>25</sup>

Preparava-se o jovem Rei Dom Sebastião para ser o continuador dos feitos portugueses. A influência dos jesuítas ajudou-o a se criar casto e com o compromisso de expandir o Cristianismo. Esse sentimento fez com que, mesmo indo de encontro às idéias da corte sobre a empresa africana, não medisse esforços no sentido de dominar a *gente moura* e de ampliar os domínios portugueses e cristãos no norte da África. Um projeto ousado que custaria a vida de muitos soldados e talvez a sua. Entre as várias versões para o episódio de Alcácer Quibir, não se sabendo ao certo se o Rei Dom Sebastião morreu na batalha, uma dá conta de que ele morreria e fora reconhecido por dois soldados seus, já cativos dos mouros. Já uma outra, diz que ele teria

<sup>24</sup> Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista – Istórias e Ditos Galantes Que Sucederão e se Disserão no Paço, Manuscritos atualmente nos Estados Unidos, Códice P-129, Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso, publicado com um estudo e notas por Christopher C. Lund, Livraria Almedina, 1980, pp. 43-44 apud. CASTRO, Armando. *Lições de História de Portugal 2 – As classes populares, consolidação e defesa da nacionalidade, Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Caminho, 1983. p. 188. Os textos inseridos entre parênteses são de Armando Castro.

<sup>25</sup> CASTRO, Armando. *Op. Cit.* p. 189.

fugido e estando a vagar pelo mundo, na espera do momento certo para voltar a dominar seu reino.<sup>26</sup>

A discussão em torno da morte, ou não, do Rei Dom Sebastião constituiu-se num forte dispositivo onde sua possível volta, perpassados os séculos, representava a realização do sonho português de se reconstituir como o grande império. O investimento dos seus filhos, a sua ousadia, a superação dos limites mais temerosos como o mar e o desconhecido deserto tinham uma causa: a grandeza portuguesa. Esse investimento simbólico significa uma remissão a uma experiência maior e nunca reduzida ao político; o sebastianismo se espalhou, se fragmentou, e em outros lugares se reencontrou, num outro tempo e num outro espaço, permanecendo, contudo, o seu referencial.

### 1.1 Sebastianismo: Uma Tradição em Tráfico

A notícia do desaparecimento do Rei Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir deixou a nação portuguesa transtornada. Não queriam acreditar que seu Rei morrera. A perda daquele soberano poderia ser o sinal maior de declínio da nação portuguesa. Sua volta, a representação da esperança de uma vida melhor e a supressão dos males que atingiam Portugal no século XVI. Mas, enquanto não se tinha certeza, era melhor acreditar que ele estava vivo, e voltaria. E, nesse sentido, vários indícios de sonhos e visões deram sustentabilidade à construção de um imaginário da volta que teve sua expansão simbólica para as colônias, principalmente para o Brasil, onde se reconstruiu, ganhando outros significados.

Para entender a construção desse imaginário sebastianista, e os laços de continuidades dessa longa tradição, é preciso perceber as dimensões que tomaram as visões, sonhos e relatos. Segundo afirma Valensi, os relatos das visões restituem do mesmo modo a recordação e a expectativa de um mundo pleno, onde aqueles homens, supostamente mortos na batalha, estavam vivos

---

<sup>26</sup> VALENSI, Lucette. *Fábulas da Memória. – A Gloriosa Batalha dos Três Reis*. Lisboa: ASA, 1996. pp. 151-153; e FRANCO, Antônio Cândido. *Op. Cit.* pp. 169-170.

e o Rei Dom Sebastião presente. São aparições que incessantemente começam a ser registradas desde o começo do século XVII.<sup>27</sup>

Esse período, que coincide com a intensificação da colonização do interior do Brasil, é marcado por leituras que vêem o Novo Mundo como sendo o Paraíso descrito na Bíblia e a interpretação que dela se fez. O Novo Mundo torna-se uma expansão simbólica onde são depositados os sonhos de uma população europeia marcada pela presença constante de guerras entre suas nações e conflitos religiosos, bem como, pela peste que dizimara grande parte de sua população. De certa forma, o que impulsiona uma grande parcela dos colonizadores é a possibilidade de encontrarem um lugar que se assemelhe às leituras do Paraíso: abundância em riquezas, alimentos e muita paz. Mesmo com algumas dessas expectativas frustradas, esses homens não desistiram nos três primeiros séculos.<sup>28</sup>

Mitos como o do El Dorado foram bem mais fortes na América Espanhola, reforçado pela descoberta de povos, como Maias, Incas e Astecas, com uma cultura que impressionou os conquistadores espanhóis. Mesmo que na América Portuguesa não se tenha construído uma esfera tão fantástica, Sérgio Buarque de Holanda, referindo-se ao Padre Anchieta, revela:

É lícito pensar ainda que certas idéias bem precisas ou até pragmáticas, servissem de reforço à simples devoção visionária sempre aberta à possibilidade de vários portentos, feitos maravilhosos, profecias, intuições divinatórias, transes, aparições, levitações, ubiqüidades, como os que se multiplicam nas páginas desses livros, pois o que inspira muitos de seus autores, fiéis neste ponto ao espírito da era do barroco, é sobretudo o afã de despertar os ânimos, ocupando os olhos.<sup>29</sup>

Esse espaço dado ao maravilhoso e a referência a categorias que estão fora dos dogmas da Igreja constituem um desafio para os profecionários da fé que, neste Novo Mundo, têm que lidar com uma nova realidade, utilizando-se de recursos que dissecam a realidade e criam efeitos de espera e crença. É nesse ambiente que o Padre Antônio Vieira, num discurso que tem o propósito

<sup>27</sup> VALENSI, Lucette. *Op.cit.* p. 175.

<sup>28</sup> DELUMEAU, Jean. *Os Sonhos do Renascimento*. In: *O Renascimento da Civilização Ocidental*. Lisboa: Estampa, 1993.

<sup>29</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso – Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.p. 135.

de provar que o Rei Dom Sebastião estaria vivo, relata que no dia batalha, 04 de agosto de 1578, estando o padre José de Anchieta:

este servo de Deus com o seu companheiro, e outras pessoas leigas, em Pernambuco, praticando ficou demudado e suspenso, tanto que lhe perguntou o companheiro se tinha alguma coisa que o molestasse? E tornando em si: Irmãos, demos graças a Deus Nosso Senhor; porque a esta hora se perdeu El-Rei Sebastião; e era no mesmo dia 4 de agosto de 1578, e perguntando-lhe o companheiro por El-Rei, respondeu que escapara, e que Deus o tinha livrado daquele perigo mas que tarde tornaria a reinar, e que seria depois de passados muitos anos e ele e Portugal padecerem muitos trabalhos.<sup>30</sup>

Entretanto, esse não é um caso isolado. Sucessivamente várias intuições divinatórias, transes e principalmente visões são relatados por outros religiosos: em Toledo, por Santa Tereza e em Coimbra, por Santa Isabel. Todos os episódios têm como personagem principal a figura do Rei Dom Sebastião. E a partir desses vários relatos e sinais, vai se construindo um movimento sebastianista marcado pelo mistério. Sobre essa abordagem, diz Valensi:

Submergindo a superfície factual como uma escaldante vaga de leva, visões, revelações, vaticínios, descodificação de sinais e de textos enigmáticos fornecem deste modo os meios de tornar a história inteligível e tolerável. Recorreu-se a isso, logo a seguir à derrota, amplificando-se o movimento em certos meios e prolongando-se até ao século XIX. Ele incidiu não só na batalha, mas ainda, a montante, na vida de D. Sebastião e, jusante, no destino dos combatentes, no do rei e, de modo mais lato, no destino de Portugal.<sup>31</sup>

Analisadas do ponto de vista narrativo, as aparições e prodígios constituem uma tripla deslocação do acontecimento de 4 de agosto de 1578 em Alcácer Quibír. Uma primeira deslocação porque a ação ou acontecimento sai da África para ganhar sentido em outros espaços como Espanha, Brasil e aldeias perdidas. Através dessas narrativas e visões, amplia-se o lugar dado ao desfecho da batalha e da derrota portuguesa, criando-se uma dimensão

<sup>30</sup> "Discurso em que se prova a vinda do Senhor Rei D. Sebastião". In: VIEIRA, Antônio. *De Profecia e Inquisição*. (Org. Alfredo Bosi). Coleção Brasil – 500 anos. Brasília: Senado Federal, 1998. p. 131.

<sup>31</sup> VALENSI, Lucette. *Op. Cit.* pp. 166-167.

religiosa, que pela proteção de Deus, o Rei não teria morrido, estaria vivo; migra do espaço do *infiel*, ou pelo menos profano, como eram considerados os mouros, para o espaço do cristão católico.

Uma segunda deslocação seria a saída do inferno da batalha para o Paraíso. Acredita-se, portanto, no acolhimento das almas dos combatentes de acordo com a descrição de algumas visões que dão visibilidade à crença num outro mundo;

Por fim, as visões constituem uma barreira aos testemunhos vindos diretamente do campo das operações, ocupando um lugar de verdade. Dessa forma, acredita-se mais naquelas visões do que propriamente nos relatos dos soldados que sobreviveram à batalha. São às visões que se devem questionar, buscar pistas, traçar caminhos e fortalecer as esperanças.<sup>32</sup>

A análise desse imaginário, segundo Peter Burke, torna-se importante para o historiador à medida que se pensa na articulação entre as diversas representações culturais e a construção de determinados referenciais históricos. Burke acrescenta que a abordagem sobre o sonho para o historiador

(...) permite observar que, se pessoas de uma determinada cultura sonham os mitos dessa cultura, seus sonhos por isso autenticam os mitos dessa cultura, sobretudo em culturas onde o sonhar é interpretado como "ver" outro mundo. Os mitos modelam os sonhos, mas os sonhos, por sua vez, autenticam os mitos, em um círculo que facilita a reprodução ou continuidade cultural.<sup>33</sup>

Ainda de acordo com Burke, o estudo dos sonhos pode revelar projetos e expectativas do sonhador na sua experiência cotidiana, revelando dilemas e inquietações cuja análise podem dar uma idéia do que se passa no coletivo<sup>34</sup>. Na verdade, Burke aponta para uma abertura no campo historiográfico que foi possível com os novos objetos e abordagens da história cultural, levando em consideração temáticas como a morte, a lágrima, o riso etc. Essas temáticas, assim como os sonhos, são indícios de representações que determinadas culturas fazem de si e do mundo.

---

<sup>32</sup> Idem, *Ibidem*. p. 174.

<sup>33</sup> BURKE, Peter. Por Uma Teoria dos Sonhos. In: *Variedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 46.

<sup>34</sup> BURKE, Peter. *Op. Cit.* p.46.

As interpretações, sobre as aparições em sonhos e visões do Rei Dom Sebastião em Portugal, ampliam-se e ganham outros significados que estão além da experiência inicial quando da batalha de Alcácer Quibir, sendo repassadas através de múltiplas narrativas. Esses vários relatos constituem elementos fundadores de uma tradição, não esgotável, mas sempre reinventada, estabelecendo um fluxo contínuo de pensamentos e esperanças onde a figura de Dom Sebastião torna-se um emblema para uma e para várias vidas, não só em Portugal como também em novos espaços onde haveria a possibilidade de desvendamento do mistério sebastianista. Desta forma, houve um *tráfico* desse *crer* na tradição sebastianista, instituindo novos fazeres e usos daquele modelo de tradição, o português.<sup>35</sup>

Todo essa movimentação possibilitara a construção de uma tradição sebastianista que, de acordo com as recentes pesquisas de Jacqueline Hermann, "*enquanto modelo de crença teve modalidades variadas, tanto no reino como em seus territórios coloniais*".<sup>36</sup>

## 1.2 Um Rei "Encoberto" ou um Rei morto/vivo?

Mas que indícios históricos teriam contribuído para a emergência desse movimento? Respostas prontas não se têm, apenas indícios de possibilidades. Comenta-se que por volta do século XVI já circulavam entre populares de Portugal, e provavelmente em suas colônias, cópias de trovas<sup>37</sup> de um sapateiro chamado Gonçalo Eanes. Essas trovas foram escritas num período de forte clima escatológico intensamente influenciado pelo messianismo judeu.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> CERTEAU, Michel de. Uma arqueologia- Tráfico do *crer*. In: *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. pp. 281-286.

<sup>36</sup> HERMANN, Jacqueline. *O Sonho da Salvação*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 09.

<sup>37</sup> De acordo com o historiador Eno Teodoro Wanke a trova pode ser conceituada da seguinte forma: "*Trova é a composição verificada de forma fixa constituída de uma quadra setessilábica de sentido independente onde, pelo menos, rimam dois versos (sendo normal, então, a rima do 2º com o 4º versos abcd), ou todos os quatro (sendo normal, neste caso, a forma abab e admitida a de rimas abraçadas abba)*." In: WANKE, Eno Teodoro. *A Trova (conceituação, origem, história e presença da quadra em redondilha maior)*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1973. p.17.

<sup>38</sup> DELUMEAU, Jean. O Milenarismo Português. In: *Mil Anos de Felicidade – Uma História do Paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. p. 183.

Gonçalo Eanes, mais conhecido como Bandarra, é considerado pela historiografia como o *profeta do sebastianismo*<sup>39</sup>. Cristão-novo, escreveu no período de 1530 a 1545, um trabalho de cunho profético inspirado na leitura da Bíblia, principalmente nas profecias de Daniel e Jeremias: "*Tudo quanto aqui se diz,/ Olhem bem as Profecias/ De Daniel e Jeremias...*"<sup>40</sup>

Em sua abordagem, Portugal se tornaria o reino do futuro e para que isso se concretizasse um grande rei iria surgir entre a gente lusitana. Perseguido e processado pelo Santo Ofício, suas idéias não tiveram tanta divulgação até o desaparecimento do Rei Dom Sebastião, em 1578, quando começam a surgir interpretações de que ele poderia ser o monarca referido por Bandarra.<sup>41</sup>

As *Trovas* encontram-se divididas no que Bandarra chama de *sonhos* e dão ênfase a três pontos: *males de Portugal*, *canto das glórias portuguesas* e a existência de *um Rei Encoberto*, este último, uma idéia apropriada de uma tradição espanhola.

*Este Rei tem tal nobreza,  
Qual eu nunca vi em Rei:  
Este guarda bem a lei  
Da justiça, e da grandeza.  
Senhorea Sua Alteza  
Todos os portos, e viagens  
Porque he Rei das passagens  
Do mar e sua riqueza.*<sup>42</sup>

Nos seus *sonhos* Bandarra já teria revelado um futuro conflito com algum povo do continente africano:

*Uma porta se abrirá  
N'um dos Reinos Africanos  
Contraria aos Arrianos,  
Que nunca se cerrará.  
A vacca receberá*

<sup>39</sup> Embora esta referência seja construída por Dom João de Castro, a historiografia consagra Bandarra como precursor do sebastianismo.

<sup>40</sup> Este é um trecho da trova CLVIII da obra de Bandarra. Tanto esta quanto as seguintes foram baseadas na leitura da cópia das *Trovas* de Bandarra encontradas na forma de compêndio no livro de PIRES, Antônio Machado: *Dom Sebastião e O Encoberto – Estudo e Antologia*. 2<sup>a</sup> edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

<sup>41</sup> Cópia do processo encontra-se na forma de apêndice em AZEVEDO, João Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo*. 3<sup>a</sup> edição. Lisboa: Presença, 1984.

<sup>42</sup> BANDARRA. *Trovas*. Trova LXXI apud PIRES, Antônio Machado. *Op. Cit.* p. 133.

*A nova gente que vem,  
Com prazer de tanto bem  
Seu leite derramará.<sup>43</sup>*

Alguns versos falam do êxito proporcionado pela bravura e ousadia. Aqui ele compara Portugal a um leão que sai para desbravar e afugentar os inimigos:

*Um leão se erguerá,  
E dará grandes bramidos:  
Seus brados serão ouvidos,  
E a todos assombrará;  
Correrá e morderá  
E fará mui grandes danos,  
E nos Reinos Africanos  
A todos sugeitará.<sup>44</sup>*

Em torno das trovas de Bandarra várias leituras e apropriações foram feitas com destaque para aquela que entendia que o *profeta* estaria se referindo ao futuro rei de Portugal, Rei Dom Sebastião. As interpretações ganharam espaço tanto entre os letrados quanto entre os populares. Assim, um fidalgo letrado, por nome D. João de Castro, é o primeiro personagem a fazer uma vinculação das *Trovas* ao jovem rei português desaparecido, publicando em 1603 uma obra: *Paraphrase et Concordância de Alguas Propheçias de Bãdarra Çapateiro de Trancoso*. No primeiro capítulo escreve:

(...) A quem Deus, que se despreza de pequenos, escolheu dando-lhe dom de profecia, com o que profetizou a conquista da Casa Santa, e de toda a terra: a universal promulgação do Evangelho por toda ela: o triunfo universal da Cristandade de todos inimigos da Igreja: prometendo El Rey Dom Sebastião e ao seu Reino de Portugal a melhor parte (...)<sup>45</sup>

Ao realizar uma leitura política das *Trovas* de Bandarra, o fervoroso D. João de Castro torna-se uma figura emblemática na construção da tradição sebastianista ao pregar a volta do Rei Dom Sebastião como uma forma de

<sup>43</sup> Idem, Trova LXXVI.

<sup>44</sup> Idem, Trova LXXVIII.

<sup>45</sup> Apud PIRES, Antônio Machado. *Op. Cit.* p. 147 (Adaptação ao português moderno minha).

salvar a nação do domínio espanhol; divulgando por todos os cantos que o monarca ainda encontrava-se vivo.<sup>46</sup>

Entretanto, o sebastianismo surgiu também da apropriação que segmentos marginalizados da sociedade portuguesa fizeram dos acontecimentos de Alcácer Quibir. Como afirma Diogo Ramada Curto, no texto *Ó Bastião! Ó Bastião!*, o desfecho da batalha criou expectativas na população que buscou respostas para o episódio, principalmente as mulheres e familiares que haviam perdido seus entes queridos. Nesse sentido, o sebastianismo, esteve ligado às práticas religiosas, proibidas ou censuradas, no século XVI. Há uma busca e um desejo indiscriminado por bruxarias e oráculos e uma efetiva participação em ritos tolerados pela Igreja:

As práticas de feitiçaria e os boatos das velhas beatas são, assim, postos no mesmo saco. Uma outra prática religiosa, que se relaciona com os desaparecidos de Alcácer Quibir, é constituído pela romaria. Devotos a santos e integrando manifestações rituais nem sempre reconhecidas pelas autoridades eclesiásticas...<sup>47</sup>

Por isso, não só aqueles sujeitos ligados à fidalguia, a exemplo de D. João de Castro, entram em cena, como também anônimos, com práticas que fogem às normas da Igreja e do Estado, articulam um movimento de crença na volta do Rei Dom Sebastião:

Advinhadores, feiticeiros, beatas e romarias participam de um movimento de pânico colectivo, que se intensifica depois de 1578. testemunhos específicos e denúncias gerais dão a entender que são esses agentes, entre os quais se destaca uma população feminina, e tais práticas que começaram por sustentar uma crença sebastianista.<sup>48</sup>

O sebastianismo vai se construindo enquanto uma tradição que mexe com as normas da Igreja, através de movimentações ligadas a um conjunto de práticas que envolve principalmente sujeitos marginalizados que vêem ali um

<sup>46</sup> HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. pp. 189-192.

<sup>47</sup> CURTO, Diogo Ramada. *Ó Bastião! Ó Bastião! – Actos políticos e modalidades de crença, 1578-1603*. In: CENTENO, Yvette Kace (Coord.) *Portugal Mitos Revisitados*. Lisboa: Edições Salamandra, 1993. p. 142.

<sup>48</sup> CURTO, Diogo Ramada. *Op. Cit.* p. 142.

meio de articular e de legitimizar o seu credo às práticas mágicas consideradas ilícitas:

Das bruxarias às romarias, as práticas mágicas e religiosas organizam um primeiro universo de crenças no rei desaparecido, que se julga vivo. Neste rei morto-vivo, projectam-se as expectativas de familiares relativamente aos soldados considerados nas mesmas situações.<sup>49</sup>

Tais inquietações perturbam a ordem. Rumores de reaparecimento do Rei através de três personagens, conhecidos como os “*falsos Reis*”<sup>50</sup>, e outras movimentações construíram uma crença fortemente estruturada cujas narrativas, visões e outros indícios serviram-lhe de um eficiente suporte legitimador.

Verificasse, assim, que do ponto de vista das curiosidades os rumores ou notícias falsas são um atributo do povo, uma espécie de disponibilidade para acreditar reconhecida no outro, capaz de suscitar o principal comportamento político popular: a inquietação, a desordem, a sedição ou revolta. Esta operação das autoridades que leva a identificar os rumores com os comportamentos populares constitui-se numa espécie de folclorização das crenças. Através dela, as elites pretendem excluir do campo de suas próprias práticas comportamentos considerados pouco distintos...<sup>51</sup>

É na apropriação do sebastianismo por vários sujeitos que a crença se fortalece, ligando-se a expectativas que se singularizam de acordo com as experiências de cada grupo social num dado tempo e espaço específicos.

Em Portugal, acredita-se que o sebastianismo foi influenciado também pelo messianismo de fundo judaico, herdado da longa e conturbada convivência entre católicos e judeus na Península<sup>52</sup> numa leitura que se pode fazer a partir da censura imposta pela Igreja à obra do cristão-novo Bandarra. No Brasil Colônia, a apropriação das *Trovas* suscitou várias versões que

<sup>49</sup> Idem. Ibidem, p. 143.

<sup>50</sup> Uma discussão aprofundada sobre os falsos Rei Dom Sebastião é feita em HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado*.

<sup>51</sup> CURTO, Diogo Ramada. *Op. cit.* p. 160.

<sup>52</sup> HERMANN, Jacqueline. *O Sonho da Salvação*. p. 10.

provavelmente amalgamaram-se a outras expectativas e crenças, previamente existentes assim como a outras que depois chegaram à colônia.<sup>53</sup>

### 1.3 Nas Trilhas do Rei: Caminhos Perdidos, Caminhos Reencontrados

Nesse tráfico do crer, novas formas de uso de uma tradição são ressignificadas dentro de uma outra conjuntura cultural. No entrecruzamento de várias experiências, o sebastianismo reconstrói-se como uma colcha de retalhos que mistura elementos ameríndios, europeus e africanos. A formação desses elementos num campo religioso corresponde a questões locais que se remetem às singularidades históricas compartilhadas pelas diferentes visões de mundo. Desse diálogo, os grupos construíram práticas religiosas, a exemplo do culto sebastianista, carregadas de novos significados e vivenciadas pelos sujeitos no cotidiano.

Muitas das práticas religiosas que se amalgamaram no Brasil, a partir dos elementos culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira, foram percebidas de forma preconceituosa e por isso marginalizadas. O sebastianismo que se construiu no Brasil também esteve associado a esse tipo de olhar. Suas singularidades vão desde às apropriações por romeiros católicos no interior de Pernambuco e Bahia, taxados de fanáticos, aos rituais indígenas e afro-brasileiros sebastianistas nas regiões amazônicas do Maranhão e do Pará.<sup>54</sup> Neste sentido, como aponta o escritor e crítico Ney Lopes<sup>55</sup>, há uma carência de estudos sobre essas temáticas.

No Maranhão, as práticas da pajelança e da mina, como afirma Mundicarmo Ferretti são pejorativamente taxadas de “baixo espiritismo”. Uma

<sup>53</sup> HERMANN, Jacqueline. *Op. Cit.* p. 44-50; VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 525-526.

<sup>54</sup> Sobre o sertão nordestino ver: VALENTE, Waldemar. *Misticismo e Região*. Recife: FUNDAJ, 1963; Sobre o Maranhão e Pará ver: FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma - O Caboclo do Tambor de Mina em um Terreiro de São Luís*. 2ª edição, São Luís: EDUFMA, 2000; MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas - Catolicismo e Controle Eclesiástico*. Belém: Edição CEJUP, 1995.

<sup>55</sup> Posicionamento na sua coluna sobre Cultura no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1997.

nomeação que exclui as práticas religiosas não institucionalizadas e desqualificando suas práticas. Nomeiam-na como menor, uma corroboração de uma prática institucionalizada.

No clássico *Visão do Paraíso*, o historiador Sérgio Buarque de Holanda aborda elementos que servem de referência para o objeto que está em estudo. No mundo ocidental dos séculos XVI e XVII magia e ciência se mesclam. Não se tem ainda um lugar delimitado para os saberes. Começa-se a demarcar o caminho da razão, fazendo-se necessário, contudo, passar pelo diálogo com o imaginário maravilhoso que impulsiona o homem a desbravar os caminhos mais desconhecidos e buscar o paraíso perdido.

O *paraíso* estaria nas terras incógnitas, fruto de uma longa tradição que remonta à Antigüidade Clássica quando os filósofos já pensavam na possibilidade de uma *cidade-paraíso* perdida no *mar Tenebroso*, a Atlântida. Busca-se a fonte da juventude, a vida eterna, a riqueza, um mundo sem males. No Brasil, os portugueses, constróem uma geografia fantástica baseada nas narrativas que os conquistadores ouviram dos indígenas.<sup>56</sup> Desses intensos diálogos e direcionamentos, adentraram pelo interior na busca do paraíso e das sonhadas riquezas inigualáveis.

Na esfera religiosa destaca-se como um dos pontos mais significativos, o que Sérgio Buarque de Holanda chama de *mito luso-brasileiro*, a referência a uma possível presença de São Tomé nas terras brasileiras a partir de sinais como pegadas deixadas nas pedras e de relatos indígenas sobre visões e lutas contra Sumé ou Tomé.

A uma das pegadas mostradas na Bahia, de que dá conta Vasconcelos, referiu-se provavelmente o Padre Manoel da Nóbrega, onde escreveu em carta de 1549 (...). Segundo os índios, quando o santo deixou aquelas pisadas, ia fugindo dos índios que o queriam flechar, e lá chegando, abriu-se o rio à sua passagem, e ele caminhou por seu leito a pé enxuto, até chegar à outra parte, de onde foi à Índia. Contavam, além disso, que, querendo os gentios flechá-lo, voltavam-se as setas contra eles mesmos, e os matos se abriam, deixando lugar a uma vereda, por onde seguia São Tomé sem estorvo.<sup>57</sup>

<sup>56</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso – Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. p. 67.

<sup>57</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. Cit.* pp. 111-112.

A apropriação de determinados mitos não foi, portanto, algo novo na colônia. A referência ao mito de São Tomé e a dimensão tomada por ele servem de indícios para uma análise da apropriação do sebastianismo no Brasil, seus significados e reelaborações à medida que é compartilhado tanto por nativos quanto por portugueses.

Durante o período colonial, observou-se que havia um grande esforço da Igreja Católica em conseguir adeptos e, ao mesmo tempo, aniquilar qualquer tipo de prática religiosa que não a cristã e que estivesse fora dos moldes de sua doutrina. Com a presença portuguesa, os indígenas tiveram que mudar seus cultos, principalmente os de cunho proféticos. Práticas ancestrais como as pajelanças, onde os pajés detinham o dom e o poder de se comunicar com os mortos por intermédio do uso dos maracás e a defumação de ervas fortes, foram paulatinamente se adaptando aos ritos católicos.

Mesmo tendo o pajé à frente, o ritual era compartilhado por todo o grupo. Constituíam-se numa possibilidade de investimento na crença factível da concretização da *Terra Sem Mal*, exprimindo a expectativa do encontro de um lugar de extrema abundância, felicidade e eterna juventude, morada dos ancestrais e dos espíritos corajosos, onde todos viveriam a redenção das provações para se tornarem *homens-deuses*.<sup>58</sup> Uma nova era se anunciava: flechas disparariam sozinhas, as caças viriam até as choças dos índios e as enxadas cavariam as roças por conta própria.<sup>59</sup>

Um fragmento dessa experiência histórica, como aponta Hermann, é a existência no Brasil de algumas *santidades* cujos relatos dão conta de sua existência até o século XVII. A *santidade* constitui um termo católico usado sempre acompanhado de adjetivos depreciativos, que desqualificavam os rituais indígenas, e utilizados também para designar a capacidade do *feiticeiro* em se comunicar com os espíritos. Acreditavam os índios que este mesmo espírito, era transmitido ao feiticeiro-profeta por meio da cabeça mágica, ou mesmo, da possessão coletiva que tomava conta do grupo durante a cerimônia.<sup>60</sup>

<sup>58</sup> HERMANN, Jacqueline. *O Sonho da Salvação*. p. 78.

<sup>59</sup> MELLO e SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 55.

<sup>60</sup> HERMANN, Jacqueline. *Op. cit.* p. 75; BRÁS, Isabelle. *O Catolicismo e a Santidade Jaguaripe*. Fortaleza, Revista de Ciências Sociais, número 26, 1995.

Analisadas a partir do ponto de vista político-religioso as santidades constituíam uma forma de resistência ao autoritarismo do Estado e da Igreja em relação a determinadas práticas religiosas, sendo, pois, um espaço de confluência para as diferentes camadas sociais e credos religiosos .

Uma das *santidades* a ganhar mais visibilidade chama-se Jaguaripe. Organizada no interior do Recôncavo Baiano, e registrada pela primeira visitação do Santo Ofício, tinha como integrantes vários grupos perseguidos pelo processo colonizador:  ndios cristãos e pag os, cativos e *forros* e também *negros da Guiné*. Essa experiência revelou que as santidades conseguiram não apenas assimilar o discurso do português opressor, para mudar a mensagem de suas pregações proféticas, mas demonstrou também a capacidade de absorver aspectos da fé católica na própria reelabora o de seu universo mítico.<sup>61</sup>

Na confluência de duas visões de mundo, da mistura de elementos da cultura e da religiosidade gent lica e européia, vale à pena destacar suas respectivas diferenças concernentes às idéias milenaristas. O milenarismo cristão será alcançado no mundo celeste e não neste mundo. Já a concep o de milenarismo para os tupis era mais prática, e o paraíso seria alcançado aqui na terra, com todos ainda em vida e podendo usufruir suas benesses.<sup>62</sup>

Numa realidade bastante difícil, estes sujeitos indígenas e portugueses dialogam experienciando expectativas várias num ambiente que incorpora o sebastianismo, possibilitando dessa maneira a continuidade da crença. Mesclam-se aqui as leituras das *Trovas* de Bandarra, os relatos e experiências de portugueses vindos da metrópole bem como a prega o missionária dos padres da Companhia de Jesus pelos diversos povoados da colônia.

<sup>61</sup> HERMANN, Jacqueline. *Op. cit.* pp. 81-88.

<sup>62</sup> Parte da bibliografia levantada aponta para esta idéia de aproxima o entre as concep es de mundo da cultura indígena e da cultura africana quanto às expectativas criadas em torno de suas práticas religiosas. Essa discussão é trabalhada por PIERUCCI, Antônio Flávio. *As Religiões no Brasil (apêndice)*. In: HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry & GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*, São Paulo: Cia. Das Letras, 2000; PORDEUS Jr., Ismael de Andrade. *Uma Casa Luso-Brasileira com Certeza*. São Paulo: Terceira Imagem, 2000; FERRETTI, Mundicarmo. *Op. cit.*; ELIADE, Mircea. *El Chamanismo Y Las Practicas Arcaicas Del Extasis*. 5  ed., México: Fondo de La Cultura Econ mica, 1994; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus Editora/ Edusp, 1965.

Segundo a historiadora Luccette Valensi, os jesuítas tiveram um papel fundamental na difusão de novas práticas religiosas na colônia. Utilizando-se de formas mais abertas, os jesuítas conseguiram adeptos ao cristianismo utilizando-se de referenciais locais. Assim não seria ilógico acreditar que os jesuítas associaram à busca de *uma terra sem mal* com a crença no sebastianismo português. Responsáveis pela rígida formação e compromisso religioso do Rei Dom Sebastião quando investiu contra os mouros, os jesuítas são construtores e propagadores ativos do sebastianismo na colônia.

Portanto, conclui-se que há uma aproximação de duas cosmologias. São laços de continuidade e de ressignificação que só podem ser abordados a partir da análise de um imaginário da *procura* e um outro da *espera*, seja por uma terra abundante, seja por um rei salvador. Ambas, *procura* e *espera*, fundem-se, impulsionando sujeitos desejosos por um mundo melhor possibilitado pela presença de Rei Dom Sebastião e sua apropriação nos mais diferentes lugares e formas.

#### 1.4 Imagens e Impressões: Tecendo Olhares

Os viajantes e cronistas, que relataram a presença sebastianista no Brasil do século XIX, construíram determinadas imagens sobre o que chamavam de seitas presentes na maioria das províncias do Brasil, ainda Império. Os relatos se constituem de descobertas do pitoresco e do exótico, apresentando o sebastianismo como um elemento de curiosidade.

O relato do comerciante inglês John Luccock, em *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*, faz um breve comentário sobre uma seita sebastianista no Rio de Janeiro. Em 1816, ao visitar uma fazenda, e lá ficando hospedado, tem a oportunidade de tomar conhecimento da presença da seita sebastianista, fazendo apenas observações sucintas, como a maioria dos viajantes:

Distinguia-se o comportamento dos escravos nessa fazenda por singular propriedade; eram respeitosos, se bem que sem cerimônia nem servilismo, dando mostras de boa direção em seus misteres e bom trato em suas habitações. Tanto isso como outros demais fatos inclinaram-me a dar crédito ao que já me haviam dito, a saber, que o

meu amigo pertencia a uma pequena seita chamada de 'sebastianistas', com alguns poucos dos quais já casualmente tenho travado relações. São sinceramente devotos na sua crença em Deus e ardentes de amor pelo Redentor, mas seguem os ritos da Igreja mais por educação que por convicção, mantendo, a muitos respeito, em relação aos católicos, a mesma posição que, perante os protestantes ingleses, ocupam os puritanos.<sup>63</sup>

Os viajantes von Martius e Spix, no livro *Viagem pelo Brasil*, quando visitaram Minas Gerais em 1817, argumentaram que na colônia havia mais sebastianistas que na própria *mãe-pátria*, embora não se encontrassem organizados em seitas.<sup>64</sup>

Gardner, na sua viagem ao interior do Ceará, relata acontecimentos ocorridos em de junho de 1838 em Pernambuco:

Em várias partes do Brasil encontrei muitos indivíduos pertencentes àquela extraordinária seita chamada dos sebastianistas, apelido que lhes vem de sua crença na volta à terra do Rei D. Sebastião, que tombou na célebre batalha de Alcácerquibir, quando conduzia seu exército contra os mouros (...). diz-se que os que professam esta crença são mais numerosos no Brasil que em Portugal. Acreditam que com sua volta o Brasil gozará da mais perfeita felicidade e que então se realizará plenamente tudo quanto sonham os nossos próprios milenarianos.<sup>65</sup>

O protestante Daniel Kidder que se referindo em sua viagem pelo interior pernambucano, assinalou que o sebastianismo havia tomado ares de ação violenta, associando-o ao fanatismo dos seguidores: "*Pouco antes de visitarmos Pernambuco, deram-se lamentáveis ocorrências no interior desta província, evidenciando que o fanatismo, nas suas piores modalidades, não se restringe aos protestantes.*"<sup>66</sup>

Imagens e indícios de uma presença sebastianista no interior do Brasil, tornam-se bastante visíveis à medida que ganham espaço nestes pequenos relatos de viajantes. Todavia, será a partir de um forte confronto com o Estado

<sup>63</sup> LUCCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*. Coleção Melhoramentos. Brasília: IHGB/ MEC, 1976. p. 236.

<sup>64</sup> Citado por Waldemar Valente em *Misticismo e Região*. p.70.

<sup>65</sup> GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. p. 107.

<sup>66</sup> KIDDER, Daniel P. *Norte do Brasil – Notícias Históricas e Geográficas do Império e das Diversas Províncias*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/ São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, s/d. p.109.

que algumas experiências serão articuladas e analisadas do ponto de vista histórico.

A historiografia sebastianista no Brasil, por um lado, enfatiza o exótico, o curioso e por outro, dá espaço apenas às experiências que entraram em conflito com o Estado, numa resistência barulhenta, em que sujeitos foram aniquilados e a insanidade ultrapassou os limites da boa razão. Sendo silenciadas, aquelas experiências foram resgatadas apenas a partir de relatos externos marcados por olhares que estereotipam e normalizam os atos de sujeitos ordinários.

O historiador Pereira da Costa, nos *Anais Pernambucanos*, relata que no dia 25 de outubro de 1822, o *ataque da Serra do Rodeador no Bonito* causou “destruição a ferro e fogo do arraial e massacre dos seus habitantes”<sup>67</sup>. O ajuntamento de *gente estranha* na Serra do Rodeador em torno da figura do chefe religioso Silvestre José dos Santos, defensor de idéias de cunho sebastianistas, começou a ser visto como uma ameaça pelos comerciantes portugueses da região a partir do momento em que os seguidores do líder começaram a fintar de vez em quando *dinheiro, gado e outros artigos necessários à vida de sua gente*.<sup>68</sup>

A movimentação dessa gente chamou a atenção das autoridades que começaram a interpretar a aglomeração como um “*foco revolucionário*”, articulado por *doutrinas* e um grupo de *fanáticos*. Numa expedição comandada pelo coronel Madeira Lobo os religiosos foram barbaramente massacrados.

O chefe que primeiro chegou às quebradas da serra em que estava situado o arraial dos reunidos sebastianistas, formado de grande número de casas de palhas, ou porque pressentindo foi logo recebido com descargas de fuzilaria pela gente de Silvestre dos Santos...<sup>69</sup>

Vencendo facilmente os camponeses sebastianistas, o coronel abusou da autoridade da qual havia sido investido. Depois de atear fogo às casas de palha, com muitas mulheres e crianças dentro, “*mandou passar a fio de*

<sup>67</sup> COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Volume 08. Recife, PE: s/E, s/d. p. 91. Membro do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, sua principal obra, *Os Anais pernambucanos*, consiste no resultado de uma pesquisa organizada em 10 volumes, ordenados cronologicamente, onde podem ser encontrados a maioria dos assuntos políticos da história e da vida pernambucana de 1493 a 1850.

<sup>68</sup> COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Op. Ci.t.* p. 91.

<sup>69</sup> Idem. *Ibidem.* p. 94.

*espada um grande número de fanáticos quando já haviam deposto as poucas armas que possuíam, tinham-se rendido e não ofereciam o menor receio de resistência*".<sup>70</sup> Os que sobreviveram foram levados para as prisões de Recife, sendo posteriormente soltas as mulheres e as crianças: "Toda essa gente, depois de solta, e enquanto não teve o conveniente destino, vagou sem abrigo e sem pão pelas ruas do Recife, imunda e maltrapilha como viera, implorando à caridade pública".<sup>71</sup>

É interessante observar o posicionamento contraditório do governador de Pernambuco, Luís do Rego, a respeito do massacre, a partir da exigência de esclarecimentos exigidas pela opinião pública. O governo justifica o ato pelo fato de que aquela *superstição* tinha posicionamentos políticos pautados pela subversão da sociedade.

O líder Sivestre José dos Santos, na leitura do historiador Waldemar Valente, é taxado de *explorador* e *fanático* e que tendo-se aproveitado do *exagerado misticismo* da população, atraiu um número significativo de prosélitos. Pregando a volta do Rei Dom Sebastião, construiu um espaço que servia de templo para o exercício de seu credo religioso.

Em grande mocambo, que servia de templo, realizava cerimônias religiosas, obedecendo a um rigoroso ritual. Havia uma santa de pedra, que falava, e de quem Silvestre... recebia inspiração e ordens. Quiou, o enviado, como ele próprio se considerava, conseguia incutir no espírito crédulo da gente sertaneja que o cercava, idéias sebastianistas. O rei Dom Sebastião seria desencantado e todos ficariam ricos e donos da felicidade perene.<sup>72</sup>

Instituída enquanto lugar sagrado, a Santa de Pedra tornou-se o templo e o espaço de canalização da crença orientada por Silvestre. Não se têm, contudo, informações detalhadas de como se processavam os rituais naquela prática religiosa.<sup>73</sup>

Por volta de 1836, no sítio Pedra Bonita, na comarca de Flores, interior de Pernambuco, um outro movimento de cunho sebastianista ganha espaço. João Antônio dos Santos, um dos responsáveis pelo movimento, mostrava aos

<sup>70</sup> Idem. Ibidem. p. 95.

<sup>71</sup> Idem. Ibidem. p. 95.

<sup>72</sup> VALENTE, Waldemar. *Misticismo e Região*. p. 70.

<sup>73</sup> VALENTE, Waldemar, *Op. cit.* p. 71.

moradores de Vila Bela, duas pedras retiradas de uma mina encantada que fazia passar por brilhantes da melhor qualidade. Nas palavras do próprio João Antônio dos Santos, o Rei Dom Sebastião o conduzia todos os dias ao local situado à pequena distância de sua residência, mostrando-lhe um pequeno lago, onde guardava, sob encanto, uma suntuosa mina de brilhantes. Naquele mesmo lugar, apontavam duas lindas torres que formavam um templo, sede da catedral do reino que haveria de surgir com o desencantamento do Rei Dom Sebastião e toda sua corte<sup>74</sup>. No sebastianismo da Pedra a imagem de que a riqueza é subterrânea se aproxima da idéia de um *reino do fundo* como atestam as várias narrativas colhidas juntas aos moradores da comunidade da Ilha dos Lençóis.

O sebastianismo invocado pelos seguidores de João Antônio dos Santos é inovador em relação às experiências anteriores, encontrando-se o Rei Dom Sebastião encantado e residindo num reino no fundo das águas da lagoa, que emergirá com o seu desencanto.

João dos Santos carregava um folheto que continha todo o código sebastianista, não se sabendo ao certo se uma versão das *Trovas* do sapateiro Bandarra ou alguma outra obra que circulasse aqui no país. O contato de João dos Santos com a obra possibilitou a construção de uma cosmologia em torno da volta do Rei Dom Sebastião cuja volta poderia estar ali perto. O ato de crer nessa possibilidade levou João dos Santos a convencer várias pessoas a se tornarem adeptas e formar sua comunidade religiosa, falando para todos que com a restauração do reino de Dom Sebastião haveria abundância de riquezas fabulosas. As idéias sobre o Reino Encantado se espalharam por toda a região e o número de adeptos cresceu rapidamente.

Com uma altura de aproximadamente trinta e três metros, uma das pedras recebeu o nome de Pedra Bonita "*porque, ligeiramente mais alta, mostrava-se coberta, da metade para cima, de pingos prateados, rebrilhando ao sol e irradiando reflexos que lhe davam características de singular beleza.*"<sup>75</sup> Foi nesse espaço que os sebastianistas descobriram o poder místico. Já na pedra mais baixa, havia um pequeno recinto subterrâneo denominado *Santuário*, local onde aconteciam os rituais e os sacrifícios. Noutro espaço, ao

---

<sup>74</sup> Idem, *ibidem*. p. 78.

<sup>75</sup> Idem, *ibidem*. P. 79.

lado norte daquela pedra, em formato piramidal, havia um grande esconderijo, em parte natural, e em parte coberto pelos sebastianistas, suficiente para abrigar duzentas pessoas, conhecido como *Casa Santa*; “era nele que João dos Santos reunia e embriagava os seguidores, fazendo-os ingerir algumas bebidas todas as vezes que queria vítimas voluntárias para o seu reino”.<sup>76</sup>

Nesses rituais havia, portanto, todo um investimento de vidas, quanto mais sangue fosse derramado mais possibilidades de desencanto do Rei Dom Sebastião. Quanto às bebidas, eram feitas com a mistura de jurema e manacá e o uso dessas bebidas possibilitava a fuga deste mundo e um contato com um outro criando a expectativa de um mundo sem exploração e sem dificuldades. O uso de beberagens, em determinados rituais, sempre foi uma prática muito comum funcionando como um facilitador do contato do indivíduo com “*outros mundos*”, principalmente entre os indígenas. Provavelmente essa tradição foi repassada aos *feiticeiros* e os *curandeiros* de mordedura de cobra e incorporada às práticas de cura populares.<sup>77</sup> Todo aquele investimento tinha como simbologia a possibilidade de uma redefinição da ordem e da extirpação de mundo de dificuldades, resolvendo os dilemas que afligiam cotidianamente a população explorada e esquecida. Com ânsia aguardavam a volta do Rei Dom Sebastião e gritavam: “*Viva a nossa liberdade. Viva a nossa religião*”.

Com o retorno de Dom Sebastião a esse mundo, as pessoas que “*eram pretas, ficariam alvas como a lua; já os velhos voltariam a ser moços; e todos seriam imortais, ricos e poderosos*”.<sup>78</sup> Prega-se assim uma inversão da ordem imposta tanto pelos homens quando pela natureza, emblemática de sonhos e esperanças projetados pelos sujeitos marginalizados.

Portanto, dessa crença pode-se fazer uma leitura de utopias que destronam o preconceito e as desigualdades sociais. Diferente do que pensam alguns sobre o conceito de utopia como um mero devaneio, ele aqui, pode ser entendido como um sonho que têm seus efeitos de realidade, representando a esperança e, ao mesmo tempo, a ação de cada sujeito envolvido coletivamente na crença. Por isso, à medida que aumentavam os adeptos, mais sacrifícios iam sendo acumulados. E assim escreve o padre Antônio Gonçalves de Lima,

<sup>76</sup> Idem, *ibidem*. p. 80.

<sup>77</sup> COSTA, Francisco Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Vol. 10. p. 159.

<sup>78</sup> VALENTE, Waldemar. *Op. cit.* p. 81.

vigário da paróquia de Serra Talhada, em Pajeú de Flores, ao padre Francisco Antônio Correia:

Vejam em que desgraça meteu João Antônio aqueles miseráveis, que nunca mais se quiseram apartar de semelhante superstição, fanatismo e ilusão. Forte infelicidade. Forte desgraça. Deus nos acuda.<sup>79</sup>

Apoiado pela igreja, o Estado investiu no combate a possíveis práticas sediciosas, enviando em 1838 uma tropa policial que matou a maioria dos sebastianistas. Foi justamente naquele momento de guerra que os seguidores acreditavam que a tropa de Dom Sebastião viria em seu auxílio, por isso gritavam: “*É tempo. É chegado o tempo. Chegou o tempo. Viva! Viva!*”

O Rei não veio e todos acabaram nas mãos da repressão. Entretanto, esta experiência sebastianista ainda cria sentidos, tendo sua memória sido reatualizada através de uma produção literária, proporcionado ao historiador entrecruzamento entre a história e a literatura à que se busca a “*historicidade do texto e a textualidade da história*”.<sup>80</sup>

Publicada pela primeira vez em 1938, a obra *Pedra Bonita*<sup>81</sup>, de José Lins do Rego, constitui-se no ápice de uma produção literária que se volta para o universo sertanejo, provocando um deslocamento do mundo dos engenhos para abordar a religiosidade e o cangaço do sertão. Esse novo ciclo inicia-se com a obra *Pureza* e aprimora-se em romances como *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*.

*Pedra Bonita* é publicada no centenário dos acontecimentos da *Pedra do Reino Encantado de Dom Sebastião*. Buscando ter liberdade para a construção de sua trama, o autor constrói uma narrativa livre a partir da leitura de cronistas e historiadores da época. Todavia, a riqueza do seu trabalho está no resgate de uma memória através de personagens que revelam um imaginário complexo, construindo-se, dessa maneira, uma outra possibilidade de leitura daquela experiência sebastianista. José Lins do Rego produz sua obra inspirando-se na leitura dos livros *Poesia e Vida* do poeta João Martins de Ataíde, *Os Sertões de*

<sup>79</sup> Diário de Pernambuco, 18 de junho de 1838 apud COSTA, Francisco Pereira da. *Op. Cit.* p. 161.

<sup>80</sup> TEIXEIRA, Ivan. The New Historicism. In: *Revista Cult*, maio de 1998.

<sup>81</sup> REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

vigário da paróquia de Serra Talhada, em Pajeú de Flores, ao padre Francisco Antônio Correia:

Vejam em que desgraça meteu João Antônio aqueles miseráveis, que nunca mais se quiseram apartar de semelhante superstição, fanatismo e ilusão. Forte infelicidade. Forte desgraça. Deus nos acuda.<sup>79</sup>

Apoiado pela igreja, o Estado investiu no combate a possíveis práticas sediciosas, enviando em 1838 uma tropa policial que matou a maioria dos sebastianistas. Foi justamente naquele momento de guerra que os seguidores acreditavam que a tropa de Dom Sebastião viria em seu auxílio, por isso gritavam: “*É tempo. É chegado o tempo. Chegou o tempo. Viva! Viva!*”

O Rei não veio e todos acabaram nas mãos da repressão. Entretanto, esta experiência sebastianista ainda cria sentidos, tendo sua memória sido reatualizada através de uma produção literária, proporcionado ao historiador entrecruzamento entre a história e a literatura à que se busca a “*historicidade do texto e a textualidade da história*”.<sup>80</sup>

Publicada pela primeira vez em 1938, a obra *Pedra Bonita*<sup>81</sup>, de José Lins do Rego, constitui-se no ápice de uma produção literária que se volta para o universo sertanejo, provocando um deslocamento do mundo dos engenhos para abordar a religiosidade e o cangaço do sertão. Esse novo ciclo inicia-se com a obra *Pureza* e aprimora-se em romances como *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*.

*Pedra Bonita* é publicada no centenário dos acontecimentos da *Pedra do Reino Encantado de Dom Sebastião*. Buscando ter liberdade para a construção de sua trama, o autor constrói uma narrativa livre a partir da leitura de cronistas e historiadores da época. Todavia, a riqueza do seu trabalho está no resgate de uma memória através de personagens que revelam um imaginário complexo, construindo-se, dessa maneira, uma outra possibilidade de leitura daquela experiência sebastianista. José Lins do Rego produz sua obra inspirando-se na leitura dos livros *Poesia e Vida* do poeta João Martins de Ataíde, *Os Sertões* de

<sup>79</sup> Diário de Pernambuco, 18 de junho de 1838 apud COSTA, Francisco Pereira da. *Op. Cit.* p. 161.

<sup>80</sup> TEIXEIRA, Ivan. The New Historicism. In: *Revista Cult*, maio de 1998.

<sup>81</sup> REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Euclides da Cunha e o *Reino Encantado* de Araripe Júnior, este último escrito a partir da influência de João Martins Ataíde.

No romance *Pedra Bonita* uma memória sebastianista ganha significados à medida que perpassa gerações. Os acontecimentos da Pedra Bonita transformaram-se em estigma para a família Vieira, a qual pertence o protagonista Antônio Bento, cujo parente teria sido o delator dos sebastianistas da Pedra. Por isso, acreditava-se que todos os membros da família teriam um futuro tortuoso. O infortúnio seria uma constante. Um povo amaldiçoado.

Antônio Bento ao tentar descobrir o segredo da Pedra Bonita -segredo este que ninguém o revela, apenas insinua -, procura com o seu irmão Domício o velho Zé Pedro numa pequena casa próxima ao palco dos acontecimentos. Sempre muito solicitado para realizar rezas e benzeduras, o velho é uma espécie *curandeiro* tendo seus laços de identificação com os antigos sebastianistas da Pedra. Funcionando como um depositário da memória construída em torno da experiência sebastianista, explica o significado do grupo e os seus projetos para que se alcançasse um mundo melhor. São estas palavras de Zé Pedro para Domício, acompanhado por Antônio Bento:

*-Menino, tu não tem culpa de nada. O Filho de Deus um dia aparece e enche o mundo de felicidade. A lagoa se desencanta. E o mundo inteiro cantará os benditos do Filho de Deus. E Deus vem para terra. As pedras ficam moles, os riachos dão para correr dia e noite. E o sertão verde. Verde pra todos os tempos.<sup>82</sup>*

A narrativa de Zé Pedro se apresenta como um reforço à idéia de que um dia o paraíso se instalará com a emersão do reino do *Filho de Deus*. Será a realização plena de sonhos ora represados. Os acontecimentos da Pedra tornaram-se uma tragédia para a família Vieira tendo como principal marco a infelicidade dos personagens. José Lins do Rego reconstrói experiências que determinam o futuro das pessoas. Estão presas a uma rede que perpassa gerações. Apontando também para uma possibilidade de desfecho da história, esta desgraça que assola os Vieiras, os delatores do *Filho de Deus*, só acabará no dia em que uma filha daquela família for entregue ao próximo *Filho de Deus* para o sacrifício. E então, todos serão

<sup>82</sup> REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. p. 120.

redimidos dos erros cometidos no passado, assim, o encanto se acabará. Antônio Bento passava a conhecer a história e trajetória de sua família.

De fato, Bento parecia que acreditava. Ouvira no Açú todo o mundo falando, todo o mundo botando para a Pedra Bonita a razão das desgraças da vila. O grande segredo era aquele. Quantas vezes não se apavoraram com as referências ao seu povo! Agora estava sabendo de tudo. No Açú era a Pedra que respondia pelas desgraças. Na Pedra era gente dele que trazia consigo o estigma tremendo. Sangue de Judas. Saíra de uma família que dera o vendedor do Filho de Deus. Não podia ser verdade. O Padre Amâncio falava das superstições. A verdade estava na igreja. O mais era heresia, pecado contra o Espírito Santo. Toda aquela gente da Pedra vivia no pecado monstruoso, na mais baixa ignorância. Domício acreditava naquilo como acreditava na cabocla encantada. Ele, que se criara por fora, não tinha o direito de se nivelar com os seus, de se entregar ao que ele sabia errado, uma fraqueza. Devia então estar reagindo contra as credences do irmão.<sup>83</sup>

Também fazendo uma apropriação daquela experiência, o romancista Ariano Suassuna escreve o *Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta*. Nesse romance, baseado no trabalho dos escritores já citados, Ariano Suassuna elege como personagem principal João-Quaderna. Fazendo uma releitura dos acontecimentos da Pedra Bonita o personagem constrói uma trama em torno do seu possível pertencimento à nobreza: ele teria sido ancestral de um sobrevivente dos sacrifícios da pedra quando a sua mãe fora degolada. Articulando elementos regionais e medievalescos, o autor reconstrói um cenário de cruzada e apologia à monarquia. João-Quaderna representa, na leitura do autor, a possibilidade de convergência entre o sonho e a realidade.<sup>84</sup> Todo nordestino, enfim, é um sebastianista que acredita e projeta através de recursos vários uma redefinição na lógica do mundo. Mesmo que para isso, tenha que resgatar a história de um rei desaparecido na África e reaparecido no interior do Nordeste num reino encantado. Ariano Suassuna afirma que “o sebastianismo simboliza a luta do ser humano para superar os seus obstáculos e, acreditar nos seus sonhos”.<sup>85</sup>

<sup>83</sup> Idem. Ibidem. pp. 133-134.

<sup>84</sup> SUASSUNA, Ariano. *Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta*. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

<sup>85</sup> Entrevista de Ariano Suassuna no programa *Roda Viva* da TV Cultura, São Paulo, no dia 06 de maio de 2002.

O projeto de invocação ao Rei Dom Sebastião permanece aguçado em múltiplos espaços a partir de vários movimentos que reatualizam sua memória. Em fins do século XIX, no interior do estado da Bahia, aparece o beato Antônio Conselheiro pregando a chegada de uma nova era. Várias pessoas o acompanharam formando um movimento de luta contra a opressão a que estava submetida à população interiorana, vítima dos grandes latifundiários e, ao mesmo tempo, insatisfeita com as recentes mudanças políticas no cenário nacional que mudara o regime de monarquia para república.

Antônio Conselheiro julgava-se um enviado por Deus e portador de mensagens sagradas. Suas práticas fizeram com que a população o concebesse como um fazedor de milagres, um milagreiro, que não tirava proveitos materiais daqueles atos e que dedicava toda sua obra a Deus, impedindo que a Igreja o taxasse de charlatão. O que sobressaía em Antônio Conselheiro era a sua forte crença na volta do desaparecido Rei Dom Sebastião, que viria para acabar com a chamada *lei do cão* (casamento civil), e outras tantas mudanças advindas com a República, e restabelecer a *lei de Deus*. Euclides da Cunha revela que Antônio Conselheiro havia escrito uma profecia em que anunciava a vinda de Rei Dom Sebastião. Quando todos menos esperassem, o Rei, escondido e encantado desde a origem do mundo, sairia das ondas do mar com todo o seu exército para atacar no momento certo.<sup>86</sup>

Na leitura de Euclides da Cunha sobre a profecia de Conselheiro, o Rei Dom Sebastião não era mais o monarca português que tinha a prerrogativa de promover a redenção do império português mas o restabelecimento do regime monárquico no Brasil, acentuando o caráter sedicioso da experiência de Canudos.

Na exploração das informações sobre Canudos feitas em *Os Sertões*, percebe-se que se estabelece um paralelo da cidade de Canudos com a realização dos projetos sebastianistas de um mundo menos injusto. Fazendo uma leitura da sociedade interiorana do Nordeste brasileiro, sua obra é

---

<sup>86</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões – A Terra e o Homem*. 26ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1963. p. 342.

marcada por uma análise inovadora e ao mesmo tempo preconceituosa das manifestações religiosas daquele povo.

Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatado pelas superstições mais absurdas.<sup>87</sup>

Associando a categorias como clima e raça Cunha trabalha com o conceito de mestiçagem para entender como se deu a construção desse elemento tão ímpar, o sertanejo e os fatores históricos da chamada religião mestiça:

Não seria difícil caracteriza-las como uma mestiçagem de crenças. Ali estão, francos, o antropismo do selvagem, o animismo do africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior, na época do descobrimento e da colonização.<sup>88</sup>

Para Euclides da Cunha o sertanejo tem uma religião marcada pelo misticismo que se acentua através do culto sebastianista transplantado da Península Ibérica: *“Nem lhe falta, para completar o símile, o misticismo político do Sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador, nos sertões do norte”*.<sup>89</sup>

A presença sebastianista *nos sertões do norte* pode ser entendida a partir da exacerbação exploratória a qual estava submetida a maioria da população. Dessa forma, no Brasil o sebastianismo se ressignifica como uma experiência ligada aos segmentos mais populares; embora não se exclua essa dimensão na metrópole.

Os jesuítas, tendo um papel importante na construção de uma outra mentalidade, estabeleceram um catolicismo que fugia aos padrões doutrinários e apropriaram-se de vários elementos da cultura local, preconizando para tanto a utilização de um referencial messiânico na conversão dos nativos e fortalecendo, por conseguinte, a crença sebastianista.

<sup>87</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. cit.* p. 121.

<sup>88</sup> *Idem.* *Ibidem.* p. 123.

<sup>89</sup> *Idem.* *Ibidem.* p. 124.

Os ensinamentos dos missionários não poderiam exercitar-se extremes das tendências gerais da sua época. Por isto, como um palimpsesto, a consciência imperfeita dos matutos revela nas quadras agitadas, rompendo dentre os ideais belíssimos do catolicismo incompreendido, todos os estigmas de estágio inferior.<sup>90</sup>

Euclides da Cunha, à sua época, demonstra uma inquietação pelo fato dos historiadores brasileiros não terem ainda dado a devida atenção aos movimentos sertanejos: *“as agitações sertanejas, do Maranhão à Bahia, não tiveram ainda um historiador. Não as esboçaremos sequer. Tomemos um fato entre muitos outros ao acaso”*.<sup>91</sup>

Mas não é o acaso que faz com que Euclides da Cunha se torne uma das referências clássicas do sebastianismo no Brasil, principalmente a partir do relato do Império do Belo Monte, mais conhecido como arraial de Canudos. As palavras de Antônio Conselheiro, registradas pelo autor de *Os Sertões*, dão uma noção da força viva que simbolizou a apropriação do Rei Dom Sebastião naquela comunidade.

*Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército (...) Desde o princípio do mundo que encantou com todo o seu exército e o restitui em guerra. (...) E quando se encantou afinçou espada na pedra, ela foi até os copos e ele disse: Adeus mundo! Até mil e tantos a dois mil não chegarás! Neste dia sair com seu exército tira a todos no fio da espada deste papel da República (...) O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue há de ir até a junta grossa.*<sup>92</sup>

A crença sebastianista ganhava força não apenas nas profecias de Antônio Conselheiro, mas também nos versos compartilhados pelos sebastianistas:

*Dom Sebastião já chegou.  
E traz muito regimento  
Acabando com o civil  
E fazendo o casamento.*

*Visita nos vem fazer*

<sup>90</sup> Idem. Ibidem. p. 124.

<sup>91</sup> Idem. Ibidem. p. 124.

<sup>92</sup> Idem, ibidem. p. 172.

*Nosso Rei D. Sebastião  
Coitado daquele pobre  
Que estiver na lei do cão.<sup>93</sup>*

\*\*\*

Analisado do ponto de vista historiográfico é possível perceber que a historiografia brasileira que tratou as diversas crenças sebastianistas sempre se pautou por uma narrativa excludente. João Lúcio de Azevedo, historiador português, no clássico livro *A Evolução do Sebastianismo* de 1918, diz que *intencionalmente* não vai trabalhar de forma pormenorizada os “factos” ocorridos no Brasil, pois eram obras de “fanáticos”, da “*alma rude dos semicivilizados*” e de “*um catolicismo degenerado*” onde se cultuavam fetiches, imagens e pactos com a feitiçaria. Categorias que não mereciam a devida atenção do historiador.

Entretanto, vale salientar que esse olhar é fruto de uma época, o início do século XX, um período marcado pela exacerbação do nacionalismo e por uma leitura pautada no cientificismo positivista, constituindo-se em exemplo de como foram tratadas as experiências sebastianistas no Brasil. João Lúcio aponta para as seguintes questões:

Nada tinham tais factos com a lenda do patriotismo português. A tradição, constante no povo, deformara-se ao contacto da mestiçagem, mal integrada na civilização. Amalgamou-se com reminiscências dos contos das fadas, e o resto foi recordar inconsciente de ritos bárbaros dos antepassados, nos tempos em que ao sangue índio e africano se não mesclara ainda o do europeu<sup>94</sup>

Na verdade, essa necessidade de comparação com o sebastianismo português é problemática. As tradições não se constituem em modelos apropriados de forma que não haja uma reelaboração que leve em consideração questões e temáticas peculiares a cada experiência. Portanto, igualar o sebastianismo vivenciado pela população do interior nordestino ao

<sup>93</sup> Idem, *ibidem*.p. 175.

<sup>94</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo*. 3ª edição. Lisboa: Presença, 1984. p. 116. Esta abordagem de J. Lúcio de Azevedo sobre o sebastianismo no Brasil é apoiada na sua leitura sobre o trabalho do escritor pernambucano Francisco Augusto Pereira da Costa autor de obras como *Os Anais Pernambucanos* e *Folclore Pernambucanos*, ambas através de seu vínculo com o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

das senhoras portuguesas que perderam seus esposos e filhos na batalha de Alcácer Quibír, ou mesmo por aqueles que queriam fazer de Portugal o lugar do Quinto Império, é extrapolar as possibilidades de mudanças históricas e de engajamento de novos sujeitos em determinadas experiências lidas e refeitas a partir de “velhos” referenciais.

Na década de 1940, o historiador Waldemar Valente publica *Misticismo e Região*. Esta obra aborda os tipos humanos e o meio como determinantes das experiências dos sujeitos, enfatizando que as várias apropriações sebastianistas são o resultado de uma população voltada para a *superstição* e o *misticismo*.<sup>95</sup>

Portanto, João Lúcio de Azevedo e Waldemar Valente trabalham com categorias que enclausuram as experiências à medida que, justificam em si mesmas, as ações dos sujeitos envolvidos: a de *crença* enquanto *superstição* por Azevedo e a noção de *fanatismo* e *região* por Valente. Contudo, é preciso compreender as questões que impulsionaram os sujeitos a investirem num dado credo vinculado intrinsecamente às suas experiências cotidianas.

O trabalho *Messianismo no Brasil e no Mundo*, produzido na década de 1960, por Maria Isaura Pereira de Queiroz, inaugurou uma abordagem de cunho sociológico dos movimentos messiânicos, incluindo-se o sebastianismo. Fugindo de categorias que desmereciam as experiências sebastianistas fora de Portugal, Maria Isaura P. de Queiroz atenta para as motivações dos diversos sujeitos envolvidos num campo de crenças particulares que lhes davam subsídios para a construção de um credo reforçado pelas lutas cotidianas. Todavia, a pesquisadora relata, de forma sucinta, os diversos movimentos sem se deter em nenhum especificamente. Na verdade, a sua proposta é mostrar que há um campo de possibilidades a ser explorado pelos cientistas sociais.

Os movimentos messiânicos se constituem num campo de resistência às diversas lógicas uniformizantes, daí a ênfase da autora nos “*movimentos barulhentos*” cuja visibilidade se dá a partir de uma resistência à repressão imposta pelo Estado, escolhendo aqueles movimentos vastamente documentados pelo olhar oficial. Justifica a autora: “*apresentaremos apenas*

---

<sup>95</sup> VALENTE, Waldemar. *Misticismo e Região*. p. 83.

*aqueles de que tivemos documentação mais farta, permitindo análise, embora saibamos da existência de outros mais*".<sup>96</sup>

Entre as experiências não apontadas por Maria Isaura de P. Queiroz está a apropriação do Rei Dom Sebastião no Maranhão. Movimentos criadores de esferas de utopia e redefinições da realidade, geralmente disfórica, visam a mobilização de forças para a construção de uma realidade eufórica. O sebastianismo da Ilha dos Lençóis, Maranhão, é plural, circula e se internaliza nas práticas dos encantos e das possessões, em resistências e experiências cotidianas de uma cultura marcada por relações de proximidades com o mar e a noite onde homens e natureza se relacionam na produção de um outro mundo possível.

### **1.5 Entre Encantos e Possessões: o Sebastianismo se Reatualiza no Maranhão**

O sebastianismo no Maranhão destaca-se por sua singularidade, marcando-se pelo deslocamento de Dom Sebastião de uma terra árida para um espaço insular, a Ilha dos Lençóis. O "*encantado*" é transformado em referência para um conjunto de práticas instituídas nas pajelanças, nos terreiros de mina e nas diversas narrativas construídas e compartilhadas .

Esse tipo de apropriação sebastianista por uma população insular remonta a uma longa tradição no Ocidente de crença nas ilhas afortunadas, como aponta o historiador Sérgio Buarque de Holanda influenciado pelas leituras de Santo Isidoro de Servilha. Mesmo que essas leituras não tenham relações diretas com a tradição sebastianista, a sua emergência numa ilha marcada pela polaridade de mundos: o de *cima* onde vivem os mortais e o do *fundo* moradia dos encantados cujas relações necessariamente passam pelo convívio com o Rei Dom Sebastião.

Na alusão feita pelo poeta Fernando Pessoa sobre o destino do Rei Dom Sebastião, depois da guerra de Alcácer Quibir, este viveria possivelmente numa ilha afortunada:

<sup>96</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Messianismo no Brasil e no Mundo*. p.197.

Que voz vem no som das ondas  
 Que não é a voz do mar  
 É a voz de alguém que nos falla,  
 Mas que, se escutarmos calla,  
 Por ter havido escutar.  
 E só se, maio dormindo  
 Sem saber se ouvir ouvimos,  
 Que ella nos diz a esperança  
 A que, como uma criança  
 Dormente, a dormir sorrimos  
 São ilhas afortunadas,  
 São terras sem ter logar,  
 Onde o Rei mora esperando  
 Mas, se vamos despertando,  
 Cala a voz, e há só o mar.<sup>97</sup>

Na imensidão do mar, as ilhas afortunadas<sup>98</sup> ganham vida pelo imaginário fantástico que nelas é projetado. É nessa projeção e recriação de uma crença sebastianista que a Ilha dos Lençóis emerge com imagens próprias que circunscrevem um espaço:

Os primeiros portugueses que se instalaram naquela região, provavelmente escolheram as praias dos Lençóis para habitat do Rei pelo fato de suas dunas sugerirem alguma semelhança com a paisagem do Norte da África, onde desaparecera D. Sebastião; ou talvez porque era presumivelmente a Ilha Afortunada a que se referem os textos antigos. Em todo o caso, a paisagem das praias, com seus cômodos e lagos, presta-se muito bem à morada de um soberano.<sup>99</sup>

Além dessa leitura da *ilha afortunada*, Pedro Braga levanta uma outra possibilidade para a emergência de uma crença sebastianista na Ilha dos Lençóis: a constante migração de nordestinos de outros estados para o Maranhão.

Os vaticínios do profeta de Canudos certamente difundiram-se para o Maranhão e se refletiram na lenda do touro encantado das praias dos Lençóis; o que é muito provável, em face das sucessivas migrações nordestinas para aquele Estado, em busca de melhores condições de vida.<sup>100</sup>

<sup>97</sup> PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 1998. p. 22.

<sup>98</sup> Discussão retomada por DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e Mares*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

<sup>99</sup> BRAGA, Pedro. O Sebastianismo no Maranhão. In: *Suplemento Cultural Vagalume*. São Luís: SIOGE, 1989. p. 19.

<sup>100</sup> BRAGA, Pedro. *Op. Cit.* p. 19.

Apropria-se dessa hipótese reforçando-a com uma analogia ao movimento sebastianista de Canudos quando das prédicas de Antônio Conselheiro sobre a inversão da ordem do mundo: “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão” com a cantiga de Lençóis: “Rei, Rei, Rei Sebastião, quem desencantar Lençóis vai abaixo o Maranhão”.

A presença de um monarca entre os praianos de Lençóis representa a expectativa de uma reviravolta numa sociedade marcada por uma vida de extrema miséria e que vê na dimensão onírica a oportunidade de sugerir outros mundos.

Uma das peças teatrais de maior sucesso no Maranhão, nos últimos anos, *Viva El Rei D. Sebastião!*, produzida a partir de pesquisas do teatrólogo Tácito Borralho, trata da tentativa de desencantamento de Lençóis. Os personagens, formados por pais-de-santo e pescadores, saem na direção de Lençóis guiados pelo *santo*, na verdade o Rei Dom Sebastião.

Na peça o Rei aparece também como o *Cavaleiro Misterioso* tentando comprar farinha<sup>101</sup> de um dos tripulantes que levava certa quantidade para vender na Ilha de Bate-Vento. Na compra o Rei explica que a farinha é para seus trabalhadores, acerta um ótimo preço e exige que alguém o acompanhe até o fundo da praia onde se situa o seu palácio para assim poder fazer o devido pagamento. O personagem Firmino pai-de-santo, se dispõe a acompanhá-lo corajosamente. Lá chegando, vê muitas riquezas bem como percebe que é o local habitado pelas mães-d'água.<sup>102</sup>

Pai Firmino sabe que aquela negociação é simbólica, que o Rei queria algo mais dele. Ele fora escolhido para realizar o desencanto de Rei Dom Sebastião e sua família.

Para que o desencanto seja realizado é preciso que um homem de grande coragem atinja o touro bem no meio da testa quando este saísse das águas cujos indícios seriam percebidos através de três fortes ondas. Seria na terceira, com maior intensidade, que o touro apareceria. Tentando interpretar o significado de um possível desencantamento, Tácito Borralho faz o personagem realizar uma interessante reflexão: “-Estou certo de que não vou

<sup>101</sup> Esta referência à “história da farinha” foi inspirada em pesquisas do folclorista maranhense Nascimento Moraes Filho.

<sup>102</sup> BORRALHO, Tácito. *Viva El Rei D. Sebastião!* São Luís: julho de 1995. (mimeo).

*matar um touro. Vou desencantar uma estória. Seja pro povo parar de sofrer, seja pra acabar a miséria, seja pro povo esquecer e ser feliz*".<sup>103</sup>

Josué Montello, no livro *Cais da Sagração*, também é influenciado por uma visão sebastianista quando fala do personagem Mestre Severino que passa próximo à Ilha dos Lençóis, morada do Rei Dom Sebastião.

E ei-lo que começa a ver à sua direita o navio encantado de D. Sebastião, com a sua inconfundível luz de muitas cores. Por trás do navio, a praia se espreguiça, toda branca de luar – a faixa de areia rente às águas, a rocha escarpada que as vagas lavam com seu banho de espuma, as dunas alcantiladas fechando o horizonte.<sup>104</sup>

E do convés do navio aparecem um cavalo e um cavaleiro, inquietando Mestre Severino: “- *É o rei! – exclama, de cabelos eriçados, imóvel, os olhos exorbitados*”. Sim. O Mestre Severino vê realmente o Rei Dom Sebastião.

Antes que o espanto do velho se atenuar, o ginete salta do convés para a praia, num único impulso, e agora lá vai, lepte, lepte, no mesmo galope garboso, pela faixa da areia limpa que parece não ter fim. A luz do luar bate nos seus arreios de ouro e prata, cintilando a maneira de um halo. Cavalo e cavaleiro se completam na configuração de um centauro.<sup>105</sup>

O Mestre Severino sabe que para aqueles barqueiros que navegam pelas águas do Maranhão não é bom avistar um encantado. Geralmente as pessoas ficam atordoadas, perdendo os sentidos e muitas acabam morrendo. Mas o Mestre Severino continua a sua navegação, tem a impressão que tudo não passara de um sonho. Contudo, parecia-lhe tão real, tão vivo na sua memória.

Mestre Severino olha à sua direita, em busca da praia dos Lençóis, e mais uma vez reconhece que passou realmente por ela quando a madrugada ia em meio. Longe, à sua esquerda, recortada no horizonte fosco, avista a vela escura de outro barco, imobilizada pela distância. Uma sensação mole de torpor prende-lhe o peito ao banco, e ele apóia o dorso na tábua do recosto, ainda com a nítida imagem da figura magra de D. Sebastião no cavalo a galope.<sup>106</sup>

<sup>103</sup> BORRALHO, Tácito. *Op. Cit.* p.40.

<sup>104</sup> MOTELLO, Josué. *Cais da Sagração*. p. 91 apud MORAES, Jomar. *O Rei Touro e outras lendas maranhenses*. São Luís: SIOGE, 1986. p. 20

<sup>105</sup> MOTELLO, Josué. *Op. Cit.* p. 92 apud MORAES, Jomar. *Op. Cit.* p. 21.

<sup>106</sup> Idem. *Ibidem*.

O sebastianismo maranhense aparece como uma fusão de realidade e sonho, indissociáveis na sua historicidade. As diferentes experiências sebastianistas no Brasil mostram como determinados laços de continuidade com a tradição portuguesa estão presentes. Todavia, percebe-se que as discontinuidades são mais visíveis. O Rei Dom Sebastião, assim como afirma Ariano Suassuna, presentifica-se na história brasileira como um modelo utópico que cria a expectativa de um mundo melhor. Uma tradição, que independente do lugar, constrói um espaço aberto para o crer.

O jesuíta Antônio Vieira, homem culto e conhecedor dos problemas de sua época, apoiado nas profecias de Daniel e Isaías, via os descobrimentos marítimos como um indício da realização das profecias no Velho Testamento. Para Vieira, o profeta Isaías já havia falado do Novo Mundo quando fez referências a uma terra além da Etiópia: *“Digo, primeiramente, que o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que diretamente está além e da outra banda da Etiópia...”*<sup>107</sup>

Marilena Chauí afirma que Vieira foi mais particularista, pois as terras às quais ele se referia não eram todo o Brasil, mas sim o Maranhão. Segundo Vieira, há uma gente criada no meio das águas, os maranhães, um povo náutico, criador da arte de navegar e inventor da *iguarana*, canoa feita de casca de árvore usada como embarcação para o mar, como diz o profeta Isaías. O Maranhão seria então o lugar do Quinto Império, a terra de um novo mundo...

Segundo Pedro Braga, os jesuítas tiveram um importante papel na difusão da idéia do Quinto Império no Brasil e nas outras colônias portuguesas.

Com efeito, o profetismo e o messianismo do Quinto Império encontram no padre Antônio Vieira o seu principal arauto. A ideologia articulada em torno do Quinto Império, é o ponto mais alto, no contexto lusitano cultural da época, que atinge o sebastianismo na sua metamorfose. Neste sentido, os jesuítas jogaram um papel importante. E foram de importância decisiva na difusão do mito para o Brasil.<sup>108</sup>

<sup>107</sup> CHAUI, Marilena. Profecias do Tempo do Fim. In: NOVAIS, A. (org.). *O Descobrimento do Homem e do Mundo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.p. 468.

<sup>108</sup> BRAGA, Pedro. *Op. Cit.* p. 17.

As prédicas do padre Antônio Vieira se constituíram em instrumentos precípuos para a divulgação da crença sebastianista no Brasil:

Assim, no Serman de S. Sebastian pregado na Igreja do mesmo Santo de Accupe, termo da Bahia, em 1634, Antônio Vieira faz uma nítida alusão a D. Sebastião, o Encoberto: "Por isso meu invictíssimo Encuberto, por mais que Diocleciano vos mande matar, por mais que os algozes vos deyxem por morto, por mais que Irene vos queyra sepultar ... e por mais que vossas relíquias como despojos da morte, estejam repartidas pelo mesmo; eu com tudo vos reconheço vivo, vos confesso vivo, vos reverenceyo vivo, e espero de vós favores como de vivo: porque debaixo dessas apparencias da morte conservais, e incubis a realidade da vida..."<sup>109</sup>

A presença do padre Antônio Vieira no projeto missionário no Maranhão provavelmente contribuiu para a difusão das idéias sebastianistas que se incorporaram através da oralidade às práticas locais, tornando o sebastianismo um conjunto em interação de rituais indígenas, cristãos e afro-brasileiros.

O antropólogo Octávio da Costa Eduardo, no trabalho *The Negro in Northern Brazil: A Study in Acculturation*, fazendo um estudo sobre a cultura negra no Maranhão, tomando os exemplos de Codó e São Luís, busca entender como diferentes modelos de cultura se compactuam em novas experiências. Nesse processo, a religião ocupa um lugar de destaque, simbolizando a permanência de determinadas práticas culturais africanas e indígenas.<sup>110</sup>

...Many who profess to be Catholics take part in the ceremonies, while in addition to beliefs of African and European origin, Indian beliefs and practices are found making the acculturation situation more complex.<sup>111</sup>

Por isso, ao se estudar a crença sebastianista no Maranhão precisa-se traçar este histórico. Os escravos vindos para a região são das origens mais

<sup>109</sup> VIEIRA, Antônio. Serman de S. Sebastian pregado na Igreja do mesmo Santo de Accupe, termo da Bahia apud CANTEL, Raymond. *Prophetisme et messianisme dans l'oeuvre d'Antonio Vieira*. p. 34. In: BRAGA, Pedro. *Op. cit.* p. 19.

<sup>110</sup> EDUARDO, Octávio da Costa. *The Negro in Northern Brazil. A Study in Acculturation*. New York: J.J. Augustin Publisher, 1948.

<sup>111</sup> EDUARDO, Octavio da Costa. *Op. cit.* p. 07: "Muitos que professam serem católicos participam de cerimônias que acrescentam às crenças de origens africana e europeia crenças e práticas indígenas, tornando a aculturação uma situação mais complexa". (Tradução minha)

diversas: Angola, Congo, Costa da Guiné e Senegal. A partir de 1815, aporta um grande número de cativos provenientes da Mina (Costa do Ouro). Na cultura desses povos, o sobrenatural constitui uma parte integrante da vida dessas pessoas.<sup>112</sup> Tanto a cultura daomé quanto a ioruba praticavam rituais com pregadores e iniciados, através de canções e danças executadas em honra das almas dos mortos que se manifestavam nos corpos de alguns participantes do culto.

Esse culto afro-brasileiro na análise de Antônio Pierucci, diferente da religião cristã, constitui uma religião não ética mas mágica e ritual. Ou seja, não há a idéia de uma salvação pela corrupção do pecado. Não há espaço para a negação desse mundo terreno em prol de uma busca de um outro mundo, de uma vida eterna no Além. Nesses cultos, o que se busca é a interferência concreta do sobrenatural *neste mundo* presente, mediante à manipulação de forças sagradas, a invocação das potências divinas e os sacrifícios oferecidos às diferentes divindades. O certo e o errado se estabelecem na relação do indivíduo com a sua entidade e, por conseguinte, influencia os diferentes aspectos da convivência social.<sup>113</sup>

São muitas as entidades e os seguidores que incorporam os atributos característicos de cada uma, legitimando sua conduta em casa e em qualquer espaço. Nessa prática religiosa conta identificar-se com um modelo divino, tanto em suas qualidades quanto em seus defeitos. Como afirma, Antônio Flávio Pierucci:

Por meio de uma riquíssima série de narrativas míticas, a religião dos orixás fornece padrões de comportamento que modelam, ajustam, confirmam e legitimam o comportamento dos fiéis. O tipo mítico, ou seja, o padrão apresentado pelos mitos dos orixás pode ser usado como validação social de um tipo de conduta que a pessoa já tem, ou de desejos que traz consigo. Um iniciado pode, ao familiarizar-se com seu estereótipo mítico, identificar-se com ele e reforçar em si certos comportamentos e atitudes que compõem a identidade mítica que ele herdou do orixá ao qual pertence sua cabeça.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> Idem, *Ibidem*. p.12.

<sup>113</sup> PERUCCI, Antônio Flávio. *As Religiões no Brasil (apêndice)*. In: *O Livro das Religiões*. p. 293.

<sup>114</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. *Op. cit.* p. 295.

Esse modelo de crença deve ter se misturado aos rituais indígenas já presentes. No Maranhão só tardiamente os escravos africanos começaram a ser comercializados após 1761, mais de dois séculos depois da introdução do negro em outras partes do Brasil, intensificando-se esse processo no século XIX.<sup>115</sup>

No Maranhão, a presença dos negros possibilitou a fundação de duas tradições religiosas africanas, a daomé e a ioruba, que se estabeleceram como casas de culto desde fins do século XVIII e início do século XIX, respectivamente. Daomé com a casa jeje e ioruba com a casa nagô.

In Maranhão, cult houses are called terreiros or casas (houses) de mina, and the dances which are held there are termed tambor de mina. In all, the basic African pattern of possession and dancing accompanied by drums is continued.<sup>116</sup>

Essas casas de culto se constituíram um espaço aberto onde crenças e práticas européias e indígenas foram apropriadas. Além da integralização de elementos africanos e católicos, como a apropriação de santos, vale destacar uma de origem indígena que se somou aos rituais afro-brasileiros: a *pajelança* ou *cura*.<sup>117</sup>

A *pajelança* consiste num complexo ritualístico que contempla dança, sonhos e visões durante o qual o pajé ou curador é possuído por um espírito que ganha vida em seu corpo. Os espíritos são divididos em *caboclos* e *voduns gentis*, de acordo com a origem social do indivíduo antes de se tornar um "encantado".<sup>118</sup>

Para se entender o lugar desses espíritos é necessário situar a hierarquia das entidades nos rituais dos terreiros de Mina. Ocupando um lugar abaixo dos *voduns* e *orixás*, dois tipos de entidades são incorporadas na Mina: os *caboclos* que têm suas qualidades ligadas à natureza com a qual se integram podendo ser brasileiros como índios e caçadores e os *voduns gentis* que são alguns

<sup>115</sup> COSTA, Octávio Eduardo da. *Op. Cit.* p.13.

<sup>116</sup> Idem, *Ibidem.* p. 47. "No Maranhão, as casas de cultos são chamadas terreiros ou casas de mina e as danças que os acompanham são denominadas tambor de mina. Em todas, o modelo africano de possessão e de dança permanece acompanhado por tambores." (Tradução minha)

<sup>117</sup> Idem, *Ibidem.* p. 48.

<sup>118</sup> FERRETTI, Mundicarmo. *Terra de Caboclo*. São Luís: SECMA, 1994.

européus, *reis e fidalgos*, que tiveram alguma relação com a história do Brasil.<sup>119</sup>

O Maranhão constitui-se num dos lugares do Brasil onde há uma grande tradição nessas práticas. Para o pai-de-santo Carlos de Barão, do terreiro Casa de São Sebastião, em Cururupu:

*O problema é que o Maranhão por determinação divina (...) sendo um Estado do Brasil se destacou como berço da Encantaria, foi seleiro de moradia de muitas entidades espirituais a manter suas moradias as quais chamamos de Encantaria.*<sup>120</sup>

A Encantaria maranhense tem a sua espacialidade coincidindo com elementos naturais e religiosos. O *Reino de Dom Sebastião* se insere numa intrincada geografia de limites e contornos movediços com cada reino correspondendo a uma área de domínio e tendo uma entidade como representante.

O Reino de *Dom Luís*, o Rei da França, maior *vodum gentil* da Encantaria do Maranhão é responsável pela ilha de São Luís e tem o seu reino encantado na Praia da Ponta da Areia; *Dom Sebastião*, o Rei de Portugal, é o segundo maior *vodum gentil* do Maranhão e o seu reino encantado tem como sede a praia dos Lençóis chegando seu domínio até a rampa do porto de Itaqui onde a princesa Janaína, filha de Dom Sebastião, vive encantada; *Dom Manuel*, também de Rei de Portugal e *vodum gentil*, tem a Baía de São Marcos como seu reino encantado; *Dom João Soeiro*, outro *vodum gentil*, domina a encantaria da Ilha do Medo nas proximidades de São Luís; *Dom José*, o Rei de Floriano, tem o seu reino encantado na Baía de Alcântara; *Rei Barão de Guaré* domina das cercanias de Alcântara até o Boqueirão, próximo aos limites da Encantaria de Dom Sebastião; *Dom Pedro de Angarço* tem seu reino em Codó, interior do Estado; existindo ainda muitos outros reinos cultuados nos diversos terreiros espalhados pelo Maranhão.<sup>121</sup>

<sup>119</sup> FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma*. p. 177; MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Santos, Pajés e Festas*. p.122.

<sup>120</sup> Informações baseadas em narrativas do pai-de-santo Carlos de Barão, Casa de São Sebastião, Cururupu-MA, setembro de 2001.

<sup>121</sup> Idem, *ibidem*.

Esses diversos reinos e a simbologia que representam podem ser analisados numa perspectiva histórica à medida que se busca aborda-los como construtores de um conjunto de práticas não institucionalizadas que envolvem, a partir dos seus significados, relações estabelecidas entre o sujeito/crente e o objeto de sua crença<sup>122</sup>. Dessa forma, é preciso entender que as performances dos terreiros, das pajelanças e as narrativas contadas e cantadas pelos sujeitos têm uma dimensão simbólica muito importante, constituindo um elemento fundador de uma memória e, portanto, de uma identidade.

Nesse mundo da encantaria várias figuras de origem européias foram apropriadas: Dom João, Carlos Magno e Dom Sebastião. Este último foi incorporado aos cultos de vários terreiros e hoje se constitui numa das entidades mais conhecidas nas pajelanças e terreiros de Mina maranhenses. Embora assimilado nos mais diferentes lugares, Dom Sebastião estabeleceu moradia na Ilha dos Lençóis, litoral noroeste do Maranhão. É para lá, que todos os anos vários pais-de-santo se dirigem para oferecerem suas oferendas e reforçarem sua crença.<sup>123</sup>

Essa rede de devoção não é apenas externa, Dom Sebastião se constituiu para os habitantes de Lençóis como elemento mítico fundador da ilha e ao qual todos os moradores pertencem. Em meio às dificuldades da vida, os *filhos do Rei* projetam no soberano os desejos de transformação de sua realidade. Dom Sebastião aparece nos rituais de pajelança e nos terreiros de Mina locais para marcar sua presença e reforçar em seus seguidores a expectativa de mudanças no futuro, mas também de proteção no presente.

A crença num mundo melhor para muitos é lida como uma utopia. Segundo Pedro Braga, "*A utopia se opõe ao real e serve para mascará-lo*" e acrescenta:

No messianismo sebastianista da Ilha dos Lençóis não existe profeta nem um corpo de doutrinas, mas tão somente alguns preceitos. Não há ritual, mas apenas uma exigência mágica fundada num ato de coragem, e uma sensação de mundo baseada na crença de que é possível a transformação. Uma transformação sempre aliada porque

<sup>122</sup> Mircea Eliade chama a atenção do historiador para a necessidade de trabalhar com práticas religiosas não institucionalizadas. In: *El Chamanismo y Las Técnicas Arcaicas del Éxtasis*. pp. 09-28.

<sup>123</sup> Narrativa do senhor José Mário, pai-de-santo e morador da Ilha dos Lençóis, fevereiro de 2001.

acaba prevalecendo o medo cósmico. Enquanto isso, o sonho continua a alimentar essa dialética da esperança. Ilusória? Utópica? Certamente. Mas em todo caso, ajuda a viver, enquanto o Messianismo não vem.<sup>124</sup>

Diferente da leitura de Pedro Braga, o folclorista Nascimento Moraes Filho questiona aqueles que defendem que o sebastianismo maranhense seja o sebastianismo português. Afirma em tom contestatório:

Muito muito, sabemos, veio-nos de Portugal, mas não o nosso sebastianismo que é um filho do nosso *baixo espiritismo* criou-se nos terreiros de Mina e nas *salas* de pajé, alimentando-se da cachaça, incensou-se de diamba, encastelou-se na ilha dos Lençóis, de onde domina todo o noroeste maranhense, embalado pelas ondas e iluminado pelo luar. E mais: vestiu-se com a superstição do homem do mar e deram-lhe vida e os desejos recalcados e as ardentes aspirações de um mundo melhor.<sup>125</sup>

Por estes caminhos se construiu um credo sebastianista na Ilha dos Lençóis ligado às práticas de rituais da pajelança e do tambor de mina. O Rei Dom Sebastião, neste caso, não está na região das secas mas em uma ilha de aspecto paradisíaco, com dunas que se assemelham àquelas do deserto do Saara, onde teria desaparecido. Desaparecido e não morto, como realça a narrativa abaixo, séculos depois da batalha de Alcácer Quibir sua presença se faz sentir no diálogo com um morador de Lençóis.

*Ele disse que estava guerreando e quando via que perdia a guerra, pegou o povo dele e fugiu sem saber para onde ai, quando chegou aqui. Aí, ele mandou ancorar pertinho. Na hora que eles encostaram aí bem pertinho, ele saltou e nesse momento pega espada e espeta no meio da croa. Nesse momento, ele foi para o fundo com o navio e tudo para o fundo. Aí não tinha praia, não tinha nada, só aquele tambinho de croa que secava. Aí quando ele se encantou foram construindo a cidade do fundo e a croa foi alterando se formando a ilha.<sup>126</sup>*

<sup>124</sup> BRAGA, Pedro. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>125</sup> MORAES FILHO, Nascimento. *Pé de Conversa*. pp. 152-154, Edição do autor, São Luís, 1957 In: *Suplemento Cultural Vagalume*. p. 24.

<sup>126</sup> Narrativa do senhor Chico Rabelo, 78, pescador e morador de Lençóis, julho de 2000 em sua residência.

## Capítulo II: *E assim se Encontrou a Vontade e o Desejo na Ilha do Encantado Rei Dom Sebastião*

*O Rei diz que a praia não é  
encantada, ele é que é encantado  
na praia, na croa...*  
Senhor Chico, morador de Lençóis

Uma sociedade é formada pelos desejos e sonhos que os homens criam e projetam num mundo. Esses sonhos, impossíveis de serem aprisionados, constituem movimentações zigue-zagueantes que se encontram nas ações, nas omissões, nos medos e nos conflitos cotidianos. Nesse titubear, os homens marcam uma presença no mundo, que não é dada, mas construída através de um imaginário objetivado e que ganha efeitos de realidade nos sons e nas vozes de vários sujeitos cujas experiências são compartilhadas e as ações relatadas: nos espaços da pajelança e da mina; nas navegações em alto mar; nas noites de lua; nas *morrarias*<sup>127</sup>; nos cantos e recantos da Ilha dos Lençóis onde reina o encantado Rei Dom Sebastião.<sup>128</sup>

Fernando Pessoa, num de seus poemas, faz alusão a uma ilha onde o soberano português poderia estar encantado, ajudando dessa maneira a construir uma memória sebastianista de múltiplas faces:

Ó meu rei de fantástica memória,  
Passo a vida a rezar a tua história,  
Tão verdadeira e sobrenatural...  
Eu rezo a tua infância aventureira,  
Tua morte num trágico areal.

<sup>127</sup> Palavra utilizada pelos nativos de Lençóis para nomear as dunas. Além desse termo, dois outros serão bastante usados no trabalho: mesmo que os ilhéus façam referência ao soberano como *Rei Sebastião* demonstrando uma certa familiaridade/proximidade será mantido o termo *Rei Dom Sebastião*; já no segundo caso, trabalhar-se-á com a palavra *pajoa* como feminino de *pajé*, pois mesmo não existindo na Língua Portuguesa oficial é muito utilizada pela comunidade de Lençóis.

<sup>128</sup> O homem assim como a sociedade vive num constante processo dialético de formação, como afirma o sociólogo Peter Berger: "*Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado neste empreendimento*" ao tomar plausível o mundo construído. In: *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1999. p.35.

Rezo a tua existência transcendente,  
Numa ilha de névoa, ao sol nascente,  
Encantada nos longe da Natura...<sup>129</sup>

Mesmo acreditando que seja difícil perceber nas trilhas obscuras do tempo um caminho aberto ao *pan-visionário* devido às limitações e, por conseguinte, às escolhas inerentes a toda pesquisa que tenha como objeto a experiência humana na qual o pesquisador esteja envolvido, é possível estabelecer referenciais que dêem visibilidade à crença sebastianista, construindo-a enquanto uma “paisagem de pesquisa”<sup>130</sup>. Essa história se constrói e se perde, redefine-se mas não se esquece, ela é movimento de pessoas astuciosas, revoltos/devotos, crentes/sujeitos que compartilham vivências onde o Rei Dom Sebastião está presente.



Fig. 1 Vista parcial do povoado, 09/2001

Foto: Joel Andrade

<sup>129</sup> PESSOA, Fernando. *A Águia*, 3<sup>a</sup>, 1, 9, 1922.

<sup>130</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. 6<sup>a</sup> edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 35.

Da busca por essa ilha, e do encontro com seus habitantes, produziu-se uma *paisagem de pesquisa* permeada pelos contatos, percepções, impressões e diálogos travados com os vários sujeitos que compõem, dão significados e vivenciam o imaginário sebastianista na Ilha dos Lençóis.

O senhor Chico Rabelo, 68 anos, morador de Lençóis, um dos referenciais para toda uma história/memória que se construiu naquele lugar, revela, numa de suas narrativas, a presença do Rei Dom Sebastião na ilha. Seu encontro com o Rei serve de reforço para um lugar onde sonho e vivência se confundem.<sup>131</sup>

Pelos idos de 1950, o senhor Chico saiu para pescar sozinho, numa noite de lua cheia. Ali realizaria seu primeiro encontro com o Rei Dom Sebastião já tão falado naquela localidade. As palavras que ecoaram daquele soberano justificam a sua procedência e a fundação da Ilha dos Lençóis:

*Eu morava na ponta, quando foi uma noite, eu vinha fazer uma viagem por Bate-Vento numa canoa. Na ponta do morro tinha uma barreira que fazia uns poços. Então, eu encostei a canoa e saltei para beber água. Quando cheguei no poço, uma visão me apareceu. -Quem está falando, pode aparecer? Esperei um pouco. Quando apareceu, era um homem e ele disse: -Venha, o Rei quer falar com você! -Por onde eu vou? Perguntei. -Pode entrar na barreira do poço. Quando me abaixei para entrar, pisei na janela de um palácio, aí ele tava deitado numa rede. Isso aconteceu há uns 50 anos atrás. Aí ele me chamou, pediu para ir ao escritório dele que ficava de banda: -Puxe esta cadeira! Puxei e me assentei. Aí ele me disse que ele tinha fugido. Que ele era o Rei Sebastião. Ele tava guerreando. Ele via que perdía a guerra. Pegou o povo dele e fugiu sem saber para onde ia. Quando chegou aqui, ele mandou ancorar, pertinho. Aí ele convidou Manoel Luís e botaram escalé dentro d'água aí eles encostaram lá na croa. Na hora que eles encostaram a maresia passou e foi encobrindo. Aí ele saltou e pegou a espada e espetou no meio da croa. Nesse momento, ele foi pro fundo com o navio e tudo para o fundo. Aí não tinha praia, não tinha nada, só aquele tampinho de croa que secava. Aí quando ele se encantou foram construindo a cidade no fundo e a croa foi se alteando formando a ilha. Então a essa hora, ele mandou que Manoel Luís tomasse conta do arrecife. Aí ele se levantou e foi lá em cima da mesa e pegou um espelho redondo. E mandou que eu mirasse no espelho. Aí ele disse que esse espelho mostrava o Manoel Luís. Aí eu disse: -Mas os pajés disseram que o senhor não morava mais aqui. Ele disse: -Eu saio, mas eu moro aqui. Aqui eu não deixo. Você não quer ver um casal de filho meu? -Eu quero. Aí ele me mostrou um moço e uma moça, filhos dele. Nesse momento, o moço*

<sup>131</sup> Entrevista concedida em julho de 2000, em sua residência, na Ilha de Lençóis.

*que me trouxe perguntou quem ia me deixar, se era ele, ou se era o Rei. Aí o Rei disse: -Não, quem vai deixar ele sou eu mesmo! Aí eu olhava, não tinha água nenhuma. Quando saímos, ele disse: -Aqui não tem água. A água é por riba. Tinha umas estradas mas não enxergava o fim delas. E quando chego na ponta onde eu morava, aí ele mandou que eu subisse. Quando eu subi a terra tava levantada, uns 10 metros. -Agora tu vais que eu fico aqui na ponta! Nessa hora eu peguei o pessoal para ver o Rei que tava na ponta. Nesse momento que o povo veio ver ele, a terra baixou. E nessa hora eu contei pro povo que tava na casa. Aconteceu que eu levei oito dias na terra quente, quase morro. Dentro desses oito dias não comia, não bebia, de noite me botavam na cama, de dia me botavam de fora. A minha mãe pega uma camisa minha e levou para uma senhora no Bate Vento. Minha mãe foi chegando na casa, a mulher disse: -Assim se encontrou a vontade e o desejo! Ela queria dizer que o Rei tinha vontade de me encontrar e eu tinha vontade de encontrar ele também. Ela pegou uma água, deu um banho nela para ficar bom. Ela chegou e me mandou banhar com essa água benzida da pajoa Constância.”<sup>132</sup>*

A carga simbólica que pode ser lida dessa narrativa se constitui num elemento importante na construção de um credo sebastianista na Ilha dos Lençóis. E a partir dela, torna-se possível compreender que o sebastianismo não pode ser visto como um movimento uno e suas apropriações em outros lugares e espaços constituem reapropriações da tradição sebastianista portuguesa.

Cabe, entretanto, nesse momento, localizar o conceito de *lugar* e de *espaço*. Embora haja uma relação entre ambos, entende-se que o *espaço* não existe por si, ele é construído; é um lugar de práticas, que só ganha sentido à medida que determinados sujeitos históricos o investem de uma rede de significados e que visualizam nele suas experiências cotidianas, criando laços de identificação e pertença.<sup>133</sup> O *lugar* aparece como algo *próprio* que é transformado e ressignificado pelas pessoas que nele habitam, transmudando-se em *espaço*. Em suma, como afirma Michel de Certeau, não se deve confundir os dois conceitos. O *espaço*, portanto, é histórico e onde esse *espaço* é descrito, multiplicadamente descrito se constitui em algo que “*é mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador*”.<sup>134</sup>

<sup>132</sup> Senhor Chico Rabelo, julho de 2000.

<sup>133</sup> CERTEAU, Michel de. *Op. Cit.* p. 201.

<sup>134</sup> Idem, *ibidem*. pp. 201-203.

Na passagem de lugar para espaço, Lençóis começa a ter uma historicidade marcada pela relação de seus habitantes com o encantado Rei Dom Sebastião. Embora visite outros lugares, é em Lençóis que instaura o seu reino depois de seu desaparecimento em Alcácer Quibir. Vivendo como um encantado apenas alguns moradores podem vê-lo; contudo, aqueles que o vêem nem sempre podem descrever os encontros, correndo, inclusive, o risco de serem castigados.

Mesmo assim, diversos interlocutores quebram essa lógica e deixam fluir suas experiências. Por múltiplos caminhos, resgatam uma ancestralidade cuja busca se torna necessária à medida que se tenta encontrar elementos que, historicamente, sirvam de elos para um conjunto de práticas instaurado em Lençóis através de uma moldagem histórica numa crença que perpassa os limites da própria ilha.

## **2.1 A Cidade de Riba: o Cenário e os Narradores de uma História**

A Ilha dos Lençóis constitui o cenário desta história. Seus lugares e espaços demarcam presenças humanas e sagradas cuja geografia está permeada por uma forte representação simbólica. Sua descrição é múltipla e escorregadia, configurando-se, entretanto, nas relações travadas entre os dois mundos. No mundo de “*riba*”, são os sujeitos que, com experiências variadas, compõem um grupo de narradores que dão significados a essa espacialidade a partir de uma memória referenciada no Rei Dom Sebastião que, vivendo no fundo, entra em contato os habitantes do mundo de “*riba*”.

A Ilha dos Lençóis, geograficamente, pertence ao município de Cururupu<sup>135</sup>, fazendo parte do arquipélago de Maiaú (também conhecido como Ilha de Bate-Vento). Uma das ilhas mais afastadas do continente e situada numa área de difícil acesso, Lençóis encontra-se próxima ao farol de São João

<sup>135</sup> O município de Cururupu foi elevado à condição de freguesia no ano de 1835 através do artigo 5º da lei provincial nº 13 de 8 de maio de 1835, passando depois à categoria de vila pela lei provincial nº 120, de 3 de outubro de 1841, sendo desmembrada do município de Guimarães. Sendo elevada à categoria de cidade no dia 9 de março de 1920 através da lei estadual nº 893. Em 1948 foram definidos os limites do município de Cururupu. Posteriormente seus limites foram modificados com o desmembramento do município de Bacuri, em 1961, e posteriormente na década de 1990 com a criação dos municípios de Serrano do Maranhão e Apicum-Açu. Fonte: *História de Cururupu*, escritos do senhor Manoel Goulart.

que serve como ponto de referência para orientação de embarcações que se aproximam do Brasil pela costa norte.<sup>136</sup>

Algumas das ilhas que compõem o arquipélago de Maiaú ainda permanecem desabitadas devido às condições desfavoráveis, tais como a distância do continente e, principalmente, a precariedade do terreno para se estabelecer moradia. Todavia, Lençóis e Bate-Vento são duas ilhas com populações consideráveis, provavelmente estabelecidas em fins do século XIX. Chega-se a este raciocínio baseado em duas leituras: a primeira, de um viajante que descrevera aquela região por volta da década de 1810, e, segundo, em torno de uma memória construída pelos habitantes mais antigos da Ilha de Lençóis que reforça a idéia de que até, aproximadamente, 1900 a ilha era utilizada apenas para a *salga do peixe*, não tendo população fixa.

Em relação ao primeiro ponto, de acordo com as informações do padre Manuel Aires de Casal (1754?-1821?) no seu levantamento geográfico do Brasil, com primeira publicação em 1817, em homenagem ao Rei Dom João VI, assim encontrava-se a região próxima à que hoje é habitada pela comunidade de Lençóis:

Depois de sete léguas encontra-se a baía chamada Cabelo da Velha, que tem seis milhas de largura, com outras tantas de fundo, onde desemboca o rio Curupu; sua entrada é por entre duas baías rodeadas de baixios perigosos. Junto da praia, que medeia entre estas baías, estão cinco ilhas em fileira, povoadas de mato, maior tem légua e meia de comprimento.<sup>137</sup>

Há uma forte influência indígena na nomeação do município de Cururupu que antes era chamado *Cabelo de Velha*, nome de um cacique tupinambá que habitava aquela terra. Acredita-se que foram os índios tupinambás os primeiros habitantes de Cururupu, depois vindo os portugueses de Guimarães que iniciaram "*o ciclo das grandes fazendas*".<sup>138</sup>

<sup>136</sup> Segundo o senhor Manoel Goulart, morador de Cururupu, janeiro de 2000, o farol de São João foi construído em 1884, parando de funcionar em 1938 e reformado em 1940. Além desse farol, outros dois são pontos de orientação para os navios que vêm do hemisfério Norte em direção à costa brasileira: o farol de Salinas e o farol de Pirajuba.

<sup>137</sup> CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Universidade de São Paulo/ Livraria Editora Itatiaia, 1976. p. 300.

<sup>138</sup> Leitura baseada no texto: Histórico de Cururupu. In: Suplemento Cultural Vagalume. São Luís: SIOGE, 1986. p.17

Em relação aos *baixios perigosos* sabe-se que naquela área da baía de Cururupu vários navios afundaram, chegando-se a comentários, exagerados, de que teriam mais navios afundados ali que no Triângulo das Bermudas.

Quanto às ilhas, que encontram-se enfileiradas, acredita-se que o padre esteja fazendo alusão ao arquipélago de Maiaú, inclusive Lençóis, enfatizando ainda que não havia habitação ali por aquela época. Depois o padre Manuel de Casal faz referências a uma ilha de nome São João onde, possivelmente, seria posteriormente construído o farol do mesmo nome.

Já a alusão a um canal profundo pode ser compreendida como uma referência ao canal da baía dos Lençóis que servia de acesso à ilha pela parte sul, a partir da Ilha de Bate-Vento e do farol de São João num caminho aberto através dos manguezais.

Depois de igual distância, bordada por outras tantas ilhas, está a embocadura do rio Turirana, que vem de longe, e oferece bom surgidouro a navios pequenos. Defronte está a ilha de São João, que é a mais ocidental das mencionadas, com três léguas de comprimento do nordeste ao sudoeste, toda povoada de mato, pássaros e quadrúpedes bravios, e separada do continente por um canal profundo com uma légua de largo. Na ponta do nordeste há um surgidouro.<sup>139</sup>

O *surgidouro* aludido por Casal pode ser a Ilha dos Lençóis e *canal* o espaço aberto entre Lençóis e Bate-Vento. Todavia, nos últimos anos, com a mobilidade das dunas, o canal já não é tão profundo inviabilizando o acesso de embarcações de grande porte.

Como se pode perceber o padre Manuel Aires de Casal dá conta que aquelas ilhas estavam todas cobertas de mato e que provavelmente não havia habitação, excetuando-se uma, cujas referências levam a crer que fosse a Ilha de São João. Todavia, enfatiza a presença no arquipélago dos tupinambá: “os *indígenas que dominavam esta ilha do Maranhão e o continente vizinho eram tupinambá, repartidos em pequenas tribos, designados com diversos apelidos*”.<sup>140</sup>

<sup>139</sup> CASAL, Manuel Aires de. *Op. Cit.* p. 301.

<sup>140</sup> Idem, *Ibidem.* p. 301.

Para o senhor Chico Rabelo, o Rei Dom Sebastião fundou a Ilha dos Lençóis quando fugiu de uma guerra, estabelecendo-se como um *encantado* com toda sua corte. Mas como preencher a lacuna que vai da época em que o Rei Dom Sebastião funda a ilha e a fixação de uma população cujos descendentes são os que atualmente habitam Lençóis? Este questionamento é importante para se perceber como a memória dispõe de recursos narrativos que preenchem certas lacunas históricas. Para os moradores de Lençóis, a ilha teria sido, num passado não muito remoto, um aldeamento provisório dos indígenas:

*Senhor, aqui era aldeia de índio, senhor. Olha minha mãe achava, minha avó, pote aí nesta baixa, aqui na terra. Aqui tinha sido aldeia de índio, a gente não tinha certeza, né? Mas aqui só podia dizer que tinha sido aldeia de índio.*<sup>141</sup>

Acredita-se que Lençóis, como todas as outras ilhas do arquipélago de Maiaú, era freqüentada por indígenas, evidenciada pelos vestígios encontrados pelos avós de alguns dos atuais habitantes. Os vestígios constituem indícios que reforçam a ligação com um passado que antecede o início da ocupação definitiva da ilha por volta de 1900.<sup>142</sup>

De acordo com o levantamento feito, em 1999, pela antropóloga Madian de Jesus Frazão Pereira a população de Lençóis apresenta os seguintes números:

há cerca de noventa casas (construções de palha e/ou madeira), ocupadas por uma população de 480 pessoas; sendo que, entre estas, 237 têm idade inferior a 17 anos. A maioria dos habitantes é composta por "morenos" (definição nativa) e, termos percentuais, há um número considerado significativo de albinos, tendo em vista que em Lençóis a frequência de albinismo (3%) ultrapassa em muito a média normal (0,0005%)<sup>143</sup>

<sup>141</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>142</sup> Os Filhos da Lua, na Ilha dos Lençóis. *Revista Manchete*, 24 de maio de 1980. p. 36. Esta matéria reproduz parte de uma outra da Revista Veja de 08 de março de 1972, ampliando apenas alguns narradores como o do senhor Saturnino Oliveira e faz também referências ao Rei Dom Sebastião como morador da ilha e que aparece nas noites lua cheia como um touro.

<sup>143</sup> PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. *O Imaginário Fantástico da Ilha dos Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*. Belém: Dissertação de Mestrado/UFPa, 2000. p. 22.

Essa população que compõe o povoado, vive na parte da ilha nomeada como Agrado, no lado oposto ao mar aberto e de frente para a Ilha do Bate-Vento. Este ponto da ilha serve também de porto para várias embarcações de pequeno porte, que circulam por aquela região envolvidas na atividade pesqueira.

A Ilha dos Lençóis encontra-se dividida em vários pontos nomeados de acordo com a geografia da Ilha e a experiência da comunidade impressa no lugar: a Ponta do Gino, porta de entrada de Lençóis para aqueles que vêm do continente, recebe esse nome porque antigamente havia o rancho de um velho pescador chamado Gino; a Ponta da Criminosa, no nordeste da ilha, tem a sua denominação ligada ao encontro de um corpo; o Baixio do Anatólio é o local do afundamento de um navio do mesmo nome; a Ponta da Estrela, local onde três navios afundaram, e em um deles um casal morreu; o Sassá, na parte norte da ilha, é o lugar onde foram construídas as primeiras moradias; a Barra da Aliança, situada no extremo norte da ilha, dá acesso ao farol de São João; o Lago do Caco é o local onde foram achados pedaços de potes indígenas; o Agrado, *a cidade de riba*, local de residência de 90% dos moradores da ilha; o Bordado é o ponto que separa o Agrado do Igarapé do Panema, começo das *morrarias* e onde, antigamente, formavam-se várias lagoas; do Bordado a Ponta do Gino existem dois igarapés, Panema e Porto Velho, e a Ponta do Estevo. As maiores referências sobre o palácio submerso do Rei Dom Sebastião encontram-se na fronteira com esses três pontos.<sup>144</sup>

Em Lençóis, a natureza com o espaço se mesclam. Na história de fundação da ilha há uma referência à relação existente entre o Rei Dom Sebastião e o seu companheiro Manoel Luís, nome atualmente de um atol, e que na narrativa apresenta-se como um importante aliado do Rei. Antigo morador da ilha, o senhor Gabriel, de acordo com narrativa do senhor Macieira, referindo-se a Manoel Luís dizia que: *“antes Lençóis era perto de Manoel Luís, conheceu até o velho Manoel Luís, que era um pescador que pegava uma canoinha, ia pegava peixe lá”*.<sup>145</sup>

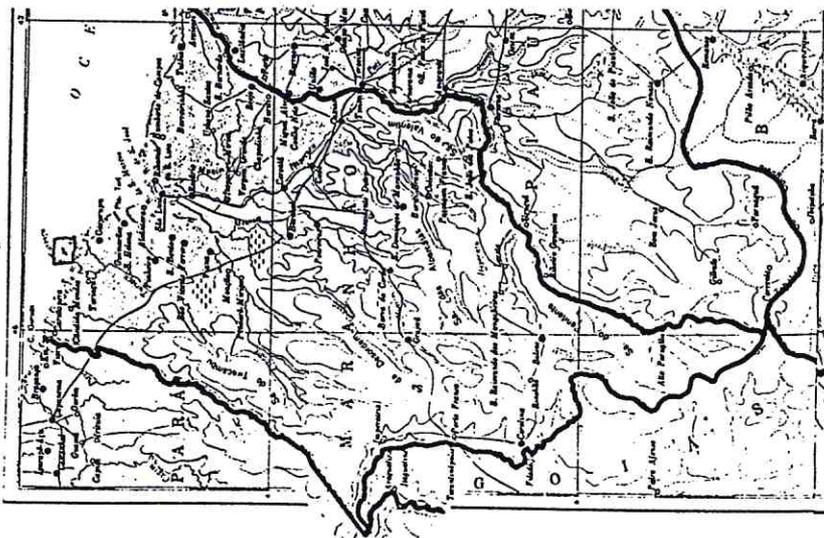
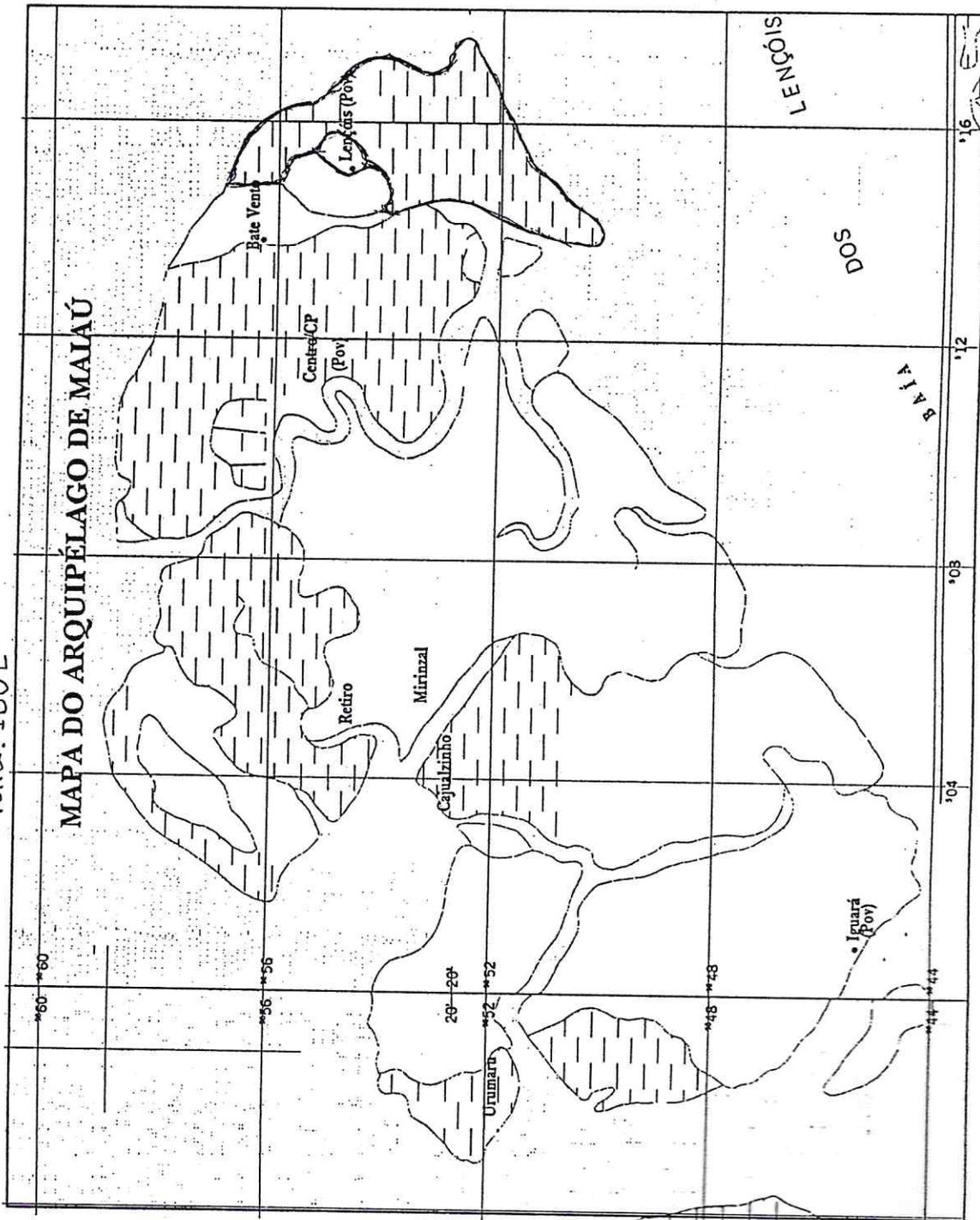
Nessa referência sobre Manoel Luís instaura-se um apoio aos mistérios

<sup>144</sup> Descrição construída a partir da narrativa do senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>145</sup> Senhor Macieira, janeiro de 2002.

Fonte: IBGE

# MAPA DO ARQUIPÉLAGO DE MAIAÚ



e encantos reforçando uma espacialidade através da lembrança de que antes o próprio atol ficava tão perto de Lençóis que era possível sair caminhando para realizar pescarias, pois lá havia peixe em abundância. Mas hoje, para se alcançar o atol, é preciso navegar uma longa distância, *algumas milhas* como falam os pescadores.

*Se botasse alguém pra fora pra topar é um dia inteirinho de viagem a motorizado pra encontrar com a pedra, o mar não cobre ela, tem parte que cobre né, mas tem parte que é de fora, mas diz que chama 'mata' o monte de pedra. Então de lá que o Lençol, diz os moradores pescavam por terra, saía de Lençol pra ir pescar no Manoel Luís. Agora Lençóis já deixou a pedra muito longe. Porque essa terra, arrepare que o vento, o senhor pode reparar, quando o vento tá mesmo bem ventando, assoprando o senhor olhe a terra.*<sup>146</sup>

A mobilidade das dunas de Lençóis, apontada pelo senhor Macieira, cria um emblema que liga terra e mar; o lugar de onde se consegue os alimentos, uma zona intermediária que demarca o encontro de dois mundos, o dos homens e o da encantaria, marcados ambos por espaços inconstantes e sempre fugidios.

*A terra tem uma fundação do mar. Arrepare a cova do morro é do jeito da maresia lá fora, né? Cresce uma aqui, cresce outra aqui (apontando). Mesma coisa tem na terra, tem na maresia. Se quebrar isso aí quando vier uma água do fundo, porque quando a terra quebra, treme, a gente que isso aí tem um mistério.*<sup>147</sup>

A mobilidade do espaço cria um imaginário marcado pelo medo e expectativa. A qualquer momento, em algum lugar, o *mundo do fundo* pode se manifestar, causando apreensão e temor nos moradores de Lençóis, principalmente na região próxima às *morrarias*.

*É falsa sim (a terra)! Minha mãe tinha medo. Quando batia inverno ela dizia: Ai meu filho essa terra aqui é muito arriscada. Numa hora que este muro quebra e mata todo mundo. Uma vez se quebrou com o pai desse João que tem ali, que chama João Beijo... Esse homem era dono de gado, foi buscar a vacaria no morro bem aí, naquele morro grande que tem lá, aí quase aqui na moradia, quase que veio de lá. O gado andava dentro quando o muro quebrou, foi*

<sup>146</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>147</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

*uma água que vinha do fundo pra cima que vinha até caco de pires quebrado, toco de pau, era só desse quando aquilo secou rapidamente, deixaram o gado atolado na terra.<sup>148</sup>*

O nome do local desse episódio ficou conhecido como Estrondo. Também interpretado como um dos espaços onde se visualizam os mistérios da praia e aparecendo como uma possibilidade de contato com o mundo do fundo.

Quase todos os habitantes de Lençóis, inclusive mulheres e crianças, estão envolvidos na pesca, principalmente do camarão. Através dessa atividade ancestral que se alimenta a população.

A chegada da família Oliveira, vinda da região de Itacolomi, provavelmente por volta de 1895 através do senhor Gabriel Arcanjo de Oliveira, morto aos 90 anos de idade na década de 1960, deu início ao povoamento da ilha. O senhor Gabriel, assim como outros pescadores, utilizava a praia para a salga dos pescados. Ali se encontravam alguns ranchos ocupados e outros abandonados sem haver ainda, contudo, um núcleo populacional fixo. Sua neta dona Neusa, 68 anos, afirma:

*As primeiras pessoas mais velhas? Eu vou já lhe dizer: era o meu avô, o nome dele era Gabriel Arcanjo de Oliveira e o outro era Severino dos Santos, os mais velhos daqui, da praia de Lençol, né? O outro por nome Germano Cirino, o outro, Antônio de Oliveira, que eram os mais velhos daqui da praia... assim diversos que eu já nem me alembro.<sup>149</sup>*

No relato do senhor Chico, o senhor Gabriel estabeleceu-se em Lençóis ainda bem jovem, casando-se com dona Albertina, natural de Pirajuba.

*O Gabriel é de Itacolomi, mas quando veio pra cá rapazote né, quando chegou aí ele casou com Albertina Petronília Oliveira, filha de Martinho Costa e Sinhá natural de Pirajuba. Aí não foi mais pra lá, agora ele tinha um filho, ele era o pai do Saturniño; agora filha mulher só tinha uma que era a minha sogra, tinha Nazaré, João, tinha o Zé, e tinha a Maria também.<sup>150</sup>*

Um dos filhos do casal Gabriel e Albertina Oliveira, senhor Saturnino, é

<sup>148</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>149</sup> Dona Neusa, fevereiro de 2001.

<sup>150</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

um importante personagem nessa história. Morreu, segundo dizem, com a incrível idade de 114 anos em 1985: *“Ele brincava muito com as crianças. Morreu sem doença alguma. Saturnino não tinha doença...”*<sup>151</sup> Dona Neusa, sua filha, atribui essa longevidade à uma época em que a fartura do pescado e a criação de gado propiciavam melhores condições de vida.

*Papai não nasceu aqui não. Papai sempre dizia que nasceu num lugar chamado Terra Preta aí prá banda do centro e o outro nasceu em Bate-Vento. Mas papai era o mais velho dos dois. Quando papai morreu o cabelo tava alvinho feito espuma. Mas, o senhor pode crer que o rosto dele tava lisinho. O senhor sabe gente criado doutro tempo. Ele contava que havia fartura. No tempo em que ele era vivo a fartura era grande, era peixe!!! Peixe que encahava nas redes. - Digo: minhas filhas, meus filhos, eu fui criada no meio da fartura, no meio da fartura. Hoje em dia vocês não alcançaram o que eu já alcancei.”*<sup>152</sup>

Este posicionamento é contraditório, como apontam vários narradores o sofrimento e precárias condições de vida sempre foram constantes para a maioria da população.

O senhor Saturnino ocupou um importante lugar junto à comunidade como um representante de uma cultura da oralidade cujas narrativas estão envoltas de mistérios que se confundem com a própria historicidade da comunidade. Por isso, permanece sendo um referencial para as histórias que se contam. Dona Helena, sua neta, reforça a importância a esses antepassados ao resgatar uma memória, realçando na prática, uma *arte do dizer*.

*(...)aí sempre que encontrava uma pessoa, ele falava, falava o que tinha visto. Já os mais velhos falavam. E aí iam na casa do Macieira, da Nini e ela ia dizer o que falou, ela ia contar. Meu tio também, o pai*

<sup>151</sup> Senhor Simeão, janeiro de 2002. É interessante perceber que quando estava narrando o senhor Simeão reiterava a afirmativa: *“tudo era verdade e foi contado pelo velho Saturnino Oliveira”*.

<sup>152</sup> Dona Neusa, fevereiro de 2001. A leitura que algumas comunidades fazem do passado como algo melhor é também enfocada por alguns trabalhos antropológicos. Eva Gilles realça que na comunidade Zande, na África, a comunidade sempre fazia referência ao rei Gbudwe: *“No tempo de Evans-Pritchard, em verdade, a autoridade geral dos homens sobre as mulheres, e a dos velhos sobre os jovens estava sendo minada em toda terra Zande. Aqui também os velhos falavam com nostalgia da época do bom Rei Gbudwe, quando os jovens conheciam seu lugar e as esposas eram adequadamente submissas”*. Introdução In: EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. (Edição resumida de Eva Gilles). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 13.

*da Nini era mais velho, conversava com ele, esse era que contava pra ele. Porque esses mais velhos é que sabia contar mais coisa, eu já sou nova. E eles eram mais velhos. Aconteceram mais coisas aqui, hoje em dia a gente não vê mais nada, e se vê a gente não pode dizer, falar tudo. Eu acho que isso que foi esbandalhado, contaram, e eu acho, meu sonho, se eu sonhar com uma coisa boa eu não posso declarar pra ninguém que eu mesmo estrago.<sup>153</sup>*

Todavia, é importante não abrir o foco apenas para este personagem, o senhor Saturnino, tornando-o detentor da *verdade* sobre o passado da comunidade. No campo da oralidade outros narradores entram em cena mostrando a complexidade dessa teia que se tece pelas experiências individuais e compartilhadas com o grupo. Como o próprio tempo, as experiências esgarçam-se e se redefinem possibilitando que outros personagens reconstruam esse passado.<sup>154</sup>

O passado é resgatado e ressignificado através de vários lugares e práticas: o ver e o dizer, o cantar e o dançar entrelaçam-se na dimensão do sonhar que cria efeitos de realidade. Por isso, é preciso resgatar as relações que os sujeitos constroem com o passado, deparando-se muitas vezes com a necessidade de ocultar e silenciar determinadas práticas como o sonho e as visões sob o perigo de desarmonizar os laços do homem com o outro mundo.

Nessa arte de sonhar imprime-se uma arte do omitir, pois o dizer nem sempre pode ser um recurso utilizado para dar visibilidade aos sonhos e visões. Nem tudo pode ser declarado. Em entrecruzamentos de falas e silêncios tece-se uma experiência histórica marcada pela singularidade onde aquilo que não é contido, escapa e revela-se sendo, inevitavelmente, apropriado e alargado o seu significado.

O sonho, analisado a partir da noção de representação, pode revelar o imaginário no qual o sonhador está envolvido e como é compartilhado pelos demais que o investem de um importante campo de significação. A crença sebastianista liga-se a essa teia de sonhos a partir de uma relação de proximidade do sonhador/narrador com a comunidade e o objeto sonhado.

<sup>153</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>154</sup> Ver FENTRESS, James & CHRIS, Wickliam. *Memória Social – Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Rio de Janeiro: Ed. Teorema, s/d.; THONSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, n. 15, abril/1997.

As histórias do senhor Saturnino mostram-se como uma referência na construção de uma *prática do dizer* em Lençóis, seja através da população local ou, ainda, em artigos publicados em jornais e revistas nacionais sobre as narrativas desse personagem. Acredita-se, de acordo com a maioria dos narradores, que ele teria sido o primeiro a contar histórias sobre a presença do Rei Dom Sebastião na ilha; todavia, outras narrativas dão conta de que existam relatos anteriores ao senhor Saturnino. Contudo, é com ele que este corpus narrativo começa a ser tecido e performatizado dada sua interação numa trama marcada pelo mistério. O senhor Manuel Macieira, sobrinho do senhor Saturnino, reforça essa idéia:

*Quem viu e achava mais coisas era um velho que ele contava muita lenda daqui, era o finado Saturnino. Ele já faleceu, era pai desses outros albinos ali, de uma albina que mora lá pro lado de cima, é a Neusa. Muitos vinham aí e fotografava essas coisas com ela, para saber se eram verdade essas coisas, ela conta, que o pai dela era antigo aqui e que no tempo antigo aqui tinha pouco morador, era pouca gente, eu era pequeno nesse tempo, eu era bem pequenininho. Eu não era nem nascido aparecia essas histórias.<sup>155</sup>*

Dona Neusa e senhor Alfredo são dois dos cinco filhos de Saturnino Oliveira e Basília de Oliveira Silva, netos do casal Tribertino Marinho da Silva e dona Sebastiana, e bisnetos de um português cujo nome é desconhecido. A esposa de senhor Saturnino, dona Basília, era da família Marinheiro, uma família albina originária de uma região conhecida pelo nome de Macaco, perto de Turirana, no fim da barra dos Lençóis. Com essas famílias ocupando cerca de dez residências nos primeiros anos da comunidade, começaram a nascer os primeiros albinos de Lençóis.

Nesse tempo o senhor Saturnino compartilhava suas narrativas com os filhos e as crianças da comunidade que se formava. Dona Neusa destaca o irmão Alfredo como um referencial que depois da morte do pai passou a ser muito procurado pelos repórteres: *“era ele! Chamavam ele e ele contava*

<sup>155</sup> Senhor Macieira, fevereiro de 2001.

*tudinho*".<sup>156</sup> Portanto, tece-se um corpus narrativo/poético sobre Lençóis que acompanha as crianças desde tenra infância, alicerçando um imaginário da encantaria cujos efeitos são compartilhados cotidianamente.<sup>157</sup>

*Nesse tempo era que apareciam umas coisas aí, desde que eu me entendo, tinha ocasião que tinha umas certas crianças que as mães não podia deixar nas casas à noite. Eles (os encantados) iam e carregavam... Nessa época tinha umas casas, pouquinhos casas.<sup>158</sup>*

Ao mesmo tempo em que os habitantes constroem um imaginário marcado pelo temor de que suas crianças desapareçam nas dunas, levadas por um encantado, os mistérios da ilha atraem pajés e pais-de-santo que vão ali reforçar o seu credo no soberano, o encantado Rei Dom Sebastião, legitimando a construção de um espaço pautado pela noção de sagrado:

*Essa a dona Constância vinha brincar aqui, ela morava em Bate-Vento. Ela era desse negócio de cura. Ah! Também vem muita gente daí do Belém, de São Paulo, do Rio. Eu penso que ele faz até milagre porque vem muita gente pagar promessa aqui.<sup>159</sup>*

Um personagem que pode ter influenciado o senhor Saturnino no conhecimento do sebastianismo foi o português conhecido como Manoel que morou nas ilhas de Bate-Vento e Lençóis. Quando jovem, na década de 1940, o senhor Macieira acompanhara muitas conversas entre o Manoel e o senhor Saturnino, embora não se saiba o teor dos diálogos. Contudo, o senhor Macieira afirma: "*Ele era mesmo português!*"

*Quando eu cheguei a conhecê-lo era um homem novo, de trinta e poucos anos. A filha era bonita, cabelo doirado, o filho mora aí no*

<sup>156</sup> Dona Neusa, janeiro de 2002. A narradora reforça que Alfredo, seu irmão, em sua concepção, seria um possível herdeiro da arte de contar as histórias do pai, Saturnino, e do avô, Gabriel, caso uma enfermidade não lhe tivesse tirado a vida, relatando o episódio de falecimento do irmão com muita tristeza: "*Morreu, Alfredo morreu com 38 anos, deixou os filhos pequenos, mas já tão tudo moço, o mais velho é o Sibá, um loiro, deixou os filhos tudo pequeno ainda mas, já tão mocinho, estuda, a mulher dele pegou um emprego nesse negócio de fazer merenda, graças a Deus que ela tá indo bem. Tem os filhos que trabalham, tá passando como Deus quer, ela inté viajou hoje para Cururupu, foi chamada pelas fazendeiras de merenda, tudo tem que ir para assistir uma reunião... tudo tem estudar agora. Tá diferente, os tempos mudou, no tempo que estudei que era tudo assim não.*"

<sup>157</sup> EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Op. Cit.* Neste trabalho, o antropólogo inglês discute o papel que tem essas experiências junto às crianças na construção de uma memória e de um conjunto de práticas que articulam e mantêm uma tradição viva.

<sup>158</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>159</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

*Bate-Vento, quando o pai faleceu já tava homem. Ele morou um bocado aqui em Lençóis. Aqui era um lugar que dava muito peixe e ele exportava para São Luís, dava muito peixe.<sup>160</sup>*



Fig. 2 Dona Neusa, 09/2001

Foto: Joel Andrade

<sup>160</sup> Senhor Macieira, janeiro de 2002.

Dona Neusa afirma que viu o senhor Manoel freqüentar a casa de seu pai, lembrando-se que o português era muito conversador. Quem sempre estava presente era o seu irmão Alfredo que *“gravava tudo, morreu com uma doença no estômago, tão novo, mas gravava tudo na memória”*<sup>161</sup>.

Essas pessoas viviam exclusivamente da produção do pescado. Por volta de meados da década de 1950 a região do canal de Lençóis era muito movimentada devido o fluxo de embarcações que comercializavam o pescado produzido no arquipélago de Maiaú (Lençóis, Bate-Vento). Naquela época, como bem lembra um narrador, havia uma grande fartura de peixe e a maioria das embarcações, principalmente de pescadores da região, eram movidas à vela, o que aumentava tanto o tempo do percurso quanto o perigo em alto mar. Poucos tinham o privilégio de ter uma embarcação a motor como o senhor Ângelo Azevedo<sup>162</sup>, uma das pessoas influentes na região, e responsável por parte da comercialização do pescado e pelas salinas que existiam na ilha de Bate-Vento.

Remetendo-se nostalgicamente a uma época em que *“tinha fartura de peixe... mataram muito peixe por aqui”*<sup>163</sup>, restam-lhes, hoje, apenas a expectativa de que a cada ciclo lunar a produção volte a ser aquela de outrora.

*Aqui quando a gente imagina quando há maré de quarto, eu já conheci muita fartura de peixe e camarão. Camarão aí mesmo no poço aqui. Pegava eram quatro, cinco daquelas panelas grandes cheias de camarões graúdos... Peixe! A gente tratava era a noite inteira, jogava fora, muito peixe aqui, era a gente nessa casa aqui perto da beira, você via içando o peixe ali, o peixe grande batendo em cima do peixe miúdo, que vinha a fartura da caíca. A caíca entrava aqui dentro do rio e o peixe e o tubarão que era camurubim, era muito. Tinha um primo que saía de canoa aí pra açoar camurubim, pegava que amanhecia com cinco, seis camurubim, até dez ele matava, hoje em dia não tem nada não. Você sai aí o peixe vem, de caíca vem passando, ele passa aqui, entra e vai embora... antigamente não, quando vinha firmava aí, firmava aí na beira e aí ia o povo pra matar o peixe.*<sup>164</sup>

<sup>161</sup> Dona Neusa, fevereiro de 2001.

<sup>162</sup> O senhor Ângelo aparece nas narrativas e matérias jornalísticas como sendo o elo de ligação entre a comunidade de Lençóis e os poderes públicos/institucionais do continente.

<sup>163</sup> Dona Neusa, fevereiro de 2001.

<sup>164</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

Pescando *pracema, charéu, serra, camurubim, cavala, camorim*, entre outros, os habitantes de Lençóis viam-se num tempo de fartura, salgando os peixes na própria ilha e levando-os para comercialização em São Luís.<sup>165</sup>

Esse comércio era tão intenso que quase todas as pessoas de fora que vinham para Lençóis estavam envolvidas neste processo. Manoel, *O Português*, era um desses que enfrentava todas as dificuldades em alto mar para levar pescados a São Luís. Numa dessas viagens aconteceu-lhe algo que contou para o senhor Saturnino: *“teve uma vez que o barco furou, encalhou na lama, apareceu um cavaleiro dizendo que queria comprar a farinha, botaram a farinha na lama e o barco saiu”*.<sup>166</sup>

Todavia, as mudanças pelas quais a ilha tem passado inquietam narradores como senhor Chico: *“Ele contava muita coisa pro seu Saturnino do que eles viam. Mas depois que a população aumentou ta desaparecendo. Tudo mudou e a minha casa era lá frente”*.<sup>167</sup>

Continuamente os narradores estão se remetendo ao tempo dos seus avós como uma época de uma maior aproximação entre os habitantes e os mistérios que circulam a ilha e a presença do Rei Dom Sebastião. Quem teria primeiro se encontrado e travado diálogo com ele na Ilha dos Lençóis? A busca por uma origem não dá conta das diversas representações construídas em torno de uma experiência histórica; a questão torna-se complexa no campo interminável e não delimitado pela memória para a qual não se tem resposta pronta. Esse é um campo fluido cuja presença é sentida, vista e dita por personagens como o senhor José Mário, senhor Macieira, senhor Evilásio, dona Neusa, dona Maria Tereza e senhor Chico que reforçam a crença através do contato histórico com o mundo da encantaria.

Essa memória se configura a partir de vários fragmentos de experiências vivenciadas por aqueles sujeitos que redimensionam a apropriação do sebastianismo em Lençóis. O Rei Dom Sebastião, em Lençóis, não se assemelha ao personagem português que serve de referência para a

<sup>165</sup> Atualmente os pescadores de Lençóis e áreas circunvizinhas se abastecem do gelo que é produzido numa fábrica no porto de Apicum-Açu.

<sup>166</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002. Este episódio serviu de mote para a construção de algumas narrativas em produções literárias sobre o sebastianismo em Lençóis: NASCIMENTO FILHO, Jomar. *O Cavaleiro do Destino* e BORRALHO, Tácito. *Vivia El Rey D. Sebastião!*

<sup>167</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

construção da tradição sebastianista. Na Ilha, o Rei deixa de ser branco como afirma o senhor Chico: *“das duas vezes que eu vi ele, é moreno de roupa branca. Sempre que eu tenho esses sonhos, eu não vou só. Eu tenho um companheiro. Antigamente era um pretinho...”*<sup>168</sup>

Cabe a alguns a capacidade e a autoridade para revelar e descrever os contatos com o mundo da encantaria. Contudo, a oportunidade de ver o soberano da ilha não confere necessariamente ao sujeito o direito de contar o que viu. Antes de tudo, há uma necessidade de preparo; do contrário, o indivíduo pode sofrer alguns infortúnios como doenças, acidentes e até mesmo a morte.

Embora o lugar de autoridade daquele que lida com o sagrado seja marcado pela singular capacidade de manter um contato harmônico com o mundo da encantaria, o imaginário sebastianista em Lençóis também foi fortalecido pela presença de *achados* que assegurou à comunidade o reconhecimento do domínio de Dom Sebastião:

*Quando os lagos quebravam aparecia ouro, era aí nos lagos mesmo. Era xícara tão bonita e ajuntavam e não acontecia nada. Acontecia só pra gente de fora porque de primeiro se o senhor dissesse assim, hoje no meu barco nós vamos meter um lastro de areia, o senhor não ia nem rompia dali, nem que quisesse não deixaria. Agora não, agora o povo de fora já carrega areia. Acho que vinha da natureza de Rei Sebastião. Antigamente achavam muito. Essa história do Rei tá diferente.*<sup>169</sup>

A partir dessa narrativa percebe-se que certos elementos fortaleceram a crença na presença do Rei Dom Sebastião. Moedas, cordões e anéis de ouro são indícios materiais de uma riqueza que possivelmente está submersa. Será que fora trazida por Dom Sebastião e seus seguidores ou deixada por navegadores que desde o período colonial passavam por aquela região? A explicação para a presença desses *achados* pode ser tomada a partir de duas perspectivas: a primeira, como a ilha chama a atenção de quem passa pela costa Atlântica, é provável que no período colonial tenha servido de abrigo para navegantes; na segunda, alguns utensílios encontrados podem ser associados a uma presença de indígenas na ilha que tentavam fugir da perseguição

<sup>168</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>169</sup> Dona Neusa, janeiro de 2002.

portuguesa no período colonial.



Fig. 3 Vista parcial da cidade de *riba*, 01/2002

Foto: Joel Andrade

Com o estabelecimento de uma população fixa, em fins do século XIX, esses índios se configuraram no fortalecimento da relação dos moradores da Ilha com o Rei Dom Sebastião. Contudo, a população aumentou significativamente, nas últimas décadas, com o fluxo de pessoas vindas de

outros lugares como Enseada, Macaco, Pirajuba, Pedra Preta e Turirana, que fazem parte hoje do município de Apicum-Açu. Esse adensamento populacional gerou nos principais interlocutores da crença sebastianista uma certa inquietação em relação às desordens que poderão vir da quebra da harmonia construída entre o Rei, dono da ilha, e os moradores, seus súditos.

## 2.2 A Cidade do Fundo: no Reino Encantado de Dom Sebastião

*Aqui tem alguma coisa com ele  
que a pessoa não duvida não.  
Essa terra daqui é falsa senhor (...)  
a gente não se confia!  
Senhor José Mário*

O Reino de Dom Sebastião compreende, portanto, dois espaços distintos que se inter cruzam. O *mundo de cima*, onde habitam os seus crentes/devotos, e, o *mundo do fundo*, moradia do próprio Rei e de seus encantados. Em alguns momentos, estes personagens mantêm contatos e através de várias narrativas é produzida uma visibilidade do *mundo do fundo*, multiplamente descrito para os habitantes de cima pelos pajés, pais-de-santo e pescadores. Nessas descrições reforça-se o credo em Dom Sebastião:

*Ele disse que Lençóis é ilha pra nós aqui mas, prá eles lá é uma capital, pro povo de Rei Sebastião é uma capital, eles estão dentro de uma capital, o que tem dentro de São Luís tem aqui, pra nós aqui é uma morraria muito maravilhosa né, mas embaixo dessa morraria é pra quem tem a vista aberta, é uma cidade mais linda do mundo, é a capital mais linda do mundo... e a gente olha aqui é só aquela bolinha (duna) né, mas lá pra eles é grande.<sup>170</sup>*

Essa representação em torno de uma fabulosa *cidade do fundo* reforça a noção de realeza e de pertencimento a uma figura soberana na ilha. Uma tradição que se constrói a partir de várias possibilidades e olhares que são, ao mesmo tempo, “*fragmentos de uma memória*”<sup>171</sup>. O ver, o sonhar, as relações

<sup>170</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>171</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. p. 68.

cotidianas, o mundo em volta, os desafios, as tristezas e as esperanças, enfim, tecem uma complexa rede que objetiva uma concepção de mundo, transformando a Ilha dos Lençóis num espaço sagrado.<sup>172</sup>

O senhor Chico, que teve o privilégio de ver e dialogar com o Rei Dom Sebastião no *fundo*, descreve seu percurso pela encantaria de Lençóis:

*Algumas coisas eu vi, outras são do meu avô, mas eu tenho crença, esse bocadinho que eu conto é verdade... Há encantaria no meio de Lençol. A rua não é calçada, eu já andei umas três vezes por lá. Tem um lugar que as pinturas é só de um jeito. Tinha um menino que andava comigo. Não vi mais gente. Na rua só tinha bicho (rolo de cobra). –Não tem medo que não te faz nada, disseram pra mim.<sup>173</sup>*

A partir da troca de experiências dos diversos interlocutores na crença sebastianista, além de reforçar uma trama narrativa que enfoca a relação entre o mundo da encantaria e o *mundo de cima*, produz-se um campo de transmissão de uma memória constantemente partilhada.

*O Chico contou que ele sonhou assim: que ele passou um dia num encanto aí, no fundo. Aí o Rei Sebastião levou o espírito dele pra lá. Então, ele disse que daqui pra nós é um rio, mas pra lá é um encanto, são umas estradas e esses mangues pra lá é um jussará. Assim ele me contou, o Chico.<sup>174</sup>*

Alguns moradores são chamados a visitar o mundo da encantaria como o pai-de-santo José Mário que afirma ter caminhado pelas ruas da cidade do fundo várias vezes, constatando ser uma reprodução do *mundo de cima*. A representação da cidade do fundo serviu de mote para a criação de uma música cantada, até hoje, pelos moradores da ilha intitulada *Cidade de Lençóis*, mostrando como foi apropriada do mundo da encantaria:

*Tem rua, tem casa, tem tudo, viu? Agora só que a iluminação é diferente. Os postes, não sei se tem cidade assim, os postes não são assim como esses daqui. Ele é meio alto, mas na ponta é a lâmpada. É feito aqui assim, aqui é uma lâmpada mesmo aqui, aqui é outra. Aí*

<sup>172</sup> Abordagem inspirada em: BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*.

<sup>173</sup> Senhor Chico, fevereiro de 2001.

<sup>174</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

*do Agrado pra lá tudo é assim. Mas é bonito, é iluminado também, não assim (como em Lençóis). Só nos postes têm aqueles braços, os abajus, mas os abajus são diferentes. Ficam no meio da rua. Fica aquele encanto e a instalação passa por dentro, é um cano, você olha assim, tudo é por dentro, agora ilumina, é muito bacana<sup>175</sup>*

Essa representação do mundo do fundo talvez simbolize o desejo da população por melhores serviços. Tal desejo é ativado pelos contatos com a encantaria podendo trazer problemas para aqueles que circulam pelo mundo do fundo, principalmente quando se oferece algo que só aos encantados é permitida a ingestão:

*Que a cachaça do fundo é da cor de uma garapa. Contanto que eles me deram para eu beber. Agora fizeram mais e me deram para eu beber. Deram um pedaço de cobra assada, insossa, não comi. Não engoli o pedaço da cobra. Tinha o gosto de cachaça verdadeira, de cana, agora ela é escura. E tem valência tu não comer. Como eu ia amanhecer? Já amanhecia morto. Mas lá a gente não morre. Fica velho. Não morre. Mas eu queria de corpo e alma. Antigamente eu era proibido andar só.<sup>176</sup>*

O imaginário que se construiu em torno do mundo da encantaria cria um espaço marcado por jogos de contrários. Lençóis, do fundo, é descrita nos sonhos, nas visagens e nos tranSES como uma cidade bonita e rica cujas imagens projetadas por uma arte de sonhar o esperado associa a vidência à realidade. Marcados pelas imagens do albinismo, das *morrarias* e das dificuldades cotidianas, os moradores de Lençóis edificam um mundo de ponta à cabeça, invertendo a ordem das coisas estabelecidas pelos homens e pela natureza. Nesse mundo invertido apenas alguns "escolhidos" transitam e suas teias narrativas possibilitam a representação de dois mundos e desejos:

*Pra aqui a gente é fechado mas na vidência é aberto. Nós moramos junto com eles aí. Só que é invisível num sabe. E tudo é casa mas, pra nós é uma morraria não é. É uma montanha de areia. Mas que é muito bonita, tem casa, tem riqueza,, tem tudo dentro. Tem as portas, agora só que é fechado pra nós, mas que lá pra eles não. No sonho da gente e na vidência tudo é perto. Agora lá pra eles, pra eles é casa, pra nós aqui é uma morraria.<sup>177</sup>*

<sup>175</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>176</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>177</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

No mundo dos encantados há uma relação profunda entre os aspectos humanos e naturais. A *cidade do fundo* encontra-se debaixo das *morrarias* que nas *noites de luar* ficam claras envolvendo o espaço numa atmosfera de mistério. Todavia o mais importante é que dessas relações e experiências tira-se um modelo de conduta e convivência: “*cada qual no seu trabalho*”.

Nas visões relatadas por moradores, os encantados aparecem de vários modos: mulheres, bois, cachorros, cavalo e um cavaleiro misterioso são vistos na ilha. Em algumas “noites de lua”, o cavaleiro aparecia ornamentado com capacete no meio da *morraria* mas desaparecia ao se aproximar algum indivíduo. Visões como esta tem um significado importante, pois instrumentalizam uma prática do ver que passa a ser relatado e compartilhado, dando visibilidade aos habitantes de “um outro mundo”.

*Uma outra história que conta eu sei que não foi aqui, foi na ponta, lá na derradeira aonde tem o farolzinho aonde chama a ponta do Gino, a derradeira que a gente vai dobrando morava um senhor, trabalhava lá muitos anos, ele tava lá, um zangarieiro<sup>178</sup>, negócio de zangaria e ele trabalhava lá e a mãe dele trabalhava com ele, ela que era rancheira, trabalhou noite de lua, muito bonito e ela ficou com os trabalhadores da zangaria. Ele tinha um cachorro bravo, escutou um relinchado longe, depois mais perto era um cavalo, um cavalo mas o cachorro não tem jeito, o cachorro quando era bravo se arranhou, se arranhou o cachorro, o cavalo tava brilhando, branquinho, branquinho, e o homem na costa do cavalo e o homem tinha um capacete, quando o cavalo deu outro rinchado grande foi embora, o cachorro nem ringiu, não era coisa boa e na mesma hora era. Não veio pra amedrontar ninguém. Foi embora, aí quando o filho dela chegou, ela disse: - Mocinho, meu filho, venha depressa pra cá, aqui tem um cavalo. Ele disse: - Não mamãe, aqui tem é boi. -É meu filho mas aqui teve um cavalo tão bonito neste rancho que eu nem esperava. -É mamãe pode ser uma encantaria por aqui tá encantado, então pode ser que ele venha aparecer. Mas ele não mexeu, não fez nada, foi embora. De primeiro aparecia certas coisas, hoje já não tanto, tá difícil. De primeiro ia acolá via as mães-d'água dentro do lago. Eu nunca vi não mas Zé Evilásio já viu e ele foi em cima pensando que era a mãe dele, era quase igual à mãe que criou ele. Agora não, agora pode pular a hora que quiser, também fora de hora a gente pode andar.<sup>179</sup>*

É interessante observar que a aparição de um cavalo na ilha dos Lençóis

<sup>178</sup> A zangaria é um tipo de rede utilizado na pesca e zangarieiro é nome dado ao pescador.

<sup>179</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

já é um motivo para legitimar essa esfera de mistério. Este animal aparece em dois momentos distintos: caminhando de forma solitária pela praia, e, em outra situação, sendo guiado por um cavaleiro misterioso, o próprio Rei Dom Sebastião. Como não há uma criação de eqüinos na ilha, construiu-se uma representação em torno desse animal associada ao soberano da ilha.

*E quando foi outra vez, aí vinha uma nuvem grande aqui na frente, circulou, aí meu Deus! Eu tou prá voltar, essa coisa pode me aperrear. Quando eu cheguei lá fora na costa que olho aquela pessoa, não vi o cavalo aqui com ele, o cavalo tava numa árvore de murici, o cavalo era grande, o cavalo tava na parte de lá... aí quando eu vi o cavalo sair da parte de lá e ele pegou assim no cabresto do cavalo saiu andando e quando chegou à mesma distância, ele passou a perna no cavalo, mas nesse tempo a ilha era prá lá num sabe, saiu nessa direção, aí eu fiquei pensando: aqui não tem cavalo e para aparecer um sujeito desse aí então é aquela história que o povo conta... e eu vi mais umas três vezes.<sup>180</sup>*

Nessa fala, o narrador faz referência a um cavaleiro misterioso, um habitante do fundo, que quando sai para passear no mundo de cima, em noite de luar, é visto na beira da praia:

*Outra vez eu vi ele aí na beirada correndo. A beirada era de mais distância, era lá fora, senhor, era um luar bonito, o cavalo meio marrom, porque tem uns que é pretinho, não é? E tem uns meio cinza. Aí saiu com ele nas costas e ele tinha um penacho assim na cabeça que aquilo ia brilhando assim ó, aí eu também fiquei pensando é mesmo história que o pessoal conta.<sup>181</sup>*

Essa reiteração “é mesmo a história que o pessoal conta” dilui-se nas narrativas como uma legitimação a partir do momento que a experiência é compartilhada por todos aqueles que já descreveram a aparição do cavalo na ilha. O senhor Macieira ainda fala do cachorro e do respeito que se deve ter com o mundo da encantaria:

*Meu pai também já viu, nesse tempo foi um cachorro, um cachorro grande. Aí ele foi botar a água de uma canoa fora, isso poderia ser uma hora da madrugada, choveu muito, era inverno aí ele foi. Chegou lá na canoa e tirou a água todinha, quando tirou lá vem descendo aquele cachorro grande (...) e aí ele disse: - Rapaz esse*

<sup>180</sup> Senhor Macieira, fevereiro de 2001.

<sup>181</sup> Senhor Macieira, fevereiro de 2001.

cachorro tem um rabão cabeludo que só batendo nas costas. *Olhando pra fora, aí ele sentou olhando aqui pra fora, para o farol, aí também ele foi encostadinho assim doidinho para pegar esse cachorro e aí aquilo disse para ele: - Não pega nele que esse não é de tua parte, deixa ele lá! Aí ele saiu, também ele ficou com aquele medo e aí o cabelo dele cresceu, e tal, e saiu de carreira pra casa, não é? Chegando lá foi invadindo porta adentro, aí minha mãe disse: - O que é rapaz que tu tem? E ele disse: - Rapaz eu nunca vi esse cachorro aqui e agora ele se representa assim pra mim. Aí ele se deitou e tal dormiu, não é? Quando foi no outro dia olhe o febrão, dor na cabeça e tal. Aí ele vivia se esquentando no sol, aí veio uma mineira daqui de Belém chegada nesses próximos dias, aí a velha disse pra ele: -Olha rapaz tu vai tomar um benzimento, afirmou. Aí quando foi de tarde eles formaram os tambor deles, aí tal, aí ele foi lá, chegou lá disse: -Olhe esse cachorro, apareceu pra você porque você é muito descrente, vê as coisas que lhe falam, sabe, mas aqui tem mistério e ele não foi para lhe perseguir, ele foi fazer a obrigação dele, mas você pensou de agarrar ele mas se você batesse nele, você ia se atrapalhar mais, mas como você deixou, não tocou e ele, só no que ele lhe olhou, e aí ele deu logo um atraso em sua vida. Aí botou ele lá na concentração e tal e benzeu e ele ia melhorando...*<sup>182</sup>

Os mistérios da encantaria de Lençóis não estão circunscritos ao fundo das *morrarias*, o Rei Dom Sebastião exerce sua influência também na Baía dos Lençóis ampliando os domínios do seu reino de encantaria.

*Esses mistérios tudo também tem no mar (...) Tem uma relação com o mar porque mesmo senhor Rei Sebastião é nos mares que ele vive encantado. Ele relaciona pelo mar também. Muitos fazem moradia, mora no mar porque pelos estudos, os mais experientes têm as doutrinas que eles cantam pelo mar o trabalho de Maresia (...)*<sup>183</sup>

Do mundo do *fundo*, o Rei Dom Sebastião de Lençóis desponta como o *pivô da encantaria* de toda a região da Baixada Maranhense. Pajés e pais-de-santo de vários lugares vêm a Lençóis pagar suas promessas e fazer ofertas ao Rei, alicerçando ainda mais a crença em sua presença: o "*Rei só pode é morar aqui*", afirma o senhor Chico.

Esse mundo do *fundo* foi descrito pelos mais velhos como sendo muito bonito, entretanto não têm certeza se essa beleza perdurará devido ao fato de Lençóis ser marcada por uma constante mobilidade, que segundo dona Helena:

<sup>182</sup> Senhor Macieira, fevereiro de 2001.

<sup>183</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

*Isto aqui não sei agora, mas este pedaço aqui, nós estava morando em cima de uma encantaria medonha. No fundo era muito bonito, neste terreno. Se acabou agora não sei. Eu vejo os mais velhos falar que era uma beleza no fundo. Tinha uma encantaria, agora eu não sei. Lençóis, ele faz e se desfaz!*<sup>184</sup>

Portanto, a comunidade de Lençóis convive historicamente com uma mobilidade que não está impressa apenas em sua geografia física mas inscrita também nos corpos e ações cotidianas dos sujeitos. “Fazer e refazer-se” remontam a duas esferas que se completam no sonho e na esperança milenarista que alicerça a experiência sebastianista em seus moradores. A possibilidade de conviver, bem próximos, com um mundo cheio de belezas remete os habitantes a uma leitura menos seca da realidade transmitindo para o *reino do fundo* suas esperanças num mundo melhor.

\*\*\*

Através de práticas, compartilhadas de geração em geração, toda uma tradição é transmitida pela oralidade nos espaços da performance. Essa noção precisa ser intensificada quando uma mudança começa a ser percebida pelos interlocutores, já que o corpus ativo que dá suporte ao tecido narrativo - as aparições e os sonhos com os encantados -, está diminuindo. Será que está havendo uma perda da crença? O senhor Macieira demonstrando um certo ceticismo, embora sua visão não seja compartilhada por todos os interlocutores, afirma: “é só os mais antigos, as aparições diminuíram (também) porque a população aumentou muito”.

O aumento da população implica em uma perda do domínio que tinham os contadores em divulgar suas histórias. Com a intensificação dos contatos com pessoas vindas de diferentes lugares, perde-se um referencial e esfacela-se a idéia de coesão do grupo remetendo-o a um passado repleto de mistérios e descobertas que instigavam a crença no *reino do fundo*. Retomar aquele tempo é uma possibilidade de acreditar que, num cotidiano marcado pelas dificuldades materiais, um outro cheio de riquezas era possível:

<sup>184</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

*Antigamente a gente achava santosinhos. Outra coisa que a gente achava antigamente e hoje a gente não acha mais, uma prima minha, Neusa é o nome dela, até tinha achado, era um cordão grande, tinha um soldado que era aquela cruzinha num sabe, era ouro daquele tempo. Outra vez, acharam uma aliança também. E assim, muitas coisas apareceram naquele outro tempo.<sup>185</sup>*

Essas referências são compartilhadas por vários narradores. O pai-de-santo José Mário diz que, na época dos antigos, não precisaria comprar objetos preciosos para montar sua sala de culto, pois seriam encontrados em abundância em Lençóis. A importância dada às riquezas da ilha é uma das maneiras pela qual a auto-estima dos moradores é reforçada. Mesmo enfrentando vários problemas, a pobreza é um deles, as narrativas dos habitantes sobre jóias e artigos preciosos aguçam a idéia de que a riqueza está dispersa pela ilha.

*Eu vi ainda, perfeitinhos, outros eram quebrados, e outros eram bonzinhos, aparecia muito. Olhe, era anel, era negócio de brinco de mulher, era pulseira, era santo, eu ainda achei um santo também, tinha um cordão, era de santo grande, era de santo pequeno, de ouro, de ouro maciço, ouro dezoito. Esse negócio miçanga, tinha o rosário né. Ah, essas coisa era muito, a gente jogava fora tudinho, tinha de todas as cores. Aí de uns certos tempos pra cá desapareceu, desapareceu de uma vez, agora ninguém acha. Eu já tenho rosário, mas que eu comprei em São Luís. Mas logo quando eu era menino, achava era muito, se aparecesse naquele tempo esse negócio de mina, eu não comprava essas coisas lá em São Luís.<sup>186</sup>*

A expressão “jogava tudinho fora”, longe de ter um sentido literal, implica numa simbologia com a noção de excesso ligada a uma leitura sobre os *mistérios da ilha* e suas relações com as riquezas de Dom Sebastião.

Cotidianamente os *mistérios* são legitimados por alguns moradores que têm a incumbência de desvendá-los. São sujeitos envolvidos com o sagrado, ocupando um lugar privilegiado e construindo em torno das experiências um

<sup>185</sup> Senhor Macieira, fevereiro de 2001; Dona Neusa falou que este achado foi guardado por vários anos, todavia devido a dificuldades financeiras ela precisou vendê-lo. Inclusive eu cheguei a vê-lo quando da minha primeira viagem para Lençóis em julho de 2000. No Maranhão colonial cunharam uma moeda que tinha como imagem o Rei Dom Sebastião. Ver: SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Pináculo do Temp(l)lo – O Sermão do Padre Antônio Vieira e o Maranhão do século XVII*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.

<sup>186</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

campo de atuação/autoridade que instaura uma ordem do crer, reatualizando ações e alicerçando esperanças compartilhadas com os demais.

O senhor Macieira, que não se envolve com as práticas da pajelança e da mina, deixa para as autoridades do sagrado a condição de interlocutores legítimos de uma crença enquanto construtores de uma memória:

*Quem explica essas coisas aí é uma dona que é mineira, Maria Tereza, num sabe? E tem um velho que mora ali na casa da Rosa, minha filha, que também é dessas coisas, é Zé Mário, conhecido como Zé Limão de apelido. Ele pode lhe explicar e dizer se existe ou não, explicar melhor. Só sei que isso aqui é antigo!<sup>187</sup>*

A tecitura das narrativas que envolvem Dom Sebastião são reservadas a poucos, como pajés e pais-de-santo. Enquanto as histórias sobre animais e outras visões são contadas em qualquer lugar e por qualquer pessoa, as narrativas sobre o Rei exigem um momento adequado, num lugar calmo e sem barulho. Narra-se com muito respeito e falando baixo, pois presta-se ao soberano uma grande devoção.

O filho mais velho do senhor Chico deve sua vida ao Rei. Com apenas quatro anos de idade, o garoto caiu do barco em alto mar, ficando uns dez minutos no fundo e emergindo, depois, salvo próximo ao barco.<sup>188</sup>

Essa proteção também é dada aos pescadores quando estão em perigo. Invocam e deslocam o Rei Dom Sebastião do seu palácio, extrapolando os limites de seu mundo, para marcar presença no outro. Nesses momentos, o Rei se aproxima dos habitantes de *cima*:

*Aqui desceu uma barca que ficou ancorada uns dias. Quando foram sair puxaram o ferro e o ferro não subia. As barcas só saíam da préia mar para vazante. Então passaram uns dois dias. Quando foi numa noite, um marinheiro viu pela porta um touro. Aí quando ele olhou a outra vez viu também que apareceu um cavaleiro. Dizia aquele homem que era de Lençóis e falou com ele. Então o cavaleiro falando disse pro homem: - Há quantos dias vocês estão aqui? O homem disse: - Temos dois dias porque na hora da maré, quando puxamos o ferro, o ferro não arranca. Ele disse: - Bem na hora da maré você*

<sup>187</sup> Senhor Macieira, fevereiro de 2001. Conta o senhor Macieira que este apelido foi fruto das histórias contadas por senhor José Mário sobre sua viagem ao reino encantado e submerso de Rei Dom Sebastião na Ilha dos Lençóis, quando comentou que lá havia muitos limoeiros, portanto daí ele ter recebido este apelido que tem uma conotação pejorativa.

<sup>188</sup> Esta afirmativa é reforçada pela narrativa do senhor Benedito que na época do ocorrido foi responsável pelo resgate de Lúcio, filho do senhor Chico.

pode puxar o ferro que sai porque o ferro tá engatado bem na janela do palácio. *Na hora da maré, ele chama o mestre. Puxaram, o ferro arrancou. O homem que tava falando pro outro disse: - Olha isto é segredo. Não conte para ninguém porque se você contar, você vai morrer. Então aí eles arrancaram o ferro e viajaram. Na viagem, ele só queria dormir, não tomava café. Aí na chegada no Maranhão: -Tu tá doente, a gente vai chamar algo para te levar ao hospital. Ele disse: Não é preciso. Ele sabia que ia morrer, resolveu contar. Disse: - O ferro tava engatado no degrau da janela do palácio na barra dos Lençóis. - E quem foi que te disse isso? Aí ele não falou mais nada, foi morrendo, justamente porque ele tava lá, mas o espírito dele tava lá no fundo. Isso aí já foi os meus avós que me contaram.*<sup>189</sup>

O ato de falar revelando segredos constitui uma quebra no pacto que é estabelecido e que marca a harmonia na convivência entre os habitantes da *cidade de cima* e os da *cidade do fundo*. Quando criança, o senhor José Mário escutara a história, contada por seus avós; de um pescador que se encontrou com Rei Dom Sebastião. O barco desse pescador ficou preso ao palácio do Rei reforçando, com esse tipo de contato, a construção plausível do *mundo do fundo* e sua conexão com o *mundo de cima*:

*Os mais velhos que me contaram. Não foi no meu tempo. Ele me contou que desceu essa baixa. Então ele, quando teve o vento, ele puxou o ferro do barco e não saiu. Passou três dias. Todos dormiram e ele não. Tentava mas não arrancava. Quando foi noite, ele olhando viu aquela carreira de maresia. Quando viu um homem e um cavalo e aí o cavalo ficou e o homem embarcou na barca. Aí disse: Senhor, por que ainda não viajaram? Respondeu: - Porque o ferro engatou. Aí o homem disse: Olha, quando fizer a preamar pode puxar e amarrar que o ferro arrancava, porque o ferro tá engatado na janela do palácio. Aí o homem se despediu e saiu. Ele ficou. Quando bateu na hora da maré, ele chamou o mestre. Eles puxaram, o ferro arrancou. Eles indo para São Luís. No meio da viagem, ele vai e diz ao mestre que o ferro tava pegado na janela do palácio. Quando chegaram lá, o mestre conta pra outro: Nós levamos uns três dias na barra do Lençol, o ferro tava engatado no peralto da janela. E aí foi espalhada a história e cai no ouvido do soldado, ordenança do governo e cai no ouvido do governo e o governo mandou intimar o caboclo no palácio.*

-Caboclo tu conhece o Rei Sebastião?

-E se conheço!

-Então vamos aqui...

*Aí ele foi no gabinete e abriu a gaveta e amostrou uns quadros:*

-Das que tão aqui qual é ele?

*O caboclo disse:*

-Nenhuma.

*Ele foi na outra. - E esse aqui?*

<sup>189</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

-Nenhum.

*Aí ele foi na outra, abriu: -E desses aqui?*

*Ele disse: - É esse bem aí.*

*-Caboclo tu conhece mesmo Rei Sebastião porque o retrato dele é esse aqui.*

*Dizem que o governo mandou matar o caboclo porque ficou com medo do caboclo, dele pedir para o Rei bandalhar.<sup>190</sup>*

Afirma o senhor Chico, noutra narrativa, que em Lençóis havia uma duna com o formato de navio: *“Eu saía para tarrapear. Tinha um morro e chamavam Árvore Grande. Quando a gente tava pescando, ele tava todo iluminado”*. Aparentemente essa leitura que o senhor Chico faz do desaparecimento da duna pode não ter aparentemente uma importância evidente, todavia, é preciso entender que são através desses indícios que os depositários de uma memória lêem as mudanças que implicam num redirecionamento da relação estabelecida dos primeiros habitantes com os mistérios da ilha.

Acreditam que os *habitantes do fundo* estejam descontentes com o *povo de riba*. De uma forma bastante sutil, as mudanças inquietam os moradores que vêem se diluir seus referenciais de espaço, implicando num rearranjo da relação que os indivíduos têm com sua memória: *“Esse morro preto desapareceu e espalhou. Era lá que apareciam as besteiras(...). Era no tempo que meu avô era vivo aqui”*.<sup>191</sup> Por isso, as mudanças na geografia da ilha podem ser resultado de uma possível mudança do Rei Dom Sebastião de Lençóis.

*Eu acho que ele já se mudou daí. Antigamente havia muita presepada. Acho que quando ele saiu caiu a terra, fez um buraco no morro. Mas não deixe de duvidar: a terra é dele. Dizem que um caboclo em Porto Rico, parece que é cearense, chegou na beira do Lençol e disse: -Ah eu quero só ver Rei Sebastião! Desdenhou, morreu.<sup>192</sup>*

Essa fala apresenta uma contradição: ao mesmo tempo em que o Rei Dom Sebastião poderia ter abandonado os ilhéus e seu reino, o senhor Chico

<sup>190</sup> Senhor José Mário, fevereiro de 2001.

<sup>191</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>192</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002. De acordo com o narrador este fato teria acontecido no ano de 2001.

procura reforçar sua presença dando um exemplo bem recente dos infortúnios que pode sofrer uma pessoa ao não respeitar os domínios do rei encantado.

O pai-de-santo José Mário também compartilha dessa inquietação:

*A água daqui era da divindade, não é? Isso era pelos mistérios do Rei Sebastião porque antigamente, tudo isso aqui de Lençóis, era pelas obras, pelos mistérios dele; abundância de água, água doce aí no pé do morro, era só o senhor fazer a barreirinha que enchia d'água, os vasilhames tudinho, era barril, era ancoreta. As mulheres de pescadores lavavam roupa aqui. Essa água já desapareceu.<sup>193</sup>*

Eram os mistérios do Rei que antigamente possibilitavam uma abundância em recursos que supriam as necessidades básicas da comunidade. Entretanto, tudo começou a desaparecer. Será que o mundo do Rei Dom Sebastião está se esfacelando?

*Eles dizem assim que desapareceu porque antigamente as pessoas respeitavam aquilo ali. Eram os mistérios. Os mistérios daqui. Agora de uns certos tempos pra cá vinha umas pessoas, gaiatas que queriam afrontar, desrespeitar (...) Isso aqui é mesmo feito por Deus. É que dá essa água. Olha o negócio de jóia, de cordão de ouro, de roseta, de anel, era tudo de origem, o sujeito achava na hora, encontrava, cansei de achar, já tudo prontinho. Nessa parte aqui perto da povoação, tinha mais pouca gente, isso aí tudo é desaparecido que agora não se acha. Mas quando eu era menino naquele tempo, eu vi e aí esse velho, o Chico, ele alcançou também, ele também viu muitas coisas nos sonhos. Ele contou pra mim também que ele sonhou.<sup>194</sup>*

As mudanças pelas quais tem passado a comunidade fazem parte do dinamismo cultural da sociedade e alguns elementos que serviam de referências para um fortalecimento da crença sebastianista estão se diluindo no tecido flexível do tempo. Entretanto, suas experiências permanecem em diversas práticas: nas histórias de encantos, na pajelança e na mina que reforçam o credo sebastianista na Ilha dos Lençóis.

*Contanto que quem nasceu aqui no Lençol a ele pertence. Aqui é o pivô da Encantaria. Vem pai-de-santo do Portinho, de Belém, vem para aqui. Como é que o Rei Sebastião vai embora? A ilha é dele, a*

<sup>193</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>194</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

*cidade é dele, ele (o Rei) se preparou para morar aqui, como é que ele vai embora, ele vai pra lá, passa um mês ou dois, mas volta.*<sup>195</sup>

Enquanto um personagem intrinsecamente ligado à historicidade da ilha, o Rei sempre voltará, seja assumindo uma multiplicidade de formas ou ainda marcando sua presença nos corpos de alguns dos seus filhos.

### **2.3 Da Lenda do Touro Encantado aos Filhos da Lua: Poéticas Sebastianistas na Ilha dos Lençóis**

O jornal *O Litoral* de 1917, de Cururupu, abordava numa de suas matérias o contrabando de farinha que havia na região do arquipélago de Maiaú (Bate-Vento e Lençóis).<sup>196</sup> A mesma reportagem faz referências aos mistérios da Ilha dos Lençóis com a “*lenda do touro negro*” que aparecia nas noites de lua cheia. O touro, de acordo com os narradores, é o próprio Rei Dom Sebastião que, ali na ilha, vive o seu fadário na busca de encontrar um sujeito corajoso o suficiente para feri-lo na testa e acabar com o encanto.

Esse encanto do Rei Dom Sebastião também atinge os moradores de Lençóis. Uma parte da população, que sofre com a falta de melanina no corpo, torna-se frágil para enfrentar o sol, fazendo-a compartilhar a noite com o soberano encantado. O albinismo singulariza-se por uma dupla leitura: por um lado, os albinos sofrem o preconceito desse mundo ordinário que os estereotipa como pessoas estranhas cujas marcas de uma velhice precoce é visualizada nas primeiras décadas de vida; por outro, reforça a idéia de uma presença exterior do Rei Dom Sebastião, tornando-os os *filhos do Mestre*. O estigma é redefinido como uma benção.

Esta última leitura não se faz claramente na comunidade, o que impõe uma necessidade de delineamento da representação feita dos *filhos do Mestre* ou *filhos da Lua*, mediante as questões que singularizam o sebastianismo de Lençóis.

<sup>195</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>196</sup> Jornal *O Litoral*, Cururupu, 1917.

Os albinos de Lençóis surgiram com a vinda da família de dona Sebastiana cujo pai era português. As relações de casamento consanguíneo entre primos ou a descendência portuguesa de dona Sebastiana são consideradas as causas para o albinismo. Todavia, essa explicação não é sustentada com muita veemência pela comunidade que acredita e reforça a noção de *mistério*.



Fig. 4 Senhor Macieira sob as dunas, 02/2001 Foto: Joel Andrade

*a minha irmã é albina (...) agora eu não tenho filho albino, minha mãe falava que a minha avó era albina, ela não era daqui, era de fora. O nome dela era Sebastiana, ela que era albina, ela morou aqui e aqui mesmo ela morreu. Os albinos sofrem mais, têm o 'couro' mais fraco.*<sup>197</sup>

Evitando trabalhar durante o dia, os albinos elegem a noite como período propício ao exercício das atividades cotidianas, redimensionando, assim, para uma outra temporalidade a fragilidade marcada nos seus corpos, encontrando-se no tempo do *reino do fundo*.

Na abordagem feita sobre o *Reino da Pedra Encantada*, Waldemar Valente chamou a atenção sobre o que significaria, para os seguidores do movimento, o retorno do Rei Dom Sebastião: inverter-se-ia aquele mundo e assim “as pessoas que eram pretas, ficariam alvas como a lua; já os velhos voltariam a ser moços; e todos seriam imortais, ricos e poderosos”.<sup>198</sup>

Todos esses elementos entram em cena no sebastianismo de Lençóis. Contudo, não se espera o retorno do Rei, pois ele está presente, sendo a vida e a própria razão da existência da ilha. No entanto, a plenitude de sua presença só será alcançada quando houver o desencantamento que trará consigo todas as benesses para os moradores da ilha.

Essa diferenciação entre retorno e presença é fundamental para se compreender as singularidades históricas que movem o sebastianismo de Lençóis. Dom Sebastião, o encantado, exterioriza sua presença na representação que os moradores fazem para alguns habitantes que nascem literalmente *brancos como a lua*.

O senhor Chico discorda que o albinismo seja fruto dos laços de consangüinidade como muitas vezes é justificado. Para ele, não havia apenas duas famílias, Oliveira e Silva, no início do povoamento de Lençóis mas também as famílias Rabelo e Torres, originárias da Enseada, as famílias Araújo, vinda de Itacolomi, e Marinheiro. Todavia, é na família Silva que a presença dos albinos se dá com mais intensidade.

*Tinha uma família de Silva, o homem dela era dessa família de Silva, a irmã dele era pai dessa brancona que tem aí, era irmã dele. Agora*

<sup>197</sup> Dona Helena, julho de 2000.

<sup>198</sup> VALENTE, Waldemar. *Misticismo e Religião*. p. 81.

*a mãe dele era da família Cacharol daqui também. Aí tem diversas famílias, aqui disseram que era carne com unha, que só tinha duas famílias, mas tinha muitas aqui. Disseram que só tinha Silva com Oliveira. Aí o que é que vão imaginar?*<sup>199</sup>

A história de que em Lençóis só existiam duas famílias construiu uma imagem de que todas os habitantes eram frutos de relações incestuosas. Daí a história da serpente, uma ligação simbólica com o mito do Éden, estabelecendo uma relação entre os albinos e a serpente:

*A história da serpente é que saía aí da Eva, né? Aí a história da serpente e a história da maldição, essa história é contada pelo livro. Nesse tempo já tinha encantaria. Faz muito tempo, vem desde o começo do mundo.*<sup>200</sup>

O pai-de-santo José Mário também dá sua versão para a existência do alto índice de albinismo na ilha, que se concentra em grande parte na sua família<sup>201</sup>:

*Sobre os brancos foi admiração assim porque só apareceu na minha família. O Chico é meu parente mas na família dele não teve essas coisas. Já da minha família, da parte do meu pai, das irmãs dele tiveram todas elas tiveram filhos brancos. Então eles diziam que era porque morava na praia de Rei Sebastião e saía branco.*<sup>202</sup>

A representação criada entre os *brancos* e o Rei Dom Sebastião reforça a nomeação dos *filhos da lua* pela influência que aquele astro exerce junto à comunidade. Segundo Mircea Eliade a lua é por excelência o *astro dos ritmos da vida*:

*O Sol permanece sempre igual sem qualquer espécie de "devir". A Lua, em contrapartida, é um astro que cresce, descrece e desaparece, um astro cuja vida está submetida à lei universal do nascimento e da morte. Como o homem, a Lua tem uma "história" patética porque a sua decrepitude, como a daquele, termina com a morte. Durante três noites o céu estrelado fica sem Lua. Mas esta "morte" é seguida de um renascimento da Lua na obscuridade da "morte", nunca é definitivo.*<sup>203</sup>

<sup>199</sup> Senhor Chico, setembro de 2001.

<sup>200</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>201</sup> Entre seus parentes quatro albinas que participavam das práticas de pajelança e mina: dona Basília, dona Raimunda Amada, dona Vicência e dona Auzira.

<sup>202</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>203</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 127.

Numa comunidade que ocupa uma pequena ilha no oceano é a lua que impõe o ritmo das águas e das marés, da fertilidade e das chuvas; vivendo da pesca, a comunidade necessariamente tem o seu cotidiano relacionado com uma leitura das fases lunares. Outra implicação, apontada por Mircea Eliade, é a possibilidade de regeneração que sempre aguçou as diversas sociedades:

*O homem reconheceu-se na "vida" da Lua, não somente porque a sua própria vida tinha um fim, como a de todos os organismos, mas sobretudo porque ela tornava válida, graças à "lua nova", a sua sede de regeneração, as suas esperanças de renascimento.*<sup>204</sup>

Portanto é da relação que estes sujeitos têm com o astro e suas experiências que se cria uma esfera de possibilidade de inversão das coisas. Uma crença plausível à medida que se leva em consideração as singularidades que permeiam a crença sebastianista em Lençóis.

Todavia, a necessidade de enquadrar e racionalizar o conhecimento, imperativo da ciência moderna, leva pesquisadores a desvendar os *mistérios* da ilha, sendo necessário decodificá-los, dissecá-los e explicá-los a partir da lógica científica.

No início do ano de 1972 uma expedição comandada pelo médico geneticista Newton Freire-Maia chegou à Ilha dos Lençóis:

*No início deste ano, informado de uma estranha doença que atingia boa parte da população de um povoado da Ilha dos Lençóis, Maranhão, atravessou o país para pesquisá-la pessoalmente. E constatou que se tratava de uma forma inusitada de albinismo, capaz de provocar o espessamento e o enrugamento da pele dos portadores da moléstia, fazendo com que eles parecessem precocemente envelhecidos.*<sup>205</sup>

Esta curiosidade e interesse em resolver os problemas da comunidade levaram os médicos a Lençóis. O contato com os moradores albinos continuam sendo tecidos nas narrativas como uma experiência que aguçou a construção de uma memória em torno da nomeação dos *filhos da lua*. Os resultados completos dos exames realizados pela equipe nunca foram revelados, o que

<sup>204</sup> ELIADE, Mircea. *Op. cit.* p.130.

<sup>205</sup> Entrevista: Newton Freire-Maia, "A subciência brasileira". Revista Veja, ed. Abril, 05 de abril de 1972.

cria uma incógnita: será que algo foi descoberto ou não se chegou a nenhuma conclusão, pairando a dúvida na comunidade.

Todavia, as imagens da Ilha dos Lençóis e dos albinos são um dispositivo imagético discursivo que antecede a expedição, construindo olhares marcados pelo estranhamento e preconceito. Aqueles habitantes de Lençóis tornaram-se referências para histórias que muito aguçaram a imaginação de habitantes de outras partes do litoral maranhense:

*Era uma vez um bando de homens muito brancos, peles e cabelos quase cor do leite, que não suportavam o brilho do Sol. Eram chamados de filhos da lua, pois ela os teria gerado. E nas noites de luar mais intenso, quando a claridade deixava ver até a última onda do mar, essa gente saía em longas romarias pelas praias do Maranhão, cantando hinos estranhos, numa linguagem indecifrável. Os filhos da lua não falavam com ninguém – apenas entre si. Não morriam – simplesmente desapareciam, sem explicação. Moravam em tocas evitando todo tipo de luz. Antes dos vinte anos já pareciam velhos de sessenta. Por onde passavam, o povo se benzia aterrorizado. E ninguém ousava tocá-los, com receio de se contaminar com a terrível doença que os possuía.”<sup>206</sup>*

Esta representação sobre os *filhos da lua* foi apropriada pela imprensa a partir de uma noção de estranhamento de um mundo pautado por uma outra lógica que leva em conta a mobilidade de ações materializadas nas práticas sebastianistas, constituindo um espaço de micro-liberdades que o *olhar de fora* não percebe como os sujeitos estão envolvidos e atuam nesse campo de crença.

Sabe a comunidade de Lençóis que a nomeação *filhos da lua*, através das narrativas veiculadas pela imprensa, é usada de forma pejorativa, uma *injustiça e uma falta de sensibilidade*. Nesse sentido pode-se fazer um paralelo com os *seres cimerianos* descritos por Homero na *Odisséia*: um povo estranho e que vive na contramão do mundo, à noite. Uma leitura que deixa de levar em consideração a realidade na qual aqueles sujeitos estão inseridos.

Dona Neusa, uma albina, fala da experiência dos cinco albinos que foram levados pela expedição para São Luís:

*Aí eles chegaram mais Ângelo, aí chamaram, aí já vieram com o nome decretado de papai, aí chegou eu morava numa casinha ali,*

<sup>206</sup> Revista Veja, Editora Abril, 08 de março de 1972.

*Miguel também morava, aí chegaram, eu disse sim senhor. -Quem é que mora aqui, é seu Saturnino de Oliveira? Eu disse é sim senhor. Papai tava lá na cozinha. Eu não tou sabendo, aí não demora chegou Ângelo, aí o velho pegou a conversar com ele e aí disse: Olha seu Saturnino nós viemos de motorizado para levar vocês, os albinos todinho, também você que é o chefe. -Sério? Eu vou. Aí perguntou o nome dos filhos dele tudinho, aí disse assim: -O senhor vai? -Se precisa, né? Aí ele foi perguntando o nome dos filhos tudinho. Aí papai deu né. -Como é o nome? Aí papai deu o nome de Alfredo, o nome de Jofre e José, nome de Miguel, Adelson, tudo papai deu. -E os nomes das suas filhas? Papai disse: Neide Oliveira, Neusa Oliveira e Zilda Oliveira. Tavam aqui com um gravadorzão, gravando tudinho. -Eu não vou porque tenho as minhas criações e o José Oliveira tá doente, morava em casa conosco. E eu disse: -Eu não vou, eu não vou porque eu não posso, senhor. -A senhora fala com uma pessoa aí e fica com ele. Foi incentivar, foi a mãe do Ednaldo, tudinho.<sup>207</sup>*

No início houve um estranhamento, mas os albinos foram levados para São Luís num “barco grande e ganharam uma ajuda de dez cruzeiros”. Numa longa viagem de cento e sessenta quilômetros, distância de Lençóis para São Luís, os albinos foram tomados pela expectativa e ansiedade sobre o que poderia lhes acontecer.

Na sua concepção, os médicos quebraram o pacto que tinham feito e os abandonaram. Fizeram promessas e não cumpriram. Não resolveram seus problemas de saúde e de condições de vida. Na verdade, algo além do alcance da medicina. De qualquer forma, a expedição chamou a atenção da nação para o problema que afligia aquela comunidade, isolada e esquecida pelos poderes públicos. Contudo, a exposição da pesquisa na mídia apenas reforçou a idéia de um lugar onde vivia um *povo estranho*:

*Eles prometeram que iam dar uma conta de dinheiro firmado pro velho, um bando de coisa, senhor. Quando chegou na hora nada, (...) eles metendo a faca, falando mal, eles botaram que aqui Ilha dos Lençol, pedaço de mundo perdido, isso tudinho. Oh foi muita gente comprou a revista e quando chegou na hora cadê, deixou nós na mão. Nós vimos de passagem de galho em galho.<sup>208</sup>*

Era primeira vez que aquele grupo de moradores ia a uma cidade grande. Perseguidos pela curiosidade de populares e imprensa, quiseram voltar

<sup>207</sup> Dona Neusa, janeiro de 2002.

<sup>208</sup> Idem.

o mais rápido possível para a Ilha dos Lençóis. No percurso de volta, o descaso e o abandono foi uma marca, não receberam uma *ajuda* satisfatória:

*Ajudou não, nós que vimos mesmo. Judiaram. E com isso é que ele (Sarney) mandou dizer que quando chegar repórter aqui não fazer mais isso. (...) Não. Não veio nada não senhor. Já faz tempo, nunca mais veio. Uma que veio foi a Veja, maltratando também (...) não vimos em barco, vimos de galho em galho, não vimos. Foi numa embarcação de São Luís. O barco nessa época do cunhado era de pano á vela que se chama. Não. Nós saímos, chegamos de tarde. Tem muitas coisas que agente não lembra. (senhor Simeão: - Quando era um barco corredor saía cinco da manhã quando era cinco da tarde tava aqui). Depois veio uns aí. Senhor, eu disse: -Eu não vou tirar retrato. Eu não vou tirar retrato! Alfredo, meu irmão, não gostou muito de mim. Ficou meio contrariado. Eu disse: -Eu não ganho nada com isso. Eu não! A gente pra ganhar dinheiro as minhas custas? Ah como eu falei pra eles. vem ganhar dinheiro as nossas custas e sem nós ganhar nada? (...) Sendo maltratada e aí eu fui dizendo tudo. Eu digo na Santa Casa nós passamos mal, nós não dormia, não dormia. Mais as comidas, as minhas comidas de casa são todas temperadinhas a meu gosto. Passar mal, senhor, tomava banho uma porção de vezes, nós passamos mal, passamos mal mesmo, tudo eu disse, falei, foram embora. Digo não consinto mais, não tiro mais. E não tirei mais não. Outro dia veio uma senhora contar que viu o marido dela, esses quando vêm senhor Joel, já vêm com o nome da gente. Tudinho. Não sei como é que dão.<sup>209</sup>*

O contato com a expedição, de acordo com o senhor Chico, impulsionou o interesse por Lençóis; contudo, segundo o senhor Simeão, depois das publicações feitas pelas revistas, reforçou-se uma visão estereotipada dos albinos como portadores de uma moléstia, fazendo-os se fecharem para o mundo.<sup>210</sup> *“Arredios e desconfiados, os albinos são de difícil contato, pois a publicidade que se fez em torno deles levou seus próprios parentes a segregá-los.”<sup>211</sup>*

Em maio de 1980, a imprensa retoma Lençóis como tema incorporando parte do que fora publicado em 1972. Na matéria incluiu-se a narrativa do senhor Saturnino Oliveira que de forma astuciosa explica a nomeação que os albinos receberam de *filhos da lua*. Conta que

<sup>209</sup> Dona Neusa, janeiro de 2002.

<sup>210</sup> Senhor Simeão, janeiro de 2002. Esta questão é amplamente discutida por Maria Madian Frazão Pereira em sua dissertação de mestrado sobre a identidade albina de Lençóis. (ver referências anteriores.)

<sup>211</sup> Revista Manchete, 24 de maio de 1980. p. 40.

*Essa história foi inventada por mim para me livrar de um português muito perguntador que apareceu por aqui, senhor. Ele vivia sempre olhando meus filhos, com tanta admiração que dava até pra desconfiar. Um dia ele tomou coragem e veio falar comigo. Disse que na sua terra tinha muito brancos e louros, mas ninguém tão branco como meus filhos.*

*E perguntou como explicava aquilo... Aí para não estender muito a conversa, eu disse que quando as mulheres nos primeiros meses de gravidez, saíam a passear nas noites de lua cheia pelas dunas, o clarão da lua transformava os meninos dando-lhes à pele e aos cabelos a brancura de sua luz. Por isto eles nasciam assim. E não é que ele acreditou? Então passei a repetir a mesma estória pra todo mundo que vinha me perguntar. Esse povo é muito burro, parece que não entende que isso é a vontade de Deus.<sup>212</sup>*

A veracidade ou não da interpretação do senhor Saturnino não importa; o importante é perceber o valor simbólico que tem tal assertiva. Foi Manoel, o português, quem provavelmente divulgou a história.

O fragmento acima torna-se passível de análise à medida que se percebe que ajudou a construir um olhar sobre a população albina de Lençóis. Um olhar que é marcado pelo medo e preconceito, mas também pela curiosidade e excentricidade.

*(...) Somos pobres e vivemos da pesca. Ninguém aqui tem interesse de estar aparecendo, e cada vez que chega um jornalista na ilha a gente já sabe que vai mostrar os brancos como gente de outro mundo.<sup>213</sup>*

O senhor Macieira coloca o seu ponto de vista sobre o albinismo, permitindo-se perceber que existem diferentes interiorizações sobre o problema:

*Quanto a ser branco, não me incomoda. Meus filhos nasceram normais. Agora os outros têm razão de reclamar. Afinal, o pessoal que vem de fora nos olha como se fosse gente de outro mundo. Aqui, mesmo os que são brancos vivem sempre soltando piadas. Isso não é bom. Por isso a maioria dos albinos não convive os outros habitantes da ilha.<sup>214</sup>*

<sup>212</sup> Entrevista concedida à Revista Manchete, Os Filhos da Lua na Ilha dos Lençóis, 24 de maio de 1980. p. 38.

<sup>213</sup> Entrevista do Senhor Alfredo Oliveira concedida à Revista Manchete, 24 de maio de 1980. p. 39.

<sup>214</sup> Idem, ibidem.

O descaso com a população provocou inquietação e denúncia. Várias pessoas como dona Amada, dona Vicência e dona Romana morreram vítimas da enfermidade causada pela excessiva ao sol:

*Ninguém nunca se importou com a saúde desse povo (...) Quase todos têm problema de pele e muitos já morreram com feridas por todo o corpo (...) São tão pobres que não podem comprar óculos. Imagine camisas de mangas compridas e cremes para pele.”<sup>215</sup>*

A fala de Alice é reforçada por dona Romana, na época com quarenta anos, mas já falecida. Relatando suas dificuldades, afirma:

*Senhor, nossa vida aqui é muito difícil. Sou sozinha pra sustentar os meus filhos, pois meu marido me deixou. Vivo de fazer carvão, ganhando uns trocados. Por isso peço dinheiro a quem vem aqui, pra me fotografar. Não sou contra jornalistas. Mas sei que aí fora muita gente ganha com isso. Eu é que fico aqui na miséria com meu trabalho e meus filhos.”<sup>216</sup>*

É contra esta miséria que lutam e na relação com os que vêm de fora põe em prática suas astúcias, tirando um pouco daquele que ocupa um lugar privilegiado em uma sociedade excludente. Desses contatos ganham muitos artigos simples mas que têm importante significado para quem está acostumado a viver no limiar da pobreza. Pobreza material, não de espírito, porque ele, o Rei Dom Sebastião, está ali, presente para reforçar a esperança por dias melhores.

---

<sup>215</sup> Entrevista de Dona Alice da Silva, enfermeira de Lençóis, concedida à Revista Manchete, em 24 de maio de 1980.

<sup>216</sup> Entrevista de Dona Romana, Revista Manchete, 24 de maio de 1980. p. 40.

### Capítulo III: As práticas sebastianistas na ilha dos Lençóis

*Nessa ilha há um mistério!*  
Dona Romana

As afirmações em torno dos encantos de Lençóis são interiorizadas pelos moradores a partir da noção de mistério. Existe algo que está além da simples explicação humana e que, no entanto, encontra-se disperso nas práticas cotidianas de sujeitos que incorporam e codificam atuações em um espaço marcado pelo encontro do mundo humano com o sagrado.

A noção de que a ilha de Lençóis está envolta pela singularidade do sagrado é apontada pelo pai-de-santo José Mário que em sua vida tem experimentado os *mistérios* através de ações singulares:

*Ai tem outros lençóis, aí pro lado de Barreirinhas, lá também tem lençóis, mas misteriosa é aqui. Aqui tem mistério! Lá tem muito mistério, mas aqui é o superior de todos. Na assombração é ela. O que eu conheci e alcancei aqui era o batuque de tambor de mina, que tocava dia de segunda-feira, tocava terça, quarta, quinta e sexta até sábado, era noite e dia. Aí ouvia aqui nas casas, batida de maracá, de tambor. Aí quando era de seis horas da tarde e à noite, chegava perto daquelas dunas, aí parava e saía lá de onde eu tava.<sup>217</sup>*

Na compreensão do pai-de-santo, os sons vindos das dunas não eram produzidos por pessoas comuns, mas pelos encantados que manifestavam sinais de sua presença com ruídos semelhantes aos maracás e tambores. Aqueles sons invadiam as residências, inquietando alguns moradores de Lençóis. Quando o pai-de-santo saía na tentativa de descobrir o local de onde provinha aquele barulho, tudo, de repente, voltava a ficar quieto, constituindo-se num *mistério* que legitima o poder dos encantados.

Esses *mistérios* criaram elos de convivência entre a população de Lençóis e as entidades que vivem submersas na ilha. Suas relações são marcadas por segredos onde o sonho ocupa um lugar destacado. Através dele os encantados aparecem e dialogam com os seus seguidores instituindo uma

<sup>217</sup> Senhor José Mário, fevereiro de 2001.

realidade plausível. Pode-se fazer uma aproximação com a abordagem que o antropólogo inglês Evans-Pritchard desenvolveu junto ao povo Zande no interior da África. Para aquele povo, as regras que permeavam o cotidiano estavam costumeiramente vinculadas aos rituais da *bruxaria*. É importante salientar, contudo, que este conceito não deve ser confundido com o conceito ocidental tão largamente utilizado pelos órgãos de repressão, principalmente no período medieval e moderno. Na sociedade Zande os bruxos têm o poder de controle social à medida que suas práticas conseguem respostas para os problemas que põem em risco a ordem e as regras de sociabilidade do grupo.<sup>218</sup>

Em Lençóis, o conceito de *encantaria* também tem uma função importante. O câncer de pele, as dificuldades e perigos enfrentados pelos pescadores em alto mar, a escassez do pescado e outros infortúnios que os moradores possam sofrer são atribuídos a algo que desarmonizou a relação entre o sujeito crente/descrente e o objeto de crença, o Rei Dom Sebastião.

### 3.1 A crença no Rei Dom Sebastião de Lençóis

A crença sebastianista em Lençóis se configura através do compartilhamento de experiências e da legitimação dos indícios que presentificam a existência do Rei na Ilha. Ainda adolescente, o senhor José Mário foi procurado para comentar o encontro do senhor Chico com o Rei Dom Sebastião. Detalhando a narrativa do senhor Chico, o pai-de-santo realça o momento em que trava o contato inicial com o soberano, intermediado por um narrador privilegiado:

*Ele chegou a ver tinha de dezesseis pra uns vinte anos. Ele chegou a ver. Ele chegou a mim, perguntou se eu conhecia, não sei nem do que tava falando, disse não! Aí ele perguntou se eu nunca tinha visto falar no Rei. Eu já tinha ouvido falar pelas minhas tias mas ainda não tinha visto. A visão disse pro Chico que ele era Rei Sebastião e tudo mais, que ele era Rei Sebastião, botei na minha cabeça, será mesmo? Disse Chico: - Ele conversou comigo e ele disse que era o Rei Sebastião, que morava aqui nos Lençóis.<sup>219</sup>*

<sup>218</sup> EVANS PRITCHARD, Edward E. *Op. Cit.*

<sup>219</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

Anos depois o senhor José Mário também veria o Rei Dom Sebastião. E sempre que um habitante tem a oportunidade de ver ou dialogar com o Rei compartilha o que é possível com os demais membros da comunidade. Dessa forma, essas experiências vão se constituindo através de um conjunto de narrativas, num reforço sempre renovado ao credo sebastianista na Ilha dos Lençóis.

O ato de crer é um ato de investimento no objeto crido. O Rei e a crença na qual ele é referência operacionalizaram-se em Lençóis de forma aberta, fragmentária. As falas e as práticas dos sujeitos são produto e produtoras de uma rede de significação que instaura uma dinâmica de relações desse novo sebastianismo, construindo uma memória pautada por novas questões que a distancia da tradição portuguesa.

A partir de ações singulares que se cristalizam através de uma *prática do dizer*, constituindo, na verdade, uma *arte do fazer*, dona Neusa desfia a memória com uma narrativa que instiga a crença na presença do Rei Dom Sebastião entre os ilhéus.

*Falam muito em Rei Sebastião. Olhe eu vou lhe contar uma história: meu irmão Miguel, é só o que eu vou assim me lembrando, ele foi despescar taineira que ele botava ali na beira da pancada, chamavam Anatólio, foi despescar ali, ia sozinho, levava a lanterna dele, era noite de luar, ele sempre levava lanterna para tirar o peixe na taineira, aí ele desce aquele morro e chega no Anatólio, que quando ele olha na beira – chega me dar um frio, senhor- na beira da pancada que ele olha, vê aquele cavalão, cavalo alvinho, alvinho, e o homem amontado com aquele capacete, o cinto do homem chega tava assim brilhando, né? um homem forte que ele disse, quando viu ele, disparou para beira da costa, quando chegou assim numa entrada, encobriu. Ele contava isso para quem quisesse. Eu dizia: -Miguel tu num tá inventando isso? Ele dizia: -Eu não. O cavalo era branquinho, branquinho.<sup>220</sup>*

O cavalo que Miguel viu numa noite de luar no baixio do Anatólio, na ponta nordeste da ilha, reforça a noção de que o animal era propriedade do *cavaleiro misterioso*, o Rei Dom Sebastião, que em algumas noites sai para cavalgar no *mundo de cima*:

*De noite! Noite de luar senhor. E este cavalo é daqui mesmo, desse negócio de encantaria porque muita gente já viu. Essa mulher de Ribamar já viu, Ribamar tava afastado, ela só mais os filhinhos*

<sup>220</sup> Dona Neusa, fevereiro de 2001.

*dela, quando ia dormir no lugar dessa casa bem ali nessa porta, fez um ano agora mesmo no dezembro passado. Aí ela dormindo, né? E dormia ali mais o menino, ela dormiu na casa. Janiele mais a caçula, a Maria das Graças, saiu pra fazer xixi, quando passou aí atrás da casa rinchando, ela ficou com medo. Quando foi de outra vez já passou na rua da casa do Nadico e o Nadico viu, mesmo no terreiro aí na frente na rua, passou, e nisso quando o Nadico foi pegar, nem rastro tinha mais, essa nossa croa aqui é encantada.<sup>221</sup>*

O Rei Dom Sebastião sai de seu mundo e circula pela praia, tendo a função de demarcar uma presença que não é significativa apenas para Lençóis, mas também para outros reinos de encantaria como é o exemplo de São Luís que se encontra sob o domínio de Dom Luís, Rei de França.

O mundo da encantaria, como bem afirmou a antropóloga Mundicarmo Ferretti é de difícil sistematização pois nunca se tem um domínio completo das entidades envolvidas nos rituais. Além disso, a relação que se instaura entre o sujeito ordinário e a entidade é sempre permeada por um controle silencioso cuja harmonia não pode ser quebrada. Dessa forma, ao se trabalhar com a temática sebastianista, em Lençóis, precisa-se levar em consideração as especificidades históricas e os significados que lhes são atribuídos.

*Eu mesmo sinto proteção e quando eu chego aqui, eu me sinto muito cheio de saúde e pro meu corpo dá força, dá energia pra dançar no tambor, aqui eu fico com o máximo de apoio, causa uma energia mais forte. Agora eu não sei se é por causa dele, do lugar encantado ou porque eu sou nascido e criado aqui. Eu tenho o Cruzeiro de Deus e me considero assim, porque dizem que quem nasce aqui é filho do Rei Sebastião. Então eu acho que eu sou um, eu sou nascido e criado, tou com sessenta e quatro anos.<sup>222</sup>*

Da dupla leitura que pode ser feita entre o *morar* e o *ter nascido* em Lençóis, o senhor José Mário opta pela segunda enfatizando as relações que têm os moradores que nasceram na ilha com o Rei Dom Sebastião a quem pedem proteção quando se defrontam com as intempéries do mundo:

*Têm uma devoção! Têm respeito pelo Rei como se fosse um filho dele, sim, sim! Aí tem que pedir para ele. Por exemplo, assim qualquer uma coisa de perigo, a gente não sofre muito com o perigo, pede para Jesus e pede para ele, ele socorre na hora.<sup>223</sup>*

<sup>221</sup> Dona Neusa, fevereiro de 2001.

<sup>222</sup> Senhor José Mário, fevereiro de 2001.

<sup>223</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

A delimitação de um espaço de proteção é alicerçada a partir da devoção que cada sujeito tem para com as entidades envolvidas na crença. É um caminho que delimita ações, impõe e cria um campo de sociabilidade. Portanto, o ato de crer é projetar e atuar no mundo e não deve ser visto a partir da noção de passividade. Ao contrário, é uma atitude que possibilita a construção de outras referências para a resolução dos dilemas cotidianos enfrentados pelo grupo.

*A gente pede ajuda a ele. Pede ajuda a Deus, a gente não trabalha com coisa mal porque tem o que faz o bem e tem o que faz o mal. Eu mesmo não trabalho com coisa do mal, o senhor acha que eu vou trabalhar pra fazer o mal? Não, fazer sim o bem para aquela pessoa, eu só me apego com Deus, tem que trabalhar com Deus. Então a gente se apega com Deus: - Rei Sebastião me ajuda em tal coisa, lemanjá me ajuda em tal coisa, que ela é a rainha do mar. Então a gente vai se pegando e passa aquela ajuda pra gente não é?.*<sup>224</sup>

No Rei Dom Sebastião eles encontram proteção. Acreditar nele é uma esperança possível de melhoria dos problemas enfrentados no cotidiano pelo excluído que usa de suas astúcias invocando uma força superior, e de um outro mundo, que possa atenuar suas inquietações. Portanto, é um credo que se institui e tem seu sentido, implicando numa modulação de práticas e condutas.

*Tem gente que diz que tudo isso é o satanás. O povo, o espírito que Jesus amaldiçoou e mandou pro mar, aí ficou metade pra terra e metade pro mar. Senhor, eu vou lhe dizer que no mundo existe um segredo que nem o senhor, nem eu, nem ninguém pode decifrar, porque o senhor diz uma coisa, tá na Bíblia, o senhor diz que tá na Bíblia, mas o resultado da Bíblia tem diferença para os astros, para Jesus e não respondem nada. Eu digo a mesma coisa de minhas religiões. Eu mesmo possuo esse segredo que existe, eu não vou contar, eu não posso descobrir a ninguém, tem muitas coisas que eu posso até conversar mas também tem coisas que não posso (...) Eu fico assim entusiasmado é deles dizer que é da parte de satanás. O satanás tem poder para gerar o mal numa pessoa, numa gente, inocente, numa mãe, numa mulher dessas aqui... eu digo, olhe, quando a gente traz já vem de berço e eu trouxe do berço mesmo (o dom da vidência). Na hora que eu nasci, minha mãe, ela contava pra mim... a nossa geração veio de Deus. Mas ele tem esse poder, ele quis.*<sup>225</sup>

<sup>224</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>225</sup> Senhor José Mário, fevereiro de 2001.

O pai-de-santo José Mário tenta legitimar o credo sebastianista a partir da desconstrução de um olhar pautado pelo preconceito como acabam sendo enquadradas todas outras experiências religiosas consideradas “menores”. Portanto, taxar o sebastianismo de Lençóis como fruto de uma “maldição” que assolara a comunidade é um posicionamento que desmerece a experiência histórica e o intenso envolvimento das pessoas num outro projeto de mundo.

De acordo com a narrativa do pai-de-santo Carlos do Portinho, a prática da pajelança foi muito perseguida pela polícia até um período recente e aqueles que executavam trabalhos de “cura” recebiam a completa desaprovação da Igreja Católica que associava essas práticas ao demônio. Sofrendo várias perseguições, alguns pajés começaram a realizar seus cultos escondidos e para um grupo seletivo de pessoas; outros, contudo, resolveram migrar para o tambor de mina que se expandiu para a Baixada Maranhense a partir da segunda metade do século XX.

Diante desta problemática é preciso analisar como se organizou a experiência religiosa na comunidade de Lençóis. Embora tenha suas ligações com o catolicismo - a presença de imagens de santos em todas as residências é visível -, na ilha não existe um espaço específico para o culto como capela ou igreja. Revertendo a ordem autoritária da tradição católica de imposições e perseguições, a comunidade criou para si um espaço de liberdade.

As práticas que em Lençóis orientam o credo religioso são fortemente influenciadas por outras noções de envolvimento como a pajelança e a mina que lidam com a *vidência* e o *dom*. Na leitura dos narradores, alguns moradores já nascem essa capacidade e são vistos como *privilegiados* podendo ocupar um lugar de destaque na relação que se constrói com o sagrado. São deles que saem os contatos com os *mistérios* da ilha através das relações com as entidades que ali estabeleceram moradia. Entretanto, essa noção de *dom ou vidência* não engessa a experiência, ao contrário, amplia-se à medida que narrativas e práticas são compartilhadas com o restante da comunidade.

Essas duas práticas religiosas, mesmo exercidas em lugares diferenciados, entrecruzam-se já que os participantes da pajelança podem ser

também filhos-de-santo no terreiro de mina. Portanto, essa mobilidade religiosa, longe de delimitar lugares, constitui uma possibilidade de novos contatos entre pessoas de credos diferenciados.

A *pajoa* Helena Silva, também freqüentadora e filha-de-santo do terreiro do senhor Evilásio, narra sua concepção acerca do *dom* daqueles envolvidos com as práticas religiosas em Lençóis.

*Eu acho que aqui todo mundo não, né? Porque uns acreditam, outros não, porque eles dizem ah! Que não tem nada não, não é, quer dizer que ai tem muita gente que diz: – Pajé não existe no mundo. Eles dizem assim: mineiros existem mas dizem que pajé não existe não, mas existe sim porque quando Deus botou tudo no mundo tinha pajé, então que um dia tem que existir, quer dizer, quando a gente tá no ventre da nossa mãe, quando a gente cai no chão do ventre de nossa mãe, nós já estamos com o dom. Ninguém pode saber o que nós temos. Eu não posso saber o seu, o senhor não pode saber o dos outros. Aí nós vamos crescendo, vamos crescendo mas nós não estamos sabendo disto. Tem um dom porque não tem uns que são ladrão, não tem uns que fazem coisa feia, não tem uns que estudam, não uns que são políticos? Cada pessoa tem um dom.*<sup>226</sup>

Dona Helena reforça, em sua fala, que desde a criação do mundo existem pessoas que já nascem *predestinadas* a ocupar determinados lugares na sociedade. Por isso, quando se contesta o poder dos pajés, afirma veementemente que Deus quando criou o mundo deu a cada homem uma tarefa que será exercida de acordo com o seu *dom* e fé:

*É ter fé naquela pessoa. Como a gente tem em Deus e diz: - Meu Deus eu tenho fé em você. Aí tem gente que diz: - Ah porque eu tou com medo. Eu digo: -Gente tem fé em Deus! Porque tem quem dorme e não sabe nem se existe Deus no mundo. Mas, tem, tem Deus. Então a gente sabe que existe um Deus, e eu sei que existe um Deus, porque toda hora que é pra sair da minha casa, eu digo:- Ô meu Deus, me ajude! E aliás, tem os santos que também a gente se apóia, os santos milagrosos e sente que aquele santo sempre ajuda a gente.*<sup>227</sup>

Nessa relação de fé e de investimento no objeto crido dona Helena reforça suas esperanças. Fazendo uma análise atenta em torno de suas falas

<sup>226</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>227</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

percebe-se que a narradora relaciona a fé em Deus à presença de um cavalo e um cavaleiro na Ilha dos Lençóis. Associação simbólica que deixa transparecer os elos que ligam a noção religiosa à presença do encantado Rei Dom Sebastião, *o cavaleiro misterioso*:

*Então é isso aí. Tou me lembrando uma vez, eu tava na minha casa, morava com meu marido mais o meu filho, eu tava assim deitada, cedo, eu vi um cavalo passando em minha porta. Me deu vontade de sair pra olhar, da minha rede, ainda disse pro meu marido: -Se acorda! Passou o cavaleiro que vinha. Meu filho mais velho disse: -É negócio de pajé! Mas é verdade, eu vi mesmo daqui de casa.<sup>228</sup>*

Para os pajés, o Rei Dom Sebastião se manifesta através dos encantados, visualizados por aqueles sujeitos que têm o dom da *vidência* e fazendo-se presente no momento da prática da *cura*. A manifestação da entidade ocorre de múltiplas formas e por caminhos singulares.

Em Lençóis, todos os pais-de-santo foram iniciados na prática da pajelança o que já mostra uma singularidade dessa experiência em relação à prática da mina em outros terreiros do Maranhão.

Há uma maior repercussão das narrativas quando a visagem e o diálogo com o Rei Dom Sebastião ocorrem na esfera da pajelança. Configura-se um espaço mais aberto, menos hierárquico e propício ao compartilhamento dessas narrativas pelos sujeitos envolvidos. Já na mina, o pai-de-santo dialoga com o Rei, entretanto detalhes não são revelados, existindo um código de condutas mais fechado, com um momento e espaço demarcados para manifestação. Mesmo assim, há uma dificuldade de se estabelecer um referencial de diferença entre a narrativa do pajé e a do pai-de-santo. Pode-se fazer, entretanto, uma distinção a respeito da manifestação de Dom Sebastião: o soberano é um encantado em ambas as práticas, todavia, como um *caboclo* na pajelança e um *vodum gentil* na mina<sup>229</sup>. Por isso o pajé/pai-de-santo

<sup>228</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>229</sup> Segundo Sérgio Ferretti, vodum ou vodu é "divindade em jeje que corresponde a orixá em nagô. Podem ser velhos, adultos, jovens ou crianças, masculinas ou femininas e agrupa-se em famílias ou panteons com características específicas. São considerados como intercessores entre Evovodum, o Deus Superior e os homens. Incorporam-se durante o transe nos vodunsi ou filho-de-santo." In: FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querembantan de Zomadonu – Etnografia da Casa das Minas* (Coleção Ciências Sociais). São Luís: EDUFMA, 1985. p. 303

*Faz a cura e bate tambor de mina. Ah! O tambor de mina é lindo, é marcado o dia do santo, aí é marcado! A cura não, pode se fazer a qualquer hora. Qualquer hora pode fazer. O santo não tem nada a ver com isso.*<sup>230</sup>

Dona Helena diz que Dom Sebastião marca presença e se incorpora nesses rituais a partir de uma invocação: *“ele vem pro terreiro, tem que chamar por ele”*. Todavia, apenas como uma filha-de-santo, a narradora não detalha os mistérios que envolvem a relação do grupo na mina, deixando a pai-de-santo a revelação ou não do que é presenciado e percebido nesse ritual. Pode-se inferir contudo, através das narrativas, que o espaço da mina, marcado por cantos e gestos, invoca e legitima uma presença sagrada.

Essa presença também é legitimada a partir dos sonhos que ganham efeitos de realidade impondo aos sujeitos envolvidos determinadas condutas. Também através dos sonhos, os *invisíveis* entram em contato com os moradores que possuem o *dom* da vidência:

*Pra gente que sonha aquilo é uma verdade, não é? Tem uma certeza porque ainda mais eu, porque eu assim sou vidente, e aí eu sou e eu sei que é, tudo que eles dizem com eles. Eles dizem certas coisas pra mim, eu não conto pra ninguém. E, às vezes, aquilo que diz pra eu fazer pode acontecer algum caso comigo. Lá no terreiro, tudo eles dão notícia, de tudo que acontece com a gente. O Chico também é metido a curador, também. Porque esse negócio de visão tem muita gente aqui também novo que sabe. Os pais que mostram pra eles.*<sup>231</sup>

Os pais-de-santo mostram para os filhos-de-santo a importância do Rei Dom Sebastião enquanto interlocutor de um credo maior. O senhor José Mário reforça em sua fala uma noção de autoridade à medida que as entidades *baixam* no seu terreiro, deixando-o informado sobre o que acontece na ilha.

Esses contatos e revelações, ao mesmo tempo que reforçam o credo, aguçam um temor sobre as mudanças que poderão advir quando da quebra da relação harmoniosa que se construiu entre os encantados e os moradores de Lençóis. Medo que gira em torno da possível escassez da fonte maior de subsistência da comunidade, o pescado. Realizado próximo à ilha ou em alto

<sup>230</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>231</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

mar, enfrentando perigos nas suas simples e frágeis embarcações, os ilhéus atribuem a fartura e a proteção ao Rei:

*A fartura era por ele. Ele quem protegia aqui. Protege! Ele protege, ele sempre dizia, ele sempre diz: - Enquanto eu existir e vida vocês tiver, aqui os meus filhos que nasceram na terra daqui dos Lençóis não vão ficar abandonados. Eu sou nascido e criado aqui como o velho Chico que é nascido e criado aqui. Do jeito que tem ele(o Rei) aqui na praia dos Lençóis, pois ele protege, todo tempo! Se tiver um naufrago qualquer, um acidente, não é, ele atende! Tem uma proteção. Ele ajuda!<sup>232</sup>*

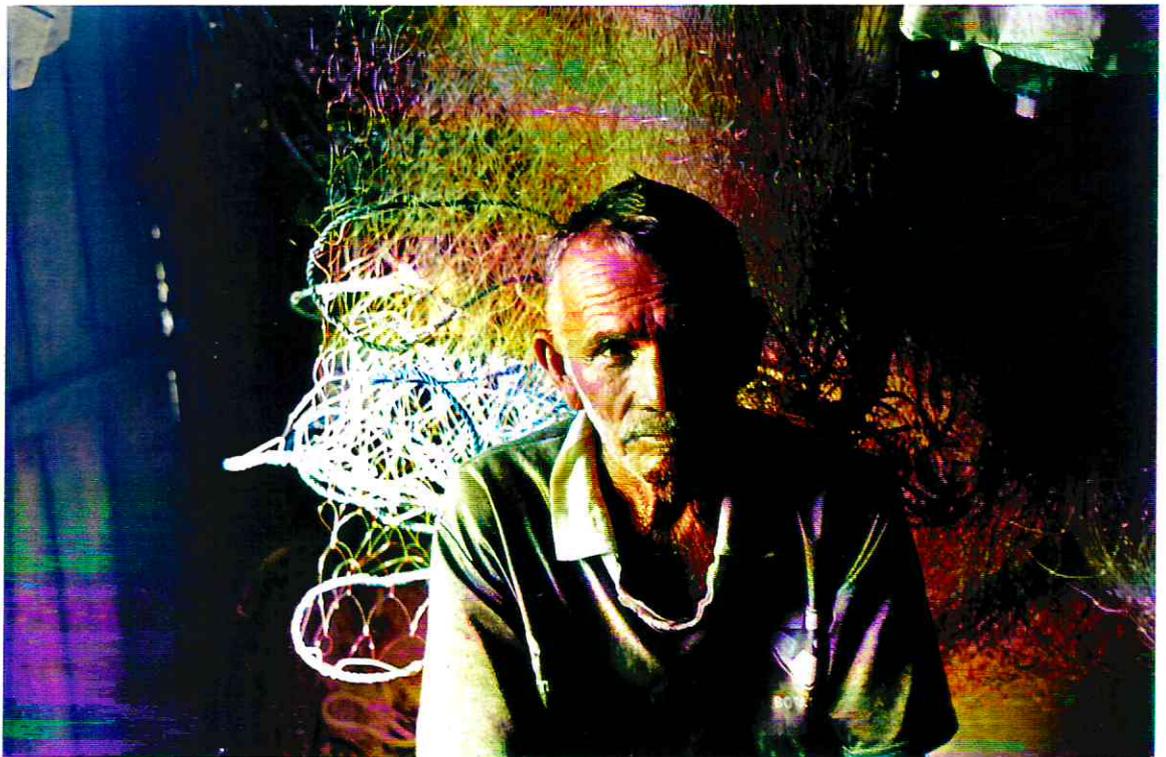


Fig. 5 Senhor Chico Rabelo, 07/2000

Foto: Joel Andrade

<sup>232</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

tornaram-se referências para a construção de uma prática voltada para o culto da pajelança junto à comunidade de Lençóis. Resgatados pelos narradores e reverenciados como os *mestres*, esses personagens ensinaram aos ilhéus como lidar com as entidades que fazem parte do ritual; bem como utilizar os recursos e conhecimentos para fins curativos diante dos principais problemas enfrentados pela comunidade: distante do continente e esquecida pelos poderes públicos.

Num processo ativo de transmissão do conhecimento, os antigos pajés, como o senhor Canuto<sup>235</sup> da localidade do Portinho, prepararam e instruíram alguns habitantes da ilha como dona Elpídia e dona Constância: *“Ele era pajé. Era doutor. Morava aqui no Portinho. Esse era doutor porque adivinhava. Era o Canuto mas eu não sei o resto. E esse se você fosse pra lá e dissesse de alguém daqui, ele dizia tudo”*.<sup>236</sup>

Na época do senhor Canuto, a prática da pajelança era taxada pelas autoridades policiais como *curandeirismo* ou *bruxaria*. Perseguidos no continente, alguns pajés deslocaram-se para Lençóis, visto como um espaço aberto para realização das práticas da pajelança já que ali estariam livres da repressão policial devido à distância e à dificuldade de acesso à Ilha.

*Vinha ele e a Honória. A Honória também era de lá. Nesse tempo a polícia andava atrás do pajé quando ia fazer alguma coisa pro pessoal. Então lá no Portinho quando ela brincou a polícia chegou e entrou para pegar ela e aí ela levou oito dias no fundo. Quando foi dentro dos oito dias a polícia ia lá pra ver se ela tinha chegado. Mas não foi presa. Com oito dias de desaparecida ela chegou. Se escondeu no mundo da encantaria e quando ela chegou lá, deram laranja para ela chupar, se ela tivesse aceito tinha se dado mal, porque quem chupar não volta mais.*<sup>237</sup>

Fazendo um resgate dos elos que ligam o sebastianismo em Lençóis à prática ancestral da pajelança, o senhor Chico rememora os sujeitos que

<sup>235</sup> Este senhor Canuto é, provavelmente, o avô do pai-de-santo Carlos do Portinho, da Casa de São Sebastião, que durante o mês de janeiro faz homenagens ao Rei Dom Sebastião em seu terreiro, indo completar suas *obrigações* na ilha dos Lençóis onde realiza um tambor na praia, depositando suas oferendas. Exemplifica-se, assim, uma tradição que vai além de Lençóis e que impulsiona os contatos entre gerações.

<sup>236</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>237</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

nortearam as primeiras as experiências da comunidade e que serviram de suporte para a construção da crença sebastianista na Ilha.

*A finada Constância, Raimundo Matias, Helpídia e os pajés que vieram, que faziam elas, eram de Cururupu e Açude. A Honória fez o preparo de Constância e Helpídia, já o Canuto Cunha fez do Raimundo Matias. De lá é que vem a Vicência. A Honória é pajoa boa. Vem das minhas tias Raimunda, Amada e a outra Vicência. Esse negócio vem de família. Aqui logo no início tinha muita conversa. Eles dizem que vem da parte do inimigo. Eu não sei. Rei Sebastião não tem quem descubra o segredo dele.*<sup>238</sup>

A prática que perpassa uma rede familiar é marcada pela aproximação entre os ilhéus e outros praticantes da pajelança nas regiões de municípios circunvizinhos como Bacuri, Cururupu e Apicum-Açu. Em Lençóis, esses pajés tinham a função de instruir os indivíduos que nasceram com o *dom*. Como afirma o pai-de-santo José Mário, é necessário que um pajé experiente, o *mestre*, inicie o indivíduo.

Uma pessoa com o *dom* da pajelança é identificada a partir de alguns *sinais* que a leva a sofrer incorporações descontroladas até que chegue o período de ser *encruzado*, isto é, formado *curador* por um outro pajé mais experiente que preside o seu tratamento. Com ele, o iniciante aprende a exercer o domínio sobre os *invisíveis*, os *caruanas*, passando a controlar suas possessões para que só aconteçam em locais e ocasiões apropriadas.<sup>239</sup> O senhor Chico que já presenciou várias iniciações, afirma:

*A cura, como sempre chama o pajé, tem o mestre, mas é só pra preparar ele. Para preparar um remédio, pra ele cantar, ali o mestre não ensina nada. Somente a preparar ele, segurar ele, encruzar ele. Agora se ele vai fazer um remédio pro senhor, então ele chama o caboclo dele e ele quem vai e o caboclo que vem é quem vem ensinar, o caboclo do fundo quem vem, não é nada de mestre quem ensina. Eu digo porque eu já fui preparado nesse negócio. Então o mestre, por segurança lá em Cururupu, um senhor por nome Justino tinha uma moça por nome Cecé. Então eles me disseram que iam me segurar mas para eu trabalhar, eu tinha que chamar um caboclo pai dele. Contanto que eles vêm, eles vão, que aí deu felizmente, eu vou*

<sup>238</sup> Senhor José Mario, setembro de 2002.

<sup>239</sup> Narrativa construída a partir dos narradores Diana, 23 anos, iniciante na prática da pajelança e o senhor Chico Rabelo, 74, ambos moradores de Lençóis e da leitura de GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens – Um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas*. 2ª edição. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Brasília: INL, 1976. p. 200.

*levando a minha vida, eu não brinco na mina, nunca dancei no terreiro, agora eu não gosto de ir lá. Eles querem (caboclos) e aí me avexo. Quando minha mulher era viva, ela sabia que eu tinha essas coisas. Que quando eu pegava a ver besteira, ela já sabia, ela trazia a vela, o maracá, quando era de manhã eu amanhecia com vergonha dela. E aí dizia: - Não velho, pode brincar, teu destino é esse porque naquela hora tu tá com o espírito. Agora tem que ser rápido, cinco ou seis minutos porque se demorar morre. Pára e volto de novo, mas é só esses minutos e contanto que assim que é. Justina me ensinou a benzer, a cantar, a fazer remédio. Agora se eu quiser benzer eu tenho que chamar um encantado aqui, se eu quiser curar eu tenho que chamar um de cura e ele vem e me dão uma ajuda.<sup>240</sup>*

A partir dessa narrativa é possível observar que uma entidade que é reverenciada para a cura também pode ser invocada para a benzedura, havendo assim uma relação entre ambas: “*Não, olhe: o que benzer, pode curar*”, realça o senhor Chico a partir de sua experiência na prática da pajelança e seu poder enquanto *mestre* para invocar um *caboclo*.

*Vem sempre o mesmo caboclo e de acordo com o que a gente pega. Então o caboclo de mais força. Chamo o caboclo. Acendo uma vela, faço minha obrigação e chamo o caboclo para ele ver o que é, e ele vem no dia. O mestre pode chamar.<sup>241</sup>*

Fim de tarde na Ilha dos Lençóis. Um morador se aproxima da casa do pajé. Avisa que a sua filha está doente e que precisa de tratamentos. O pajé questiona o rapaz e afirma que mais tarde irá lhe fazer uma visita, mas que em todo caso não há sérios motivos para preocupação, pois de acordo com relato sobre os sintomas o problema não é tão grave. Essa é uma prática cotidiana que institui o pajé/curador enquanto uma referência para o tratamento dos doentes, conquistando também um lugar de respeito na comunidade. Todavia, economicamente esse sujeito não tem muitas posses, vive apenas daquilo que é dado pelas pessoas que trata. Geralmente sua residência é simples e fica localizada numa área um pouco afastada das demais, onde pode realizar os trabalhos de *cura* sem ser incomodado.<sup>242</sup> Contudo, mesmo que a sua casa seja espaço mais apropriado para a sessão de pajelança, o pajé também pode atender na casa do doente.

<sup>240</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>241</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>242</sup> Narrativa construída a partir do trabalho de campo realizado de janeiro de 2002.

*Existe um doente e fala-se num 'trabalho' que se realizará à noite, na casa do próprio doente, na casa de um pajé ou curador ou em alguma outra residência onde a sessão possa ser conduzida de modo adequado.*<sup>243</sup>

Essa prática ritualística reforça a crença no reconhecimento dos poderes e saberes do pajé, medindo-se sua importância e prestígio junto à comunidade.<sup>244</sup>

Primeiramente, o pajé começa fazendo algumas orações a Deus e aos santos católicos. Em seguida, segura as penas de arara, o *maracá* e o cigarro de *tauari* e sentado começa a receber os encantados sucessivamente. Num terceiro momento, ele começa a sugerir algumas receitas para que a cura da enfermidade possa ser realizada com sucesso.

O pajé não é influente no campo econômico, sendo gratificado por seus trabalhos com dinheiro ou uma certa quantia de peixe. Passando a maior parte do tempo em sua residência, tem uma vida social diferenciada marcada pela introspecção. As palavras ditas por um morador são medidas de forma que não se fale "uma bobagem" na sua presença. Geralmente, no início da noite, sai sorrateiramente pelas ruas da cidade de *riba* tentando fazer um mapeamento do que acontece na comunidade. Reconhecido como uma figura enigmática, o pajé constrói um campo de domínio sobre tudo que envolve o cotidiano dos moradores, legitimando-se como um dos depositários da memória.

Esse papel de referência para a comunidade é adquirido através da acumulação de conhecimentos, estando o pajé ciente de sua responsabilidade com aqueles que o procuram para uma sessão; sabe que além de realizar um serviço, sua atividade como curador está sendo avaliada. Sempre que há oportunidade o pajé demonstra um saber construído por outros referenciais que não os dos livros e que antecedem a chegada do terreiro de mina à Ilha dos Lençóis:

*Tudo era cura. Zé Mário quando trabalhava na cura dava até um bom remédio mas a mina é pelo livro, a cura não, é pelo dom. Os*

<sup>243</sup> MAUÉS, Raymundo. *Op. Cit.*, p. 185.

<sup>244</sup> É interessante, neste sentido, as observações feitas por EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, Magia e Oráculos entre os Zande*.

*remédios que o pai-de-santo usa, ele não sabe então ele tem que chamar o caboclo da cura para ensinar ele. Aqui eu conheci um senhor no Mirinzal. O nome dele era João Conoré, então ele dizia que a cura, quem tem a cura conhece o sofrimento, ele ver o remédio que dá naquele sofrimento e quem trabalha na mina não (...) Uma mulher adoeceu de noite, me chamaram. O pai-de-santo tinha um livro que dizia algumas coisas. Mas eu sabia que o sofrimento dela era outro e se eu não conhecesse bem ia fazer mal pra ela, os sofrimentos dela era outro, nesse tempo tinha a penicilina, pinguei só três pingos, foi só fazer isso, três pingos e ela amanheceu boazinha.<sup>245</sup>*

Essa prática é auxiliada pela invocação dos caboclos que passam ao pajé as noções de como utilizar as ervas adequadas para o tratamento de cada enfermidade. São os *médicos dos pobres*, como afirma o pai-de-santo Carlos do Portinho. Sobre os remédios o senhor Chico comenta:

*O remédio de pajé era feito de mato, de casca de pau, até com a diamba (canabis sativa). Era preciso apenas saber o mato que dava. O cajueiro cura ferida, o mastruz cura tosse, todo mato pode ser usado como um remédio, basta saber...<sup>246</sup>*

As entidades ou caboclos invocados nos rituais da pajelança são chamados *invisíveis*, recebendo várias nomeações: bichos do fundo, oiaras, caruanas “*que, normalmente, permanecem sem serem vistas pelas pessoas comuns, apesar de presentes*”.<sup>247</sup> Na Ilha dos Lençóis, os *bichos do fundo* se manifestam através de animais como a serpente, o touro, o camaleão, o cachorro e o cavalo.

Rei Dom Sebastião é um invisível que se revela tanto na forma de animal, por exemplo, um touro, quanto na sua forma humana. Os *invisíveis* que se apresentam na forma animal são chamados *oiara*. Estes, em determinadas situações, podem levar algumas pessoas para sua moradia no encantamento. Aqueles que têm o privilégio de visitar os *encantados* precisam fazer de tudo para manter uma relação harmoniosa com os *habitantes do fundo*, principalmente não revelando detalhes sobre a sua experiência:

<sup>245</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>246</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002. Além do tratamento de enfermidades os pajés e as *pajoas* de cura estão preparados para a realização do trabalho de parto.

<sup>247</sup> MAUÉS, Raymundo. *Op. Cit.* p. 189.

*Por isso, é necessário ter cautela com eles, não só pedindo a proteção divina contra os males que podem provocar, como adotando atitudes respeitadas no momento em que se passa pelos locais onde costumam manifestar-se (...), assim como quando se está assistindo a o trabalho de um pajé.<sup>248</sup>*

Uma outra nomeação para esses *invisíveis* é *caruana*. Neste caso, o *invisível* é um *guia* ou *cavaleiro* que habita o mundo submerso. O Rei dos Lençóis se encontra neste grupo. O senhor Chico, de acordo com suas visitas ao mundo da encantaria, afirma: “*tem a Princesa da Luz, que é muito branca, a Princesa da Guia, tem Mariana, morena e de olhos verdes, a Princesa Jarina e a Princesa Flora*”, entre outros, que não são reverenciados apenas em Lençóis:

*Lá para Belém é muito falado, Jarina, Mariana, Tupinambá e o Pena Verde, e outros. Eu sou nascido e criado aqui e que dizem que é do encanto, aqui tem disso tudo, já faz muito tempo curando, mas é só com o consentimento do encantado; as mães-de-santo também falam dos encantados, e os encantos ficam pra lá, lá pra Ponta (Ponta do Gino) e a gente se sente no meio deles.<sup>249</sup>*

A sensação de *estar no meio* da encantaria é representativa à medida que demonstra a interação entre os encantados e os homens e mulheres envolvidos com as práticas e rituais do sagrado. Nessa relação os pajés tiveram um importante papel na construção de uma crença ancorada na presença do Rei Dom Sebastião, tornando-se os interlocutores entre os demais ilhéus e o mundo da encantaria. Por isso, em seus preparos para a realização de alguma *cura*, os pajés sempre retomam um canto que invoca a presença viva do Rei no seio da comunidade:

*A Honória, a Constância, a Vicência, a Amada (avó da mulher de Evilásio) A Dona Amada cantava sobre o Rei Sebastião. Ela cantava a cantiga do Rei Sebastião, era uma irmã do meu pai, Flaviano Honorato da Silva. Agora a Vicência não entrevistaram, agora ela era a mestra da Amada. É como Evilásio, fui eu quem preparou.<sup>250</sup>*

<sup>248</sup> MAUÉS, Raymundo. *Op.Cit* p. 191.

<sup>249</sup> Senhor José Mário, fevereiro de 2001.

<sup>250</sup> Senhor José Mário, janeiro de 2002.

O canto ao qual o senhor José Mário faz referência é o que homenageia o Rei Dom Sebastião: *“Rei, Rei, Rei Sebastião, quem desencantar Lençóis põe abaixo o Maranhão...”* Assim, através das práticas reencontra-se o corpo do Rei Dom Sebastião, um *“corpo erotizado”* que suscita desejos e apropriações em outros espaços, redimensionando um conjunto de expectativas à sua volta.

### 3.3 Espaços onde o Rei ganha vida: a mina

*Ninguém é caixão em sabedoria. O tambor de Mina é um culto que tem mistério, tem fundamento, tem mironga. Então quanto mais se aprofunda, se pesquisa, se busca conhecimento dentro dos orixás, mais mistérios aparece.*

**Pai-de-santo Carlos do Portinho**

Enquanto na pajelança as experiências são mais personalizadas, na mina há uma rígida hierarquia; se por um lado o pajé responde por si quando da realização de suas práticas, por outro o pai-de-santo responde pelo grupo que participa do seu terreiro.

*Quer dizer porque o pai-de-santo tem gente que diz que ele faz aquele homem, ele chega chama o santo dele, faz aquelas coisas, então ele é o pai-de-santo... Quer dizer se ele me fizer, se meu pai-de-santo me fizer, quer dizer que eu vou ser uma mãe-de-santo, enquanto não, sou uma filha-de-santo. Não posso lhe responder a isso porque quem deve responder isso é Zé Mário, Zé Evilásio que eles já são feitos e podem lhe responder.<sup>251</sup>*

O sebastianismo de Lençóis esteve primeiramente vinculado à *lenda do touro encantado*. Essa lenda como o próprio nome indica estava associada à noção de encantaria e por extensão à história dos *caboclos*. Só posteriormente o sebastianismo de Lençóis se ligará ao ritual da mina. O deslocamento de um foco para outro pressupõe uma abordagem acerca da experiência do culto da

<sup>251</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

mina e sua apropriação por alguns habitantes de Lençóis.

Existindo uma vasta literatura sobre a temática, é preciso reconhecer o trabalho de pesquisadores que se tornaram clássicos nesse campo. É o caso, por exemplo, do etnólogo Nunes Pereira que escreveu *A Casa das Minas* resgatando a experiência dos primeiros terreiros de Mina criados em São Luís, em fins do século XVIII, ligados a duas tradições: a jeje e a nagô.<sup>252</sup>

No início da década de 1980 a discussão é retomada a partir de uma nova perspectiva com os trabalhos dos pesquisadores Sérgio e Mundicarmo Ferretti. Em seus trabalhos tentam perceber o dinamismo cultural presente nos cultos afro-brasileiros, ou seja a associação de elementos de origem africana e indígena na redefinição dos rituais e práticas que permeiam esses credos.<sup>253</sup>

A prática da mina já existia em São Luís no fim do século XVIII e início do XIX - em 1795 com a fundação da Casa Jeje e em 1815 com a Casa de Nagô -, como é unanimemente apontada pelos pesquisadores citados acima. Todavia, quando se tenta resgatar as experiências e singularidades do culto tambor de mina na região em que se situa o município de Cururupu, onde a mina é algo recente, o pesquisador se depara com um problema: os trabalhos de pesquisa tiveram como referencial as casas de São Luís, e correspondem a modelos que não se enquadram nas singularidades encontradas no culto tambor de mina da Baixada Maranhense. A pesquisadora Ferretti aponta para esta questão:

*A religião afro-brasileira dos salões de curadores de Cururupu apresenta grandes diferenças tanto da Mina de São Luís (jeje, nagô e outras) como do Terecô (Mata de Codó). Em Cururupu toca-se tambor da mata (do Terecô) e abatá (da Mina Nagô) mas o "toque" é, geralmente acompanhado por duas tabocas percutidas no solo e canta-se em português.*<sup>254</sup>

Em seu trabalho Mundicarmo Ferretti chama a atenção também para a necessidade de se estudar as letras dos cânticos das entidades e caboclos, tanto nos rituais da mina quanto da pajelança.

<sup>252</sup> PEREIRA, Nunes. *A Casa das Minas – Contribuições ao estudo das sobrevivências dahomeianas no Brasil*. Rio de Janeiro, 1947.

<sup>253</sup> Ver FERRETTI, Sérgio. *Querebantun Zomadonu*; e, FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma (Vide referências anteriores)*.

<sup>254</sup> FERRETTI, Mundicarmo. *Terra de Caboclo*. p. 114.

*O caboclo na religião afro-brasileira refere-se "a encantado ou guia espiritual, que é geralmente encarado nos terreiros como personificação e divinização de tribos indígenas; e é paramentado nos rituais 'com trajes cerimoniais dos antigos tupis'<sup>255</sup>*

Segundo a autora, os caboclos no culto tambor de mina podem ser conceituados como:

*(...) entidades espirituais de etnias e nacionalidades diversas, que começaram a ser recebidas (em transe) no Brasil, e que têm no terreiro e 'na cabeça' dos filhos-de-santo uma posição inferior a dos voduns, orixás (divindades africanas) e gentis (nobres europeus associados na Mina a orixás)<sup>256</sup>*

Além desse conjunto de singularidades, pesquisas recentes como a do antropólogo Didier de Laveryle mostra que o culto tambor de mina só chegou à Baixada Maranhense, especificamente em Cururupu, em meados do século XX, predominando até então a prática da pajelança.<sup>257</sup>

A chegada da mina na Ilha dos Lençóis representou o surgimento de novas práticas e a constituição de novos espaços ampliando uma representação sobre a presença de Dom Sebastião entre os ilhéus. Além de estar presente na pajelança, o Rei também passa a ganhar vida nos terreiros de mina.

Nesta narrativa, retomando algumas personagens envolvidas na prática da pajelança o senhor Chico relata como surgiram e onde foram preparados os primeiros pais-de-santo de Lençóis:

*Aqui existiam duas mulheres: uma por nome Constância e outra por nome Elpídia, e aí foi começando e a Elpídia foi preparada por uma senhora que morava aqui no Portinho por nome Honória e a Constância foi ela também começou passando. Mas nesse tempo não tinha esse negócio de mina, era só cura. Aí passaram mais uns tempos, aí pegaram esse negócio de mina. Aí contanto que esse pessoal novo foram pra São Luís com Zé Evilásio, se prepararam no terreiro de Euclides e vieram com esse negócio de mina. Antigamente*

<sup>255</sup> FERRETTI, M. Terra de Caboclo. p. 46.

<sup>256</sup> Idem. p. 52. Esta conceituação do que seriam os caboclos é ilimitada e poderia puxar gancho para outras abordagens, todavia este trabalho aqui não se propõe a fazer uma análise aprofundada já que tal intento fugiria do eixo central que permeia este trabalho: as práticas sebastianistas na ilha dos Lençóis.

<sup>257</sup> LAVERYLE, Didier. *As duas direções de um mesmo sincretismo? A pajelança e a mina maranhense nos tambores de cura*. XX Reunião Brasileira de antropologia/ABA/Ufba, Salvador, 14-18/04/1996.

*tinha isso não, era só a cura. Agora eu não sei. Eu não tenho em minha cabeça, porque pra mim que não carregam um caboclo, um caboclo doutor de cura e a cura carrega. E assim onde esse homem vive tem casa, tem tudo no fundo, tem os doutor, tudo tá no fundo, tem as doutoras, tudo tá no fundo, é outro mundo. Agora, o mandante é o Rei.<sup>258</sup>*

O senhor Chico tenta criar um lugar de autoridade à medida que questiona a prática da mina enquanto um espaço que realça a presença de Dom Sebastião. Para ele, a *cura* é o verdadeiro espaço onde o Rei ganha vida enquanto que na mina seria apenas um africano:

*Agora eu já procurei pros pais-de-santo, qual é o mandante da mina? Eles dizem que o Rei Sebastião é cura, eu não sei não qual é. Eles me informam se Rei Sebastião é a cura e é a mina, eles dizem que mina vem da África, pode ser um italiano, que aqui tem o mandante, já sabe que é o rei, é o Rei Sebastião. Não fazem essa separação, porque como tem o mandante, o Rei é o mandante da cura, da Mina deve ser um africano.<sup>259</sup>*

Esta observação do senhor Chico é importante, porque enquanto na pajelança o Rei Dom Sebastião aparece como o soberano, na mina ele é uma entidade *vodum gentil*, significando que ocupa um lugar intermediário na hierarquia.

A pajelança e a mina se integram na Ilha dos Lençóis através da formação dos pais-de-santo que foram iniciados na prática da cura. Todavia, nem todo pajé encontra-se envolvidos nos terreiros de mina. O senhor Chico, como pajé, tenta demarcar um território fazendo uma crítica veemente ao afirmar que enquanto a cura é um *dom*, a mina se pauta por um conjunto de regras e ensinamentos que moldam as ações dos participantes.

Todavia, em ambos os lugares Dom Sebastião se apresenta como um encantado. O que demarca a diferença de um ritual para outro são os significados das práticas envolvidas nos respectivos espaços.

*Aqui tem a cura e a mina. Então quando eles vêm pra qui bater tambor é a mina. Mas na cura também bate o tambor mais aí é outro, é diferente, é outra cantiga. Mas o Rei Sebastião é o pivô do negócio.*

<sup>258</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>259</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

*Tudo é domesticado por ele. Eles só vêm e cantam a doutrina dele e aí ele vem.*<sup>260</sup>

Uma aproximação entre a mina e a pajelança é apontada pelo pajé Chico, delineando contudo as diferenças:

*Em Lençóis, os pajés cantam a doutrina de Rei Sebastião, já os mineiros não cantam muito. Antigamente Helpídia e Constância em toda a cura cantava a doutrina dele. Eu tenho pra mim que a mina é separada da cura. De primeiro era assim que fazia a bondade. Agora eu acho que isso tá diferente hoje. Lá fulano sobe pra brincar. Ficava de um jeito, de outra feição, do jeito do encantado. Hoje se não bota roupa não pega. Hoje em dia não. Ai botava para dançar aquela doutrina, caía. Agora quando ia fazer o arranjo tinha que dançar até o final. Começava de oito e ia até quatro da madrugada quando era feito o arranjo. Era muito bonito. Ia comer pato insosso. Eu também comi uma tal de gemada. Eu comi isso tudo durante os noventa dias. Tudo insosso. Eu disse que caía doente por causa desse negócio, eu fiz, aliviou mais. Agora eu não consigo mais.*<sup>261</sup>

Manequinho, filho do senhor Macieira, é um jovem pajé que tem seus laços com a prática da mina, já sendo filho-de-santo:

*Manequinho também é pajé. Quem canta mesmo, sou eu e Zenaura. Para um o guia dar uma cantiga. O dele é o caboclo Roxo. Ele também canta. Quem canta Rei Sebastião é a mãe de linha. Tem também o Zé Evilásio e o Zé Limão. É o pai-de-santo de Manequinho...*<sup>262</sup>

Esses personagens ao colocarem as diferentes formas de apropriação do Rei Dom Sebastião, tanto na pajelança quanto na mina, e a constituição de práticas sebastianistas em seus respectivos espaços, tornam visíveis determinados aspectos que reforçam a atualização do culto sebastianista: formas de manifestação, hierarquias (lugares) da entidade, poderes e representações diferentes que marcam as especificidades e que ao mesmo tempo se encontram quando lidam com o referencial maior, o Rei Dom Sebastião.

O entrecruzamento de concepções de mundo formam uma religiosidade marcada pelo diálogo entre a vertente cristã vinda com os jesuítas, a africana

<sup>260</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>261</sup> Senhor Chico, janeiro de 2002.

<sup>262</sup> Dona Telma, julho de 2000.

com os escravos e as tradições indígenas já presentes. Perpassados os séculos e susceptível às mudanças e reapropriações, esse amálgama de experiências manteve-se vivo na memória histórica através de visões alternativas de mundo e projetos de liberdade, que astuciosamente lidam com a lógica dominante, autoritária e opressora do Estado não deixando contudo paralisar os sonhos.<sup>263</sup>

Para os africanos, numa realidade distante, e de opressão, projetar um mundo melhor e pedir proteção aos seus deuses consistiam em formas de coesão do grupo. No Brasil, embora se tenha perdido no esmigalhar do tempo algumas divindades africanas, os rituais permaneceram incorporando algumas entidades como os *gentis* e os *caboclos*, ou seja, aqui teria ocorrido a reelaboração de uma tradição que não está fechada e impassível às mudanças. No culto afro-brasileiro, Dom Sebastião compartilha determinadas características com Oxóssi:

*Um guerreiro que conduziu o seu povo de uma nação para outra onde a vida seria melhor e a caça mais abundante... seu símbolo é uma cobra enrolada no braço de uma árvore. Além disso, Oxóssi está tradicionalmente associado à lua e ao frio e por consequência sempre à noite, melhor momento para caça.*<sup>264</sup>

A associação de Oxóssi a Dom Sebastião remonta a algumas categorias que são atribuídas ao soberano dos Lençóis: a figura do guerreiro que lidera seu povo, construindo um laço de identificação que se exterioriza com os *filhos da lua* e sua constante presença garantindo aos ilhéus proteção e esperança.

Embora Lençóis tenha se constituído num espaço sagrado para diversos cultos no Maranhão, só a partir de meados da década de 1970 teve assentada a sua primeira casa de culto tambor de Mina. Esta foi fundada por dona Maria Tereza, irmã do senhor José Mário, com uma longa experiência no trabalho de pajelança e iniciada na Casa Fanti-Ashanti, criada em 1950 pelo pai-de-santo Euclides, em São Luís.

<sup>263</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. *As Religiões no Brasil (Apêndice)*. In: HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry e GAADNER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Sobre resistência ver: CERTEAU, Michel de. *Culturas Populares*. In: *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. pp. 75-90.

<sup>264</sup> PORDEUS Jr., Ismael. *Uma Casa Luso-Afro-Brasileira com Certeza*. pp.119-149.

*A minha mãe não era dessas coisas, mas ela gostava. Ela acompanhava as irmãs dela. Nesse tempo, elas brincavam de tambor (...) No tempo da Amada, da Vivência, não tinha esse negócio de Tambor, era só o maracá, brincava de pajé. Quem trouxe o tambor foi Maria Tereza*<sup>265</sup>

Dona Maria Tereza, “a primeira pajoa/mineira de Lençóis, trabalha com a mina até agora”<sup>266</sup>, no final da década de 1990, saiu de Lençóis para abrir um terreiro na cidade de Apicum-Açu:

*Eu entrei na Mina depois dos 40 anos, porque precisei pagar obrigação (...) Meu pai-de-santo é Euclides, do Cruzeiro do Anil. Passava dois anos em São Luís e voltava pra Lençóis. Tá com uns vinte anos que eu trabalho aqui na Mina Nagô.*<sup>267</sup>

Com a mina, a prática da cura desloca-se da sala comum da pajelança para um *terreiro* cujo assentamento é mais complexo, exigindo todo um ritual de incorporação do espaço. Como afirma Ismael Pordeus Jr., necessita-se todo um trabalho de iniciação estabelecendo o terreiro como um espaço da performance e da memória.<sup>268</sup> A idéia de que a mina é uma prática mais recente em Lençóis é reforçada pelo pai-de-santo José Mário.

*(...) a linhagem dos pais-de-santo desta localidade é recente. Começou com o senhor Teotônio, depois Dona Maria Tereza, eu e José Evilásio. Antes, os pajés faziam suas curas em determinadas salas mas não havia terreiro. Todos os pais-de-santo dessa linhagem foram feitos na casa de Pai Euclides.*<sup>269</sup>

No 20 de janeiro, em Lençóis, São Sebastião é homenageado com uma procissão que geralmente ocorre à tarde e que tem o seu desfecho numa capelinha improvisada - pois não existe igreja na ilha -, acompanhada por senhoras e crianças. Também na mesma data ocorre a homenagem ao Rei Dom Sebastião no terreiro de mina com um ritual que começa às dez horas da noite, prolongando-se até duas ou três horas da madrugada. Mesmo havendo

<sup>265</sup> Dona Neusa, 07/07/1999 apud. PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. *O Imaginário Fantástico da Ilha dos Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*. Belém: Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFGA, 2000.

<sup>266</sup> Narrativa de Dona Maria Tereza, janeiro de 2002.

<sup>267</sup> Dona Maria Tereza, 06/07/1999 apud PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. *Op. Cit.*

<sup>268</sup> PORDEUS Jr., Ismael de Andrade. *Uma Casa Luso-Brasileira Com Certeza*. p. 46.

<sup>269</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

uma coincidência de datas entre as duas homenagens, os espaços onde se realizam os cultos não se confundem.

O período que antecede o tambor é marcado por vários preparativos que mobilizam os membros do ritual e parte da comunidade que se faz presente. Na noite que antecede o dia do tambor dona Helena, filha-de-santo, fala dos preparativos:

*Nossa roupa tudo pronto, cada noite, se é três noite, cada noite se ele não tiver a saia, que a blusa é só branca, agora a saia tem noite de azul, de vermelho, de amarelo. Cada uma cor, uma noite. Eu ainda não tenho mesmo é Rosário, eu ainda não tive a condição de jogar o meu búzio (para saber) qual é o meu caboclo, qual é o meu santo (...) Sabe pelo búzio. Eu não sei como ele joga mas aí dá. Mas eu não sei dizer ao senhor que ele sabe, que eu joguei eu nunca vi. O pai-de-santo sempre fala: - Helena ajeita dinheiro pra mandar jogar teu búzio... Agora ele disse que tem pra ele que a minha santa é lemanjá.<sup>270</sup>*

Nesse ritual, alguns passos precisam ser seguidos pelos sujeitos envolvidos.

*Porque tem que passar toda aquela cantiga todinha do imbarabô<sup>271</sup>, aí passa aí quando chegou no embarabô e aí se dá o nome de gira o tambor, aí já é o caboclo que vai cantar, e eu vou cantar a minha, Telma vai cantar a dela e aí, todo mundo vai cantar mas aí no imbarabô tem muita coisa, tem xangô, tem de lemanjá, tem de Babalaô, tudo tem.<sup>272</sup>*

E assim continuam...

*No imbarabô todo mundo canta. O pai-de-santo puxa o imbarabô e aí acompanha todo mundo. Primeiro é o pai-de-santo, depois é o filho-de-santo, cada qual vai puxando a sua. Aí quando faz de conta que o tambor virou-se, terminou o imbarabô e aí a gente vai cantar, o pai-de-santo vai cantar a dele.<sup>273</sup>*

<sup>270</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>271</sup> De acordo com Sérgio Ferretti o imbarabô significa "primeira palavra do cântico para afastar Exu nos ritos nagô no Maranhão". In: Querentantam Zomadonu – Etnografia da Casa das Minas. p.292.

<sup>272</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>273</sup> Dona Helena, setembro de 2001.



Fig. 6 Ritual da Mina em Lençóis, 01/2002

Foto: Joel Andrade

Na noite sem lua, do dia 21 de janeiro de 2002<sup>274</sup>, ecos de tambores são escutados cortando o silêncio nas residências. Fazia-se uma homenagem ao Rei Dom Sebastião. Dez horas da noite, próximo à rua principal da *cidade de riba*, um grupo de crianças e jovens se posiciona no terreiro em frente a uma pequena casa. Lá dentro, na cozinha, várias pessoas vestindo roupas brancas cantam ladainhas católicas em *latim*. Contudo, não é possível ver todos que

<sup>274</sup> A homenagem foi adiada do dia 20 para o 21 devido o temor que tinha o pai-de-santo José Evilásio de que houvesse alguma confusão entre moradores e pescadores de outros lugarejos que estavam em Lençóis consumindo bebidas alcoólicas durante todo o dia.

estão no interior do cômodo. Depois de alguns minutos quatro mulheres saem e em círculo começam a dançar na pequena sala da casa. Uma senhora que não está uniformizada vai organizando as pessoas de forma que não interfiram no ritual. Três homens tomam os instrumentos e o abatazeiro começa a batucada.

Numa alternância de ritmos lentos e rápidos, os corpos começam a circular. Cantando cantigas, os participantes progressivamente vão mudando de aspecto e seus semblantes já não são os mesmos. Depois de algum tempo o pai-de-santo sai da cozinha e junta-se aos demais, e o ritmo das músicas e danças torna-se mais acelerado. Há nesse instante uma performance ritualística onde as diversas entidades ganham vida marcando suas presenças no seio da comunidade. O pai-de-santo e os filhos-de-santo incorporam entidades cuja energia cria uma atmosfera que envolve todos os presentes naquele pequeno espaço.<sup>275</sup>

Durante todo o ritual, uma senhora serve pequenas doses de vinho ao abatazeiro e à assistência presente, mostrando a utilização da bebida como uma forma de recepcionar bem os visitantes. As canções no terreiro chegam a um ritmo tão acelerado que depois de algum tempo é impossível discernir as palavras. Nesse momento, a *performance* chega ao seu ápice e os sujeitos circulam, dançam, cantam, vivem, revivem mitos...

Portanto, nas práticas sebastianista de Lençóis, os terreiros de mina e as pajelanças, têm um papel que possibilita a comunidade o confluir e o construir uma experiência num diálogo com outros mundos. São estes dois espaços que possibilitam a construção de uma sociabilidade através da oralidade. Nesse meio, a arte de narrar constitui um elemento fundamental: ao narrar e cantar determinados episódios, associados a uma figura maior, constroem sua própria história, vista como possibilidade de subversão de todas as ordens impostas pelo homem e pela natureza.

---

<sup>275</sup> Além de prestar uma homenagem ao Rei Dom Sebastião, o tambor tinha a finalidade de pedir a cura de uma enfermidade que atingira o irmão do pai-de-santo José Mário.

## Capítulo IV: Os Contos e Cantos da Memória<sup>276</sup>

Oi! por dentro das águas há quadros e  
 sonhos  
 E coisas que sonham o mundo dos vivos  
 Há peixes milagrosos, insetos nocivos  
 Paisagens abertas, desertos medonhos  
 Léguas cansativas, caminhos tristonhos  
 Que fazem o homem se desenganar  
 Há peixes que lutam para se salvar  
 Daqueles que caçam no mar revoltoso  
 E outros que devoram com gênio  
 assombroso  
 As vidas que caem na beira do mar  
 Beira-Mar, Zé Ramalho

São vozes singulares que na imensidão da realidade dispersam seus fragmentos sutis, cantos que clamam a presença de um Rei, contos que lhe dão visibilidade. São sujeitos de uma história e lugares de uma memória. A construção de um imaginário em torno da figura do Rei Dom Sebastião na Ilha dos Lençóis é emblemática à medida que se remete a categorias do passado e dispositivos usados no cotidiano. Dessa maneira, relembrar o passado glorioso da presença do Rei naquela ilha é uma forma de mantê-lo presente num mundo em que as mudanças são constantes e as tradições cada vez mais esfaceladas.

Uma preocupação com a memória emerge quando sua perda começa a ser sentida e isto inquieta os depositários da memória. São os responsáveis por mantê-la e dinamizá-la, ressignificando-a. Mesmo fragmentária e seletiva, a memória constitui uma das formas pela qual as sociedades se mantêm ligadas por um elo comum de experiências culturais e, portanto, de identificação.

Compartilhada pelo grupo, a memória é um lugar de poder. Numa

<sup>276</sup> De acordo com o Mini-dicionário de Língua Portuguesa Silveira Bueno, *conto* é "narração falada ou escrita, de fatos imaginários ou reais; historieta; narrativa; fábula." p. 211; e, *canto* "ação ou efeito de cantar; canto-da-sereia que segundo as lendas antigas atraíam os navegantes; poesia lírica". p.154.

sociedade onde a memória é instituída e mantida através da oralidade, no caso da crença sebastianista na Ilha dos Lençóis, destacam-se aqueles que se tornaram os elos de ligação com os moradores mais velhos na relação histórica entre o *mundo do fundo* e o *mundo de cima*; são os detentores do saber e das práticas sebastianistas naquele espaço. À medida que os mais velhos estão morrendo, os mais novos não dão continuidade à tradição, implicando assim, em todo um rearranjo na expectativa sobre o futuro da Ilha, apresentando-se dessa maneira como uma das principais preocupações do grupo de narradores.

A partir de que referencial os mais novos não estariam dando continuidade àquela tradição? Estaria havendo uma quebra na lógica da pertença? É importante frisar que as tradições não são estáticas, mas mutáveis e sempre aberta a reelaborações. Percebendo-as por este prisma, deve-se levar em consideração também que há toda uma historicidade implicada na redefinição da tradição sebastianista.

Os contatos dos ilhéus têm se intensificado e o fluxo de pessoas aumentou assustadoramente na Ilha. Se antes, as relações dos moradores eram restritas aos pescadores do continente, agora o contato com turistas cria novas expectativas.<sup>277</sup> Esses contatos intensificam uma possível: de um lado, pessoas como o senhor Macieira, o senhor Chico Rabelo, o senhor José Mário, dona Neusa e dona Telma que mantêm uma forte crença no Rei Dom Sebastião; por outro, os jovens se recusam a assumir o *dom* da pajelança e se envolver nos terreiros de mina.

Portanto, os mais velhos encontram-se nesse dilema. Suas histórias narram embates de vida e embates de morte, tentando reforçar a crença numa memória que se fragmenta na poeira das brancas dunas de Lençóis. As mudanças, todavia, não podem ser percebidas com um tom saudosista, pois é preciso ter a sensibilidade para entender que nada é perene e estático atentando para a dinâmica que envolve as experiências históricas, ao contrário

---

<sup>277</sup> Esta abordagem é discutida pela antropóloga PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. *O Imaginário Fantástico da Ilha dos Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*. Belém: Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPA, 2000. Durante o período de pesquisa, encontrei, acampados na Ilha, um casal de ingleses, um grupo de estudantes hippies do Rio de Janeiro, um espanhol e mais uma estudante catarinense. Lençóis, 27 de julho de 2001.

do que apontam alguns folcloristas<sup>278</sup>.

A afirmação de que o Rei Dom Sebastião não mais habita a Ilha de Lençóis é simbólica talvez como se paralelamente todo um dispositivo que dava sustentabilidade à presença viva do Rei tivesse desaparecido, mas algo permanece, mantendo a presença do Rei na Ilha em vários espaços: nos rituais, nos cantos e nas narrativas, constituindo “lugares de uma memória” na acepção de Pierre Nora, ou mesmo “fragmentos de uma memória” na acepção de Michel de Certeau.<sup>279</sup>

Todavia, a preocupação apontada por alguns moradores de Lençóis é bastante compreensível à medida que se leva em consideração que a memória não é algo fechado. Pelo contrário, é uma experiência sempre passível de ser ressignificada como aponta Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, neste sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.<sup>280</sup>

Memória viva que tem uma função muito importante e cujos cantos e narrativas deixam soar desejos esperados. Constituem assim,

A voz poética que assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus intérpretes- no espaço, no tempo, na consciência de si-, a voz poética está presente em toda parte, conhecida de cada um, integrada nos discursos comuns, e é para eles referência permanente e segura.<sup>281</sup>

Por isso, não se deve desconsiderar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira e perceber como o processo de lembrar pode ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual, com cada

<sup>278</sup> As imagens construídas por vários escritores, folcloristas e jornalistas principalmente no Suplemento Cultural Vagalume reproduzem essa imagem sobre as singularidades da Ilha dos Lençóis. (ver referências anteriores).

<sup>279</sup> NORA, Pierre. A Problemática dos Lugares da Memória. In: *Projeto História 10*. São Paulo: PUC, 1993, pp. 7-9. e CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. p. 164.

<sup>280</sup> NORA, Pierre. *Op. cit.* p. 11.

<sup>281</sup> ZUMTHOR, Paul. *A Letra e A Voz*. p. 139.

grupo construindo sua rede de significação.<sup>282</sup> Essa rede que perpassa o cotidiano se constitui

As vozes cotidianas (que) dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalham o real; a voz poética os reúne num instante único- o da performance -, tão cedo desvanecido que se cala; ao menos, produz-se essa maravilha de uma presença fugidia mas total.<sup>283</sup>

Para Paul Zumthor, a voz poética é profecia e memória ao mesmo tempo. A memória é dupla: coletivamente ela é uma fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Por essas duas vertentes, a voz poética é memória. Como se apresenta a inserção do discurso poético no discurso coletivo? A voz poética constitui um saber construído a partir da performance do intérprete cujo testemunho procura reforçar a unidade.

Sua memória descansa sobre uma espécie de *memória popular* que não se refere a uma coleção de lembranças folclóricas, mas que, sem cessar, ajusta, transforma e recria... o discurso poético se integra por aí no discurso coletivo, o qual ele clareia e magnifica...<sup>284</sup>

A partir do que é compartilhado pelo grupo, alguns sujeitos são escolhidos para tecerem suas histórias, verbalizando suas experiências, cantando suas canções e sentindo a forte e viva presença de um rei, Dom Sebastião, o Encantado dos Lençóis, pois através *da palavra, o homem estabelece seu poder sobre as coisas.*<sup>285</sup>

#### 4.1 Narradores do Sagrado: Os Contos da Memória

Narrar é uma arte. Ao abordarem a discussão sobre oralidade, Chris & Fentress afirmam que a memória é compartilhada, sejam quais forem as fontes, e comunicada na arena oral através da anedota e da conversa, com padrões

<sup>282</sup> THOMSON, Alister, FRISCH, Michael e HAMILTON, Paulo. *Os Debates sobre História e Memória: alguns aspectos internacionais*. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaina. *Usos & Abusos da História Oral (Orgs.)* 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 67

<sup>283</sup> ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p.139.

<sup>284</sup> FENTRESS, James & CHRIS, Wickliam. *Memória Social – Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Rio de Janeiro: Ed. Teorema, s/d. p.142.

<sup>285</sup> PORDEUS Jr., Ismael Andrade. *Uma Casa Luso-Brasileira Com Certeza*. p. 13.

narrativos que não ficam a dever à tradição escrita. Desta forma, não se deve criar uma hierarquia dos saberes; seja o oral ou o escrito, ambos constituem formas de transmissão de uma certa visão de mundo.<sup>286</sup>

A análise das narrativas colhidas junto à comunidade de Lençóis parte dessa perspectiva. A ênfase nos *contos* - frutos dos rituais da pajelança, do terreiro de Mina e de outros espaços abertos à construção de uma cultura pautada pela narratividade – aponta para uma produção simbólica da realidade na qual os sujeitos-produtores estão inseridos. Não se deve portanto considerar os espaços de práticas, com seus transes ritualísticos na pajelança e na mina, como produtores de *devaneios*, mas antes a partir da própria lógica de construção de uma experiência viva, vibrante, desses espaços pela comunidade.

Portanto, compreender a relação que a população de Lençóis mantém com os mundos de *riba* e do *fundo* através de indícios, fragmentos, sonhos e visões, disseminados no cotidiano pela oralidade, constitui um leque de leituras possíveis de um imaginário que envolve a crença sebastianista.

Personagens como o senhor Chico, dona Neusa, o senhor José Mário, o senhor Macieira, dona Telma, dona Helena, o senhor Evilásio constroem suas redes de devoção vivendo na Ilha dos Lençóis e identificando-se como filhos do *dono* da praia, alguns *brancos*, albinos, outros não, mas compartilhando as mesmas experiências.

O que acontece na ilha, a exemplo da alta taxa de albinismo, “é um *mistério, só Deus pode responder*”, afirma dona Romana.<sup>287</sup> Esse *mistério* se exterioriza a partir de uma lógica de pertença a uma figura maior, que protege e impulsiona os ilhéus a superarem as dificuldades e o preconceito. Convivem num mundo terreno e ao mesmo tempo com um outro numa esfera *invisível*, mas presente, que fortalece a crença e a possibilidade de usufruir determinadas benesses. Enquanto Dom Sebastião lá habitar, seus *filhos* estarão sempre protegidos e Lençóis continuará sendo uma Ilha *abençoada* com grande fartura de peixe e camarão.

O senhor Macieira, carpinteiro, conhecido por sua simpatia e

<sup>286</sup> FENTRESS, James & CHRIS, Wickliam. *Op. Cit.* p. 122.

<sup>287</sup> Dona Romana, já falecida, agosto de 1978.

hospitalidade, é o responsável pela manutenção dos barcos de pesca da ilha. Sempre protegido por um chapéu e camisa de mangas compridas devido ao albinismo, ele se mostra como um narrador cujas informações são referências para historicizar a experiência sebastianista na comunidade e sua ligação com outros lugares.

Conclui-se que existe em Lençóis uma relação bastante forte entre a pajelança e a mina. Fazendo uma analogia a partir do relato do senhor Macieira, entende-se que *o Rei daqui, à noite*, quando se tem *mina* aparece *debaixo da areia*. Percebe-se uma relação entre o tambor de Mina, ou seja, ao ritual da Mina, e a presença de Rei Dom Sebastião. E, estes ruídos podem vir não só dos tambores, mas também, do fundo da praia que é um referencial para o outro mundo. Através de vários meios como sonhos e visagens os encantados encontram uma forma marcar a sua presença junto aos habitantes de Lençóis.

*Era senhor neste setor aqui. Mais pra frente, como eu estou lhe dizendo, tinha a murraria grande. Quando era uma noite que eu saí pra pescar, tava dando muito peixe nessa época...aí eu saí lá de onde eu disse, daquela casa em frente pra ir pescar, aí eu vi uma dona, disse que era a mãe d'água que tava na beira do lago, logo aqui que tinha umas tábuas que a mulher lavava e... um luar bonito, pelo menos assim, maré enchente, aí eu saí, quando eu olhei, tava aquela mulher páááááááá, jogando a roupa na tábua pááááá'... e ela com o cabelo loiro como o meu... aí fiquei pensando essa mulher lavando roupa alta noite... aí vim, vim, vim, tava o povo aqui e passou uma carroça, ai vim, vim, quando fui chegando por ali, assim, desconfiei que não era mulher, era uma mãe-d'água que era, aí meu irmão e eu arrei o corpo aqui caladinho... fui devagar para agarrar ela num sabe, senhor quando eu tava numa distância bem encostada, eu devia Ter pulado em cima não é... ela pressentiu e eu só vi ela furar a água assim ó fuuuuuuuxxx...perdi a mulher. Aí eu não disse mais nada. Cada qual no seu trabalho não é.<sup>288</sup>*

Esta expressão “cada qual no seu trabalho” demonstra os limites que marcam a busca pelo conhecimento dos mistérios que sondam a experiência sebastianista de Lençóis. Relacionar as experiências da comunidade e suas relações com os encantados que lá habitam numa perspectiva histórica reforça a noção de que a história não está circunscrita aos espaços da escrita e do

<sup>288</sup> Senhor Macieira, setembro de 2001.

longínquo passado mas é acima de tudo também tecida no seio da oralidade e compartilhada num cotidiano que a reatualiza, recriando uma nova memória.

De acordo com o senhor Macieira as primeiras histórias sobre Lençóis “*pode ter sido o senhor Gabriel*”, pai do senhor Saturnino, quem falou.<sup>289</sup> Sua família veio de um lugar onde as narrativas sobre encantos tinham efeitos de realidade no cotidiano de sujeitos acostumados com os mistérios do mar na região de Itacolomi, nas cercanias de Alcântara.

Essa alusão à Itacolomi como ponto de origem das histórias dos encantados também é feita pelo senhor José Mário que narra o desaparecimento do filho da *pajoa* Constância. O episódio realça a luta dos indivíduos para não caírem na encantaria, vista como uma prisão, ficando o sujeito fadado a viver no mundo dos invisíveis até que ocorra o desencantamento.

*O filho de Constância se encantou no Itacolomi. Teve uma visão marinha, quem se encanta no mar não volta porque cria guerra com o peixe. Quem se encanta na terra tem vez que volta. Esse rapaz caiu dentro d'água. Levaram um dia todo esperando. Não voltou, desapareceu. A mãe dele sabia. Se ela tivesse com ele, ela pegava uma camisa dele e jogava na maresia e quebrava o encanto.*<sup>290</sup>

As narrativas sobre Itacolomi vão além de Lençóis, principalmente a de um navio que persegue as embarcações:

*Tem um navio que acompanha a gente. Aparece de noite e acompanha. Quando chega em Lençóis desaparece. Quando vai e chega na barra do Maranhão, São Marcos também. O Itacolomi fica de banda de Alcântara, perto da base de Alcântara. Tem muitos navios no fundo. A cidade de Lençóis tem muita encantaria. Se desencantar os que estão no fundo sobem e os que estão em cima descem...*<sup>291</sup>

Em Itacolomi aparece uma narrativa que se relaciona com a idéia de encantamento de uma mulher que pede ajuda a um homem corajoso o suficiente para quebrar o encanto. Tal história tem suas semelhanças com os relatos sobre a presença do touro encantado, a transfiguração animal do Rei

<sup>289</sup> Senhor Macieira, janeiro de 2002.

<sup>290</sup> Segundo narrativas do senhor José Mário a *pajoa* Constância foi a mestra do senhor Chico na prática da pajelança.

<sup>291</sup> Senhor José Mário, janeiro de 2002.

Dom Sebastião, na Ilha dos Lençóis.

*A minha mãe contava que em Itacolomi tinha um vaqueiro, tinha uma ilha separada, o vaqueiro morava lá sozinho. Apareceu uma mulher perguntando se ele tinha coragem de desencantá-la. Quando vai desencantar era uma serpente. Era pra ele tirar uma gota de leite para despejar na serpente... senão vai morrer. A ilha foi quebrando. Aqui tem muita assombração do Itacolomi.<sup>292</sup>*

Essas histórias são passadas de pai para filho. Entretanto, como alega o senhor Macieira, o número de contadores foi paulatinamente diminuindo ao longo do tempo. Para ele *“apenas os mais antigos, porque esse povo novo não tem muita crença... as aparições diminuíram (também) porque a população aumentou muito”*. O aumento da população implica em uma perda do poder dos narradores em divulgar suas histórias. Através da intensificação dos contatos e o aumento do fluxo de pessoas vindas de diferentes lugares, esfacela-se a força das narrativas para a coesão do grupo. Preocupados com o presente, os narradores remetem-se constantemente a um passado repleto de descobertas: *“Antigamente a gente achava santosinhos assim, a gente achava”*, diz dona Neusa.

Alguns moradores de Lençóis tomam o lugar de depositários da memória como narradores que contam fragmentos de experiências passadas, tentando reativar nos mais jovens o desejo da aprendizagem da narrativa e a valorização do passado comum do grupo: *“esse pessoal mais novo aprende como eu tou contando”*, afirma o senhor Chico. Segundo Walter Benjamin a arte de contar se tece no complexo exercício de troca do narrador com sua audiência:

*Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida há milênios...<sup>293</sup>*

<sup>292</sup> Senhor José Mário, janeiro de 2002.

<sup>293</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. (Obras Escolhidas). Vol. I, São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 265.

As histórias são contadas por toda Baixada Maranhense, não se restringindo à população de Lençóis. Rei Dom Sebastião de Lençóis é o *pivô da encantaria*, vindo pajés e pais-de-santo de vários lugares para pagar suas promessas e oferendas na Ilha, alicerçando ainda mais a crença em sua presença, o “*Rei só pode é morar aqui!*”.

Embora muitos trabalhos afirmem que a Ilha dos Lençóis seja encantada, o senhor Chico observa que há um equívoco nessa proposição, pois baseado no que lhe disse o próprio Rei, “*a Ilha não é encantada, ele é que é encantado na Ilha*”.<sup>294</sup>

A memória é um processo moldado, elaborado no tempo histórico, sendo individual e coletiva. Várias narrativas criam um espaço de inteligibilidade para a crença no Rei. A memória é assim um traço significativo da história da comunidade, como afirma Portelli:

*Um mito não é necessariamente uma história inventada, é isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações simbólicas partilhadas por uma cultura*<sup>295</sup>

Segundo Halbwachs, o grupo se define pela sua visão de mundo a partir de sua própria lógica e sua memória de fatos, pessoas, valores e credos. Não se pode pensar a idéia de pertença sem a sua vinculação com uma memória histórica. Para o grupo, o passado é reconstruído partindo do presente e nessa movimentação esquecer é criar: “*o movimento do esquecimento coletivo coincide com o movimento que quer criação. No quadro social da memória, encontram-se os meios de lembrar*”<sup>296</sup> o passado através dos sonhos e expectativas na superação das dificuldades.

Nas palavras de Alistair Thonson a memória constitui um espaço dinâmico assim como o próprio conhecimento histórico ganhando novas significações pela relação passado-presente:

<sup>294</sup> Ver textos da coletânea VAGALUME, São Luís, SIOGE, 1989.

<sup>295</sup> PORTELLI, Alessando. *O Massacre de Civitella*. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta Moraes. *Abusos da História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 109-121.

<sup>296</sup> HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva e Memória Individual*. In: *A Memória Coletiva*. pp. 60-61; LE GOFF, Jacques. *Memória* In: *História e Memória*. p. 476.

*Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas... Que memórias escolhem para recordar e relatar (e, portanto, relembrar), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo<sup>297</sup>*

O ato de contar e compartilhar as experiências constitui um importante dispositivo para reatualização de uma memória. Assim, através das várias narrativas, a comunidade de Lençóis formaliza sua relação com o referencial mais importante de sua história e de sua própria identidade enquanto um grupo que vivencia a crença sebastianista.

As histórias se multiplicam. Vozes começam a ecoar de todos os cantos. Caminhos obscuros que não se deixam emoldurar por uma lógica exterior, mas que se tornam perceptíveis nas ações cotidianas dos moradores de Lençóis. Histórias-fragmento envoltas no maravilhoso: resistência a um mundo visível que se exacerba na luta pela sobrevivência.

São as várias histórias de encanto que dão visibilidade ao imaginário religioso da comunidade de Lençóis. Entre elas uma é referência importantíssima, pois fala da presença do Rei Dom Sebastião enquanto um encantado que se deslocou de uma experiência anterior; um guerreiro que vagou pelo mundo em busca de abrigo, formando a comunidade dos encantados. Esta é uma das histórias que se contam:

*O velho meu avô dizia que o Rei Sebastião é guerreiro, então ele era português, então ele tava brigando num país, aí pra fora, eu não sei qual era o país, então ele venceu a guerra, venceu lá e meteu a família dele dentro do navio dele. Nesse tempo era rei. Aí ele viajou, viajou... Quando chegou aqui nessa croa, aqui, essa era uma croa que nasceu aí no meio do mar. Aí ele meteu, jogou a espada dele na croa, na frente do navio. Aí ele se encantou com o povo dele que vinha com ele. Lençóis vem de muito longe, dizendo o irmão do meu avô.<sup>298</sup>*

<sup>297</sup> THONSON, Alistair. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, N.º 15, abril 1997. p. 57.

<sup>298</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

Esta narrativa resgata uma historicidade que lida com a fundação da Ilha dos Lençóis pelo Rei Dom Sebastião, transmitida pela oralidade e estabelecida pelas práticas da pajelança e da mina que dão suporte à tradição sebastianista.

*Senhor, essa família dos antigos contava pra vocês, essa história de calango dourado, cachorro rabo de bandeira, tudo aparecia aí, mulher no murici. Às vezes, homem aparecia também, de uma hora pra outra tudo desaparecia. Só que a gente não entendia o que eles estavam dizendo, conversava um com o outro que a gente via fala deles. Eles não faziam era entender o que eles estavam conversando. E o Rei Sebastião eu vi diversas vezes.*<sup>299</sup>

Essas histórias formalizam uma memória criando uma esfera onde o mundo invisível tem efeitos de realidades no cotidiano de cada sujeito. Questionada sobre esse corpus narrativo produzido pela população de Lençóis, dona Helena, *pajoa* e filha-de-santo, narra sua experiência na infância ao se deparar com um touro que aparecia à noite na ilha:

*Quando eu era pequena, uma vez, eu saí com a minha irmã mais velha para pegar fruta de murici que tava dando era muito. Aí a gente foi apanhar, apanhemos, apanhemos. Aí quando tudo já tava arrumado eu ouvi uma gospada, era aquele boi na beira, aí eu chamei a minha irmã: -Vumbora, vumbora (...). Vim embora e fiquei com a mão dormente. Aí quando eu conto, parece que eu tou olhando, parece que foi hoje que eu vi. Aí quando chegamos em casa eu adoeci e aí sempre eles contam, os mais velhos diziam que sempre aconteciam essas coisas aí.*<sup>300</sup>

Dona Helena ainda conta que viu uma luz estranha em pleno amanhecer na beira da praia. Tanto nesta narrativa quanto na relatada acima, a narradora faz referências aos *mais velhos* que servem de suporte para se estabelecer uma conexão com um fundo comum de experiências.

*Uma vez eu tava com a minha menina que foi ter neném aí em Bate-Vento, cheguei lá e disse: - Gente eu cabeí de crer que Lençóis é encantado porque eu saí cinco horas da manhã e a beira tava toda iluminada daqui ali. Eu corri fui chamar a minha mãe pra ver, pra ela olhar porque não tinha luz nesse tempo, só Biu tinha um motor e não tinha navio aqui... Aí ainda olharam pra lá e não viram nada. A minha mãe sempre falava que aqui é uma encantaria.*<sup>301</sup>

<sup>299</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001

<sup>300</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

<sup>301</sup> Dona Helena, setembro de 2001.

O mundo da encantaria do Rei Dom Sebastião também se apresenta através da sensação de sonho causada pelo transe por que passam alguns indivíduos com o dom da vidência. *“Porque a gente sonha também, a gente sonha com eles e são sempre aqui em Lençóis”*<sup>302</sup>. Sonhar, dizer e ver constituem-se em artes que articulam um corpus narrativo legitimador de uma experiência e inserem os narradores/crentes na poética sebastianista dos Lençóis.

#### 4.2 Vozes que clamam: Os Cantos da Memória

*Rei, Rei, Rei Sebastião  
Quem desencantar Lençóis  
Vai abaixo o Maranhão...  
Dona Vicência*

As canções constituem importantes elementos da cultura de uma sociedade. Podem ser cantos de lamúrias ou de exacerbação carregados de sonhos e expectativas. Projeção ou recriação de um outro mundo onde uma sociedade distante ou mesmo próxima emerge nos cantos infinitos. Lençóis tem uma grande riqueza nessa produção poética.

Não é fácil gravar as toadas em homenagem às entidades da Mina fora dos encontros no terreiro. É preciso primeiro ganhar a simpatia da pessoa que vai cantar. Combinar o horário, de preferência à noite, quando o silêncio é profundo e a calmaria dos ventos invoca as entidades a marcarem presença. A maioria das músicas gravadas foi cantada por dona Telma Silva, albina, 31 anos.

Dona Telma só canta à noite e acompanhada de um pequeno cachimbo para o qual pede um pouco de fumo. Numa casinha de palha, sem luz elétrica, iluminada apenas pelo fogo à lenha, antes de começar a declamar suas canções afirma: *“Lençol é medonho... essa praia tem muita coisa”*. Começando a cantar, paulatinamente suas feições vão se modificando. São as entidades que se aproximam sugestionando e criando canções junto aos praticantes da

<sup>302</sup> Senhor José Mário, setembro de 2001.

mina e da pajelança. Nessa performance se estabelece uma relação de troca entre os encantados, que são reverenciados, e os moradores que passam a ser abençoados. As canções fazem referência ao mar, à pesca, às entidades, *gentis e caboclos*, enfim ao cotidiano dos habitantes da ilha.<sup>303</sup>



Fig. 7 Telma Maria, 09/2001

Foto: Joel Andrade

<sup>303</sup>Sobre esta questão de cunho metodológico ver: FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querenbantan Zomadonu – Etnografia da Casa das Minas*. São Luís: EDUFMA, 1985.

O Rei Dom Sebastião ganha vida em Lençóis também através dos cânticos em sua homenagem. Um deles, “*Rei, Rei Sebastião, quem desencantar Lençóis vai abaixo o Maranhão*”, tem um sentido fortemente compartilhado pela comunidade:

*Quando eu me entendi de ser gente, por aqui já tinha, por aqui já cantava, tinha aquele que dizia que Rei Sebastião era militar, devia voltar, não é? Ele vinha pra pai-de-terreiro... a minha tia, e uma outra dona que morava aqui em Bate-Vento, eles faziam.*<sup>304</sup>

Os cantos da memória constituem uma forma pela qual a crença sebastianista se exterioriza. De acordo com as questões que permeiam o universo da crença, as cantigas ou toadas<sup>305</sup> são analisadas não como uma mensagem do inconsciente, fruto apenas do transe ritualístico no terreiro de mina ou na pajelança, mas “*como discurso(s) sobre entidades espirituais (...) produzido e utilizado num determinado contexto social para explicar e justificar diversos aspectos daquela religião e da dinâmica social.*”<sup>306</sup>

Portanto, é preciso entender que as manifestações das entidades e seus vínculos com alguns habitantes constituem elementos de suma importância no estudo da relação que a população tem com o Rei Dom Sebastião. Dessa forma, cultos, músicas e narrativas constituem objetos passíveis de interpretação dos *nativos*, pois estão carregados de uma forte representação simbólica.<sup>307</sup>

Tanto as pessoas que contam histórias quanto aquelas que cantam formam um grupo pequeno em relação ao total da população. Seja em homenagem a Dom Sebastião ou às outras entidades, as cantigas constituem, assim como os contos, elementos que tornam vivo o imaginário sebastianista de Lençóis.

<sup>304</sup> Senhor José Mário, fevereiro de 2001.

<sup>305</sup> A toada segundo Câmara Cascudo é uma “cantiga, canção, cantilena, solfa, a melodia nos versos para cantar-se”. Apropriando-se de Oneyda Alvarenga em *Música Popular Brasileira*, diz: “A toada se espalha por todo o Brasil. musicalmente não tem o caráter definido e inconfundível da moda caipira. Talvez porque, abrangendo várias regiões, a toada reflita as peculiaridades musicais próprias de cada uma delas”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1974. p. 871.

<sup>306</sup> FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu Na Guma*. p. 29.

<sup>307</sup> FERRETTI, Mundicarmo. *Op. cit.* p. 29; GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 48.

Os moradores de Lençóis são filhos do Rei Encantado que reside na *cidade do fundo*. Dona Amada, *pajoa* e mãe-de-santo, irmã do senhor Saturnino, já falecida, vítima de câncer de pele, gravou essa toada em janeiro de 1979:

*Cidade de Lençóis  
é uma cidade muito bonita  
Cidade de Lençóis  
É uma cidade muito bonita.  
Tem vaso de guerra  
Tem caixa de guerra  
Ah, isso é feito por obra da natureza...<sup>308</sup>*

A representação da cidade de Lençóis é marcada por um cenário maravilhoso: lagoas de águas cristalinas e doce, praias limpas, fartas de mariscos e peixes, dunas que nas noites de intenso luar criam um ar de mistério. O zéfiro quando surge parece indicar a presença de algo invisível. Assim é a noite em Lençóis, momento em que a vida ganha toda a sua intensidade.

Lençóis é uma ilha *carregada por uma energia diferente*, dizem os pais-de-santo. Há um mistério que a singulariza das demais ilhas. Mesmo passando por dificuldades, a população se considera privilegiada sob os auspícios e a proteção do Rei Dom Sebastião. Como símbolo de sua importância, foi criada uma cantiga pelo próprio soberano quando incorporado na *pajoa* Vicência, mãe do senhor Macieira. Esse canto reforça a idéia da possibilidade de inversão da ordem estabelecida pondo a Ilha dos Lençóis numa rivalidade com São Luís, chamada Maranhão. Além disso, talvez a canção simbolize o esquecimento da ilha pela capital.

*Rei, é Rei, Rei Sebastião  
Rei, é Rei, Rei Sebastião  
Quem desencantar Lençóis  
Vai abaixo o Maranhão.*

<sup>308</sup> BAIANO, Paulo & MACHADO Jr, Roberto. *A Lenda do Rei Dom Sebastião - Registros Sonoros do Maranhão*. FUNARTE: Brasília, 1979/2000.

Deslocado de Alcácer Quibir, o Rei Dom Sebastião continua a ser o guerreiro valente e ousado que não teme os desafios, sempre preparado para a guerra:

*Rei Sebastião quando baixa a coroa,  
e faz as pernas da gente tremer.  
Rei Sebastião, Rei Sebastião,  
Entra em luta pra ganhar e vencer.<sup>309</sup>*

Numa outra versão, o pai-de-santo Carlos do Portinho afirma que não há rivalidade entre os reinos de Lençóis, dominado pelo Rei Dom Sebastião, e o de São Luís comandado por Dom Luís, Rei de França. Os dois reinos são considerados os mais poderosos da encantaria maranhense, contudo construíram bons laços de convivência.

Através dos cânticos, os pajés mais experientes e os pais-de-santo que já dominam os caboclos incorporam as entidades que são atraídas pela música. Segundo dona Amada “é só chamar que eles vêm pois, eles aparecem e cantam pelas doutrinas”, inclusive o Rei Dom Sebastião: “Ele mesmo, ele mesmo. Essas que baixam em mim, tudo é ele”. Daí os habitantes de Lençóis se sentirem os legítimos *discípulos* de Rei Dom Sebastião.

*Fiquei no meio de 60 espada  
Eu sou discípula de Rei Sebastião  
É com ele, é comigo.  
Fiquei no meio de 60 espada,  
Não ofenderam a mim.  
Eu sou discípula de Rei Sebastião,  
É bom, não é ruim.<sup>310</sup>*

Contudo, o Rei Dom Sebastião não vive só no reino do fundo. Está acompanhado por vários encantados que têm uma trajetória singular de vida, representando possibilidades de identificações à medida que pajés e pais-de-santo os invocam ou os incorporam para a prática e devoção. Este é o exemplo da cabocla Mariana, descendente da família do Rei da Turquia (tradicional casa de culto de São Luís), descrita como uma linda morena de olhos verdes com cabelos longos e pretos:

<sup>309</sup> Dona Telma, julho de 2000.

<sup>310</sup> Dona Telma, fevereiro de 2001.

*Lá fora tem três navios,  
em cima tem dois faróis,  
lá fora tem três navios,  
em cima tem dois faróis  
Essa é a esquadra  
Da Marinha brasileira Mariana  
Lá fora nos Lençóis<sup>311</sup>*

Outra entidade é a Rainha Rosa que traz proteção para os atribulados frente às dificuldades, assegurando-lhes conforto e segurança:

*Rainha Rosa, que tu veio fazer?  
Veio me trazer força  
Veio me assegurar  
Rainha Rosa, estou na agonia,  
Rainha Rosa, estrela do mar  
Rainha Rosa, que tu veio fazer?  
Veio me trazer força,  
Veio me fazer me assegurar,  
Rainha Rosa, estrela do dia,  
Rainha Rosa, estrela do mar.<sup>312</sup>*

O pedido por proteção vai além da terra. O mar é a fonte produtora de alimentos da população de Lençóis e ao mesmo tempo o espaço do perigo, por isso quando se defrontam os pescadores com um *mar agitado* pedem ajuda:

*Minha cadeira de embalo  
Que eu vou me embalar  
Minha balança é na maré  
Ela vai no meio do mar  
Minha balança é na maré  
Ela vai apoiar no meio do mar...<sup>313</sup>*

É do mar que vem o Marinheiro - companheiro dos pescadores nas noites de viagem em alto mar -, entidade que se incorpora em Dona Telma:

*Eu estava sentado,  
Se alevantei do banco de areia  
Quando meu cavalo chega...  
Nós somos companheiro,*

<sup>311</sup> Dona Telma, 31, janeiro de 2001.

<sup>312</sup> Idem, ibidem

<sup>313</sup> Idem, ibidem.

*Nós somos Marinheiro, companheiro de viajar.  
E nós vencemos sete baía Marinheiro  
E nós somos Marinheiro.<sup>314</sup>*

A Princesa Jarina, outra encantada, é descendente da tribo Tupinambá, os primeiros habitantes da região. Conta-se que a cabocla Jarina fora abandonada na mata depois que sua tribo sofreu um ataque. Ao ver aquela criança chorando, Dom Sebastião levou-a consigo para o seu reino. Esse apego do Rei pelas crianças é demonstrado na história contada pelo senhor Chico quando o seu filho Lúcio, com apenas quatro anos de idade, caiu do barco no meio do Canal. Passado alguns minutos submerso, o menino emergiu de forma súbita e com ares de perfeita saúde. Acredita-se que ele foi protegido pelo Rei Dom Sebastião e pela Princesa Jarina

*Praia de Lençóis, aonde Jarina mora  
Chora, chora, criança chora  
Praia de Lençol aonde Jarina mora  
É fora de hora, criança chora  
Na praia de Lençol aonde Jarina mora  
É fora de hora, criança chora<sup>315</sup>*

O senhor José Mário fala de uma entidade que está no morro de areia, o caboclo Temba: *"Eu tenho um caboclo que canta e que a cantiga diz assim"*.

*Meu nome se chama Tembadê,  
eu me encantei no morro de areia,  
eu me encantei no morro de areia.  
É Temba, a minha casa é um morro de areia  
Meu nome se chama Temba,  
me encantei num morro de areia.  
É Temba a minha casa é um morro de areia<sup>316</sup>*

Nesse universo da encantaria outras entidades tomam lugar a exemplo de Dom João, o rei português que o Padre Vieira chegou a defender como sendo o *encoberto* da profecia de Bandarra. Essa entidade tem a sua representação ligada à aparição numa barca nas cercanias de Alcântara,

<sup>314</sup> *idem, ibidem.*

<sup>315</sup> Dona Helena, setembro de 2001

<sup>316</sup> José Mário, setembro de 2001.

assustando e impondo medo aos viajantes e pescadores que navegam por aquelas águas à noite.

*Na terra de touro, touro, touro morão  
 Ãããã olha a terra do touro morão  
 Mas que cidade tão bonita que me dar...  
 Lá tem peixinho, tem nerê, tem tubarão.  
 Lá tem um moço que se chama Dom João  
 Lá tem peixinho, tem nerê, tem tubarão,  
 Lá tem um moço que se chama Dom João<sup>317</sup>*

Assim como Oxóssi, o Rei Dom Sebastião pode aparecer transformado em animal. Além de estar encantado como um touro, ele pode vir disfarçado em cobra. Segundo o senhor José Mário, numa de suas viagens ao reino da encantaria, a cidade do fundo estava repleta de cobras. Todavia, tinha a consciência de que elas não fariam mal algum se ele as respeitasse. Porém, quando a cobra sai do seu *habitat* toma determinadas atitudes relacionadas com a possibilidade de desencantamento, como é revelada por essa toada que conta a tentativa da cobra de *laçar* e prender um moço<sup>318</sup>:

*Eu sou mesmo aquele moço  
 Que já veio a cobra grande me laçar  
 Eu sou mesmo aquele moço  
 Que já veio a cobra grande me laçar  
 Oh não me laça cobra, não me laça cobra  
 Este é o moço que já veio de coró  
 Oh não me laça cobra, não me laça cobra,  
 Este é o moço que vai vir me coroar.<sup>319</sup>*

Essas cantigas têm um forte valor simbólico pois representam características peculiares de uma experiência entre a comunidade e os encantados, que criaram laços que determinam ou, ao menos, direcionam as atitudes dos sujeitos envolvidos.

Saindo das areias do Marrocos, o Rei Dom Sebastião se tornou um encantado na Ilha dos Lençóis. Todavia, isso não invalida as diversas experiências sebastianistas, pois parafraseando um pensamento sobre

<sup>317</sup> Idem, ibidem. Para compreender esse imaginário em torno dos encantados é preciso perceber que há uma variedade de entidades que interferem no cotidiano das pessoas.

<sup>318</sup> Baseado na narrativa do senhor José Mário, setembro de 2001.

<sup>319</sup> Dona Helena, julho de 2000.

Fernando Pessoa pode-se dizer que não existe um Sebastião, mas “sebastiões” que permanecerão presentes enquanto houver uma possibilidade de se redefinir a lógica perversa que governa um mundo marcado pelo preconceito e pelas injustiças.

Assim, partindo do pressuposto de que a história é movimento e que a crença é um investimento de sujeitos históricos em sonhos e expectativas traduzidos nas práticas cotidianas, e que suas experiências são singulares mas, nem por isso, únicas. Constituem-se antes em frutos de reinvenções marcadas por laços de continuidade e descontinuidade onde entram escolhas e identificações. Apresentam-se como movimentos de aproximação com uma dada tradição sebastianista que perpassa séculos e que continua sendo vivenciada nos mais diferentes lugares, tempos e espaços.

Através dos gestos e palavras, em Lençóis, dois mundos se juntam e se opõem, marcando um jogo de contrários. Estes mundos ganham legitimidade pela força que os sujeitos/crentes e as entidades têm ao demarcarem espaços. Portanto, como afirma Ismael Pordeus Jr.:

O fato de dizer o nome engendra o nomeado. Nomear é uma evocação mágica, um ato de criação, pois aquilo que não pode ser representado é irreal, não existe. Porém, todo pensamento humano, desde que enunciado, torna-se realidade.<sup>320</sup>

Esse mundo marcado pela magia e pelo sonho não se revela como um mero devaneio, mas uma possibilidade plausível de inversão da ordem social injusta. Os homens, mulheres e crianças objetivam seus sonhos através de ações, performances e falas recriadas numa memória que reforça a presença de Dom Sebastião na Ilha dos Lençóis.

Da *vontade* e do *desejo*, através dos sonhos e dos atos, estabeleceram-se os contatos e as aproximações com o outro mundo; signos de uma vitória projetada que aguçam vivências e expectativas em torno de uma crença na redenção dos homens, na inversão do tempo e na supressão da dor. Assim, os sonhos de uma comunidade são como uma música que “(...) se elevam

<sup>320</sup> PORDEUS Jr., Ismael Andrade. Uma Casa Luso-Brasileira Com Certeza. pp. 13-14.

*escapando ao campo fechado do fracasso, levantando a voz que fará surgir, em outro lugar, outros movimentos.*<sup>321</sup>

---

<sup>321</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. p. 78.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rei Dom Sebastião, desaparecido nas areias do Marrocos no ano de 1578, constitui uma das figuras mais emblemáticas da historiografia luso-brasileira. Esperado por toda a nação, investido de um forte imaginário, se institui enquanto um referencial para uma tradição que projeta em sua pessoa, ou entidade, a possibilidade de mudança de um mundo cheio de injustiças e desigualdades; crendo naquele soberano, sujeitos investem sonhos e projetos, vidas e esperanças.

Por isso, essa tradição perpassou vários espaço-temporalidades e foi apropriada por diversos sujeitos, em Portugal e no Brasil. Na ilha dos Lençóis, litoral noroeste do Maranhão, numa comunidade de pescadores, este Rei, reapareceu, estando ligado a determinadas singularidades que o distanciam do referencial português, principalmente daquele abordado por uma historiografia tradicional que taxou as experiências, no Brasil, como fruto do *fanatismo*, da *superstição* e do *misticismo*.

Estas colocações foram, portanto, questionadas neste trabalho. As experiências vivenciadas pelos sujeitos históricos têm suas relações marcadas por singularidades e entrecruzamentos culturais. Desta forma, a crença sebastianista em Lençóis apareceu como uma possibilidade de trabalhar o sebastianismo em outros espaços e que ganha visibilidade a partir de outras questões que não o dos outros referenciais. Rei Dom Sebastião, em Lençóis, encontra-se ligado às práticas da pajelança e da mina tendo como interlocutores os pajés, pais-de-santo e pescadores.

Estes interlocutores constituem elementos que, através de uma vasta narrativa, dão visibilidade as experiências sebastianistas na ilha dos Lençóis. Com eles, o mundo do encantado Rei Dom Sebastião, o *reino do fundo* e seus habitantes, dialogam com a *cidade de riba*, num fluxo interminável, que aguça expectativas várias. Aqueles personagens, nos seus devidos espaços, compartilham as narrativas dispersas nos contos e cantos da memória. Ali, no

momento único, da performance, agrupam-se num reforço ao credo na figura soberana.

Esta crença em Rei Dom Sebastião, é um emblema para a vida de uma população isolada, esquecida e que tem que enfrentar um duplo desafio: os homens e a natureza. Seus corpos marcados, vítimas do albinismo, que fragilizam suas peles e também, possibilita a criação de uma estereotipação marcada pelo preconceito. Desafiando no leito perdido do tempo seus contos e cantos de lamúrias exacerbam o credo numa inversão na ordem imposta pelos homens e pela natureza. Simbolicamente, esta referência é reforçada pelas alusões feitas ao *mundo do fundo*, um lugar que reproduz o humano, de *cima*, mas é narrado como sendo um lugar cheio de riquezas e abundância e que será compartilhado com os de cima, quando houver o desencanto do Rei Dom Sebastião.

Partindo da análise da relação entre os moradores de Lençóis e os habitantes da encantaria pode-se fazer algumas considerações sobre a demarcação de território pelos *invisíveis*: primeiro, as histórias sobre algum morador que tenha feito um pacto com o encantado e não cumprido teve como resultado a sua morte. Segundo, a relação do sebastianismo português tendo Rei Dom Sebastião como desaparecido se configura bem na leitura dos encantados. A sua presença ainda é uma possibilidade de inversão da ordem imposta no mundo. E, por fim, o exemplo mais forte é a dos *filhos da lua*. Num jogo de contrastes entre a noite e a lua versus dia e sol. Eles são marcas de uma presença e portanto uma nomeação que não é aleatória.

Portanto, os terreiros de mina e as pajelanças, as narrativas nos contos e cantos da memória, tiveram um papel importante em Lençóis. Esses espaços, possibilitaram, à comunidade, o confluir e o construir uma experiência num diálogo com outros mundos. São estes espaços que vão possibilitar a construção de uma sociabilidade através dos gestos, das ações, e da oralidade. Nesse meio, a arte de narrar constitui elemento fundamental da memória. Uma história possível subvertendo todas as ordens impostas pelo homem e pela natureza.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### Colônia de Narradores

- Senhor Manoel Goulart**, historiador, Cururupu, janeiro de 2000;
- Dona Telma Maria Silva**, *pajoa* e filha-de-santo, julho de 2000; fevereiro de 2001; de setembro de 2001;
- Senhor Chico Rabelo**, 78, pajé, pescador, julho de 2000, fevereiro de 2001, setembro de 2001 e janeiro de 2002;
- Senhor José Mário**, 55, pai-de-santo, fevereiro de 2001; setembro de 2001; janeiro de 2002;
- Senhor Manoel Oliveira** ( Seu Macieira), 68, carpinteiro, julho de 2000; fevereiro de 2001; setembro de 2001; janeiro de 2002;
- Senhor Carlos de Barão** (Carlos do Portinho), 36, pai-de-santo (*babaorixá vodum*) da Casa de São Sebastião, povoado de Portinho, Município de Serrano do Maranhão, setembro de 2001;
- Dona Neusa Oliveira** ( Dona Nini), 74, *pajoa*, fevereiro de 2001; setembro de 2001 e janeiro de 2002;
- Dona Helena Silva**, 50, *pajoa* e filha-de-santo, julho de 2000; fevereiro de 2001; setembro de 2001;
- Senhor José de Evilásio**, 57pai-de-santo, fevereiro de 2001;
- Dona Maria Bernarda**, 79 anos, parteira, julho de 2000 e janeiro de 2001;
- Senhor Simeão Torres**, 56 anos, pescador, janeiro de 2002;
- Dona Maria Tereza**, 67, mãe-de-santo da Casa de São Sebastião em Apicum-Açu;
- Dona Elozina Maria da Conceição**, 54, professora de Lençóis, julho de 2000.

### Fontes hemerográficas e sonografia

BAIANO, Paulo & MACHADO Jr, Roberto. *A Lenda do Rei Dom Sebastião - registros sonoros do Maranhão*. Brasília: FUNARTE, 1979/2000.

FERNANDES, Silvestre "Os Mysterios dos Lençoes". *Jornal O Litoral*. Cururupu, 1917.

FERNANDES, Silvestre. "Os Encantamentos da Ilha dos Lençóis". *Athenas – A revista do Maranhão para o Brasil*. São Luís, fev/1942.

LOPES, Ney. Coluna de Cultura. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27/09/1997.

MARKUN, Paulo. "Entrevista Ariano Suassuna". *Programa Roda Viva*. São Paulo, TV Cultura, 06/ 05/2002.

MIRANDA, Renan. "Entrevista Dr. Newton Freyre-Maia". *Revista Veja*, Rio de Janeiro: Editora Abril, n. 187, 05/04/1972.

\_\_\_\_\_ "Os Albinos da Ilha dos Lençóis". *Revista Veja*. Rio de Janeiro: Editora Abril, n. 183, 08/03/1972.

PEREIRA, Sidney. "Os Filhos da Lua". *TV Mirante*. São Luís-MA, 21/09/1998.

VASCONCELOS, Laércio. "Os Filhos da Lua, na Ilha dos Lençóis". *Revista Manchete*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 1466, 24/05/1980.

## Bibliografia

- ALVES, Rubem. *O Que é Religião?* (Coleção Primeiros Passos). 10ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANDRADE, Joel Carlos de Souza. *Sonhos De Um Homem; Projetos De Um Herói: A Construção do Mito de Rei Dom Sebastião*. Cadernos de Resumos do II Encontro Nacional de História e Informática, Uberlândia-MG, 05-08 de maio de 1999.
- \_\_\_\_\_. *Nas Trilhas da Vida e nos Ecos da Esperança: A Lenda de Dom Sebastião na Ilha de Lençóis*. Campina Grande, PB: DHG/UFPB, março de 2000. (mimeo.)
- AUSTIN, J. L. *Quand dire, c'est faire*. (Introdução de Gilles Lane). Paris: Editions du Seuil, 1962.
- AZEVEDO, João Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo*. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1984.
- BARROS, Souza. *Messianismo e Violência de Massa no Brasil*. Brasília: Civilização Brasileira, 1986.
- BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia (Rito Nagô)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas*. Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado – Elementos Para Uma Teoria Sociológica da Religião*. 3ª edição. São Paulo: Paulus, 1985.
- BORRALHO, Tácito. *Viva El Rei D. Sebastião!* São Luís, 1995. (mimeo.)
- BOSI, Alfredo (org.). *Antônio Vieira - De Profecia e Inquisição*. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 1998.
- BRAGA, Pedro. O Sebastianismo no Maranhão. In: *Suplemento Cultural Vagalume*. São Luís: SIOGE, 1989.
- BRÁS, Isabelle. *O Catolicismo e a Santidade Jaguaripe*. Revista de Ciências Sociais, UFC, número 26, 1995.
- BUENO, Silveira. *Mini-dicionário de Língua Portuguesa Silveira Bueno*. São Paulo: FTD, 1998.

- BURGUIÈRE, André. A antropologia histórica. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1993. pp. 125-152.
- BURKE, Peter. *Variedades da História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CARNEIRO, Alberico & NASCIMENTO, Jorge. *Lençóis: Um Paraíso Perdido*. São Luís: SIOGE, 1986.
- CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo/Livraria Itatiaia Editora, 1976.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 1974.
- \_\_\_\_\_. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1976.
- CASTRO, Armando. *Lições de História de Portugal 2 – as classes populares na formação, consolidação e defesa da nacionalidade (Séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.
- CENTENO, Yvette Kace (Coord.) *Portugal Mitos Revisitados*. Lisboa: Edições Salamandra, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. São Paulo: Papyrus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Invenção do Cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano 2. Morar, cozinhar*. 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Tradução Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. Profecias e Tempo do Fim. In: NOVAIS, A. (org.). *O Descobrimento do Homem e do Mundo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.
- COHEN, Norman. *Na Senda do Milênio – Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981.
- COSTA, Francisco A. Pereira da. *Anais Pernambucanos*. Volume 08 pp. 91-99 e Volume 10 pp. 156-162. Recife: Instituto Arquelógico e Geográfico de Pernambuco, s/d.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões – A Terra e o Homem*. 26ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1963.

D'ABEVILLE, Claude. *Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

DE LAVELEYE, Didier. As duas direções de um mesmo sincretismo? A pajelança e a mina maranhense nos tambores de cura. In: *XX Reunião Brasileira de Antropologia/ABA-UFBa*. Salvador-BA, 14-18/04/1996.

DELUMEAU, Jean. *A História do Medo no Ocidente (1300-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. Os Sonhos do Renascimento. In: *O Renascimento da Civilização Ocidental*. Lisboa: Estampa, 1993.

\_\_\_\_\_. *Uma História do Paraíso – O Jardim das Delícias*. Lisboa: Terramar, 1994.

DIEGUES, Antônio Carlos. *Ilhas e Mares – Simbolismo e Imaginário*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/UFRJ, 1993.

ELIADE, Mircea. *El Chamanismo y Las Tecnicas Arcaicas Del Extasis*. 5ª edição. México: Fondo de La Cultura Económica, 1994.

\_\_\_\_\_. *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*. Tradução Lisboa: Editora Livros do Brasil, s.d.

\_\_\_\_\_. *Tratado da História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

EDUARDO, Octavio da Costa. *The Negro in Northern Brazil. A Study in Acculturation*. New York: J. J. Augustin Publisher, 1948.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. (Edição resumida de Eva Gilles). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. *Essays in Social Anthropology*. London: Faber and Faber, 1962.

FENTRESS, James & CHRIS, Wickliam. *Memória Social – Novas Perspectivas Sobre o Passado*. Rio de Janeiro: Ed. Teorema, s/d.

FERNANDES, Silvestre. A Ilha dos Lençóis (excerto) In: *Antologia da Academia Maranhense de Letras (1909-1958)*. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 1958.

- FERNANDES, José Silvestre. *Lençóis: Um Reino Encantado* (1ª publicação em 1942). São Luís: SIOGE, 1986.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral* (org.). 2ª. edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.
- FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma- o caboclo do tambor de Mina em um Terreiro de São Luís*. 2ª edição. São Luís: EDUFMA, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Terra de Caboclo*. São Luís: Plano Editorial SECMA, 1994.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Querebentan de Zomadonu – Etnografia da Casa das Minas*. Coleção Ciências Sociais. São Luís: EDUFMA, 1985.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade Dos Encantados: Pajelanças, Feitiçarias e Religiões Afro- brasileiras na Amazônia. A Constituição de um campo de estudo (1870- 1950)*. Campinas: Dissertação de Mestrado em História, UNICAMP, 1996.
- FRANCO, Antônio Cândido. *Vidas de Sebastião* (coleção Biografias). Nem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1993.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens – Um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas*. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.
- GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 107.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A Micro-História e Outros Ensaios*. Lisboa: DIFEL, 1991.
- \_\_\_\_\_. *História Noturna – decifrando o Sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- GOMES, Plínio Freire. *Um Herege Vai Ao Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

- HAUBERT, Maxime. *Índios e Jesuítas no Tempo das Missões. Séc. XVII-XVIII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado – A Construção do Sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Sonho da Salvação*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. Sebastianismo e sedição: os rebeldes do Rodeador na “Cidade do Paraíso Terrestre”, Pernambuco, 1817-1820. In: *Revista Tempo, Dossiê: Religiosidades na História*, Vol. 6 – N.º 11, UFF, Julho 2001. p.131-142.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso – Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HOMERO. *A Odisséia (Em Forma Narrativa)*. Coleção Universidade. Tradução: Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, s/d.
- KIDDER, Daniel P. *Norte do Brasil – Notícias Históricas e Geográficas do Império e das Diversas Províncias*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/ São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, s/d.
- LABURTHE-TOLIA, Philippe & WARNIER, Jean-Pierre. *Etnologia e Antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LANTERNARI, Vittorio. *As Religiões do Oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ª edição. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1996.
- LUCCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil*. Coleção Melhoramentos. Brasília: IHGB/ MEC, 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: *Malinowski/ Antropologia: Coleção Grandes Cientistas Sociais* (nº. 55). São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa, 1879;
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. (Introdução de Claude Levi-Strauss) Vol. I. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1974.

- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, Pajés, Santos e Festas – Catolicismo e Controle Eclesiástico*. Belém: Edição CEJUP, 1995.
- MAZZOLENI, Gilberto. *O Planeta Cultural – Para Uma antropologia Histórica*. São Paulo: Edusp, 1992.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *Inferno Atlântico – Demoniologia e Colonização (Séc. XVI-XVIII)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- MEMÓRIAS DE VELHOS - *Uma Contribuição à Memória Oral da Cultura Popular Maranhense*. Vol. I, São Luís, LITHOGRAF, 1997.
- MESLIN, Michel. *A Experiência Humana do Divino – Fundamentos de uma Antropologia Religiosa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992.
- METRAUX, Alfred. *A Religião dos Tupinambás*. 2ª edição. São Paulo, Ed. Nacional/EDUSP, 1979.
- MORAES FILHO, Nascimento. *Pé de Conversa*. São Luís: Edição do autor 1957.
- MORAIS, Jomar. *O Rei Touro e Outras Lendas Maranhenses*. São Luís: SIOGE, 1986.
- NORA, Pierre. A Problemática dos Lugares da Memória. In: *Projeto História 10*. São Paulo: PUC, 1993.
- HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry & GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- PEREIRA, Madian de Jesus Frazão. *O Imaginário Fantástico da Ilha dos Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa ilha maranhense*. Belém: Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPA, 2000.(mimeo)
- PEREIRA, Nunes. *A Casa das Minas – Contribuições ao estudo das sobrevivências dahomeianas no Brasil*. Rio de Janeiro, 1947.
- PESSOA, Fernando. *A Águia*, 3ª, I, 9, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Mensagem*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1998.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. As Religiões no Brasil (apêndice) in. HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry & GAARDER, Jostein. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.
- PIRES, Antônio Machado. *D. Sebastião e o Encoberto – Estudo e Antologia*. 2ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

- PORDEUS Jr., Ismael de Andrade. *Uma Casa Luso-Brasileira com Certeza*. São Paulo: Terceira Imagem, 2000.
- PORTELLI, Alessando. O Massacre de Civitella. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta Moraes. *Abusos da História Oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- PRANDI, Reginaldo. Nas Pegadas dos Voduns. In: *Revista Afro-Ásia*, número 19/20, Salvador-Ba, UFBA, 1997. pp. 109-134.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus Editora/ Edusp, 1965.
- REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- RIBEIRO, René. Movimentos Messiânicos no Brasil. In: *Antropologia da Religião e Outros Estudos*. Recife: Massangana, 1982.
- SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *O Pináculo do Temp(l)lo – O Sermão do Padre Antônio Vieira e o Maranhão do século XVII*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.
- SANTOS, Tânia Lima dos. *Do Mito Sebastianista à Lenda de D. Sebastião no Maranhão*. São José do Rio Preto-SP, 1999 (mimeo.)
- SANTOS, Waldemar. Os Filhos da Lua na Ilha dos Lençóis. In: *Suplemento Cultural Vagalume*. São Luís: SIOGE, jan/fev, 1989.
- SÉRGIO, Antônio. Interpretação não Romântica do Sebastianismo In: *Ensaio*. Porto, 1920.
- SILVA, Edmundo. *Um Éden em Cururupu*. São Luís: SIOGE, 1986.
- SIMÕES, Maria do Socorro. Vozes da Amazônia. In: *Revista Ângulo*, n. 87, pp. 03-08, jan./mar./ 2001.
- SUASSUNA, Ariano. *Romance D'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta*. 4ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- TEIXEIRA, Ivan. The New Historicism. In: *Revista Cult*, maio de 1998.
- THOMPSON, E. P. *Historia Social y Antropologia*. México: Cuadernos Secuencia, 1994.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado – História Oral*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

- THONSON, Alistair, FRISCH, Michael & HAMILTON, Paulo. *Os Debates Sobre Memória: Alguns Aspectos Internacionais*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral (org.)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.
- THONSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, n. 15, abril/1997.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário de Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VALENSI, Lucette. *Fábulas da Memória - A Gloriosa Batalha dos Três Reis*. 1ª edição. Lisboa: ASA, 1996.
- VALENTE, Waldemar. *Misticismo e Região*. Recife-PE: FUNDAJ, 1963.
- VALENTIN, Thierry. *Algumas Lembranças e Reflexões Sobre a Topografia Encantada de uma Vila Amazônica*. In.: *Revista Ângulo*, n. 87, pp. 55-61, jan./mar, 2001.
- VANSINA, Jean A. *A Tradição Oral e Sua Metodologia*. In: KI-ZEIBO, J. *História Geral da África*. São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1982. p. 157-179.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *Maranhão (Coleção Folclore Brasileiro)*. Brasília: MEC/FUNARTE, 1977.
- WANKE, Eno Teodoro. *A Trova*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1973.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.